LIVRO DO
PROFESSOR

BEM-ME-QUER mais

ARTE

Maria Helena Webster (Coord.)
Dafne Sense Michellepis
Mairah Rocha
Maucha Rocha Barros
Stella Ramos

1º ano



Editora do Brasil

Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

BEM-ME-QUER mais

ARTE

1º ano

Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Arte

LIVRO DO **PROFESSOR**

Maria Helena Webster (Coord.)
- Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
- Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Coordenadora de livros didáticos nas áreas de Linguagens, Educação Digital e Direitos Humanos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio
- Formadora de coordenadores e professores na área de Arte
- Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
- Idealizadora e autora de conteúdo para *sites* de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis
- Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)
- Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alfamérica
- Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
- Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
- Professora especialista de dança no ensino formal
- Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento
- Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Mairah Rocha
- Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (Fasm)
- Cantora e percussionista corporal
- Educadora musical
- Diretora de escola de música e teatro em São Paulo
- Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
- Coautora de livros paradidáticos e didáticos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental
- Professora especialista em Música para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Anos Iniciais)
- Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos

Maucha Rocha Barros
- Formada em Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
- Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
- Diretora de escola de música e teatro em São Paulo
- Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
- Coautora e colaboradora em livros paradidáticos e didáticos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental
- Professora especialista de Teatro em cursos livres
- Professora especialista de Música para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental

Stella Ramos
- Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do ABC (UFABC), com menção honrosa
- Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Formadora, mediadora, avaliadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte-Cultura
- Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
- Autora e coautora de ações artísticas que mesclam Poesia e Artes Visuais
- Artista educadora em Artes Visuais, com ênfase em espaços de educação não formal
- Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2ª edição
São Paulo, 2025

"Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada"

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais : arte : 1º ano : ensino fundamental : anos iniciais / Dafne Sense Michellepis...[et al.] ; Maria Helena Webster (coord.). -- 2. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2025. -- (Bem-me-quer mais)

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros, Stella Ramos
ISBN 978-85-10-10821-8 (aluno)
ISBN 978-85-10-10820-1 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena. VI. Série.

25-268122 CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Arte : Ensino fundamental 372.5
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2025
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Paulo Serino de Souza

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial de conteúdo didático: Tatiany Telles Renó
Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires
Supervisão de design: Catherine Saori Ishihara
Supervisão de arte: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Elaine Cristina da Silva
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Priscila Hernandez
Supervisão de controle e planejamento editorial: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Luciana Sposito

Supervisão editorial: Nathalia Cristine Folli Simões
Consultoria técnico-pedagógica: Clara de Freitas Figueiredo
Edição: Flavia Delalibera Iossi e Pedro Andrade Bezerra
Apoio editorial: Eduardo Passos (edição), Juliana Simões (assistência) e Kelly Miwa Haraguchi (edição)
Revisão: Alexander Siqueira, Andréia Andrade, Beatriz Dorini, Bianca Oliveira, Danielle Costa, Gabriel Ornelas, Giovana Sanches, Jéssie Panegassi, Júlia Rodrigues, Maisa Akazawa, Martin Gonçalves, Rita de Cássia Costa, Rosani Andreani, Sandra Fernandes, Vitor Silva e Yasmin Fonseca
Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade e Marcia Sato
Tratamento de imagens: Robson Mereu
Design gráfico: Rafael Gentile, Diego Lima e Talita Lima
Capa: Rafael Gentile
Imagem de capa: Catrin
Edição de arte:
Ilustrações: Caroline
Mathias Townsend, [illegible]hutterstock.com, ArtHub02/Shutterstock.com, cgterminal/Shutterstock.com, Golovina Marina/Shutterstock.com, Hoowy/Shutterstock.com, Hoowy/Shutterstock.com, Lauritta/Shutterstock.com, Mintoboru/Shutterstock.com, Natykach Nataliia/Shutterstock.com, OlekStock/Shutterstock.com, omravestudio/Shutterstock.com, PxB/Shutterstock.com, Soifer/Shutterstock.com, toonsteb/Shutterstock.com, Vadim Gizatullin/Shutterstock.com, Vector Stock Pro/Shutterstock.com
Editoração eletrônica: Ab Aeterno
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Solange Rodrigues e Tainá Esposto
Controle e planejamento editorial: Bianca Gomes, Isabel Ferreira, Julia Narvas, Juliana Gonçalves, Larissa Facco, Liliam Gagliardi, Maria Trofino, Renata Vieira e Valéria Alves

2ª edição / 1ª impressão, 2025
Impresso no parque gráfico da...

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Avenida das Nações Unidas, 12901
Torre Oeste, 20º andar
São Paulo, SP – CEP: 04578-910
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

OLÁ! TUDO BEM?

ESTE LIVRO FOI CRIADO E ESCRITO PARA VOCÊ. PENSAMOS NAS BOAS EXPERIÊNCIAS QUE TERÁ COM AS ARTES NESTES PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

NELE, FALAMOS E EXPERIMENTAMOS DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE: MÚSICA, DANÇA, ARTES VISUAIS E TEATRO. SINTA-SE LIVRE PARA RELACIONAR TUDO O QUE MOSTRAMOS AQUI À SUA VIDA. DURANTE ESTE ANO, VAMOS PENSAR JUNTOS NA PESSOA MAIS IMPORTANTE: VOCÊ. COMO VOCÊ É? COMO SE EXPRESSA?

SEJA BEM-VINDO A ESSA JORNADA QUE FAREMOS JUNTOS!

AS AUTORAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

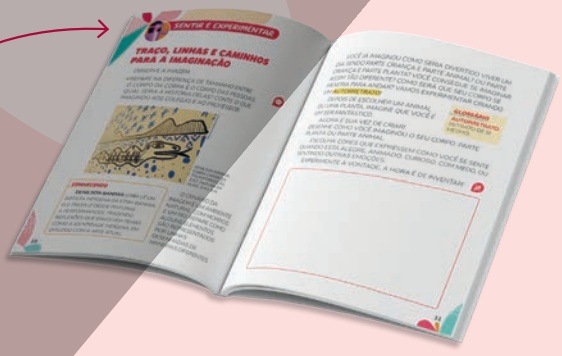
CONHEÇA SEU LIVRO

SEU LIVRO TEM 4 UNIDADES. VAMOS DESCOBRIR COMO ELAS ESTÃO DIVIDIDAS?



ABERTURA DE UNIDADE
EM TODAS AS UNIDADES, VOCÊ ENCONTRARÁ UMA GRANDE IMAGEM E ALGUMAS PERGUNTAS PARA COMEÇARMOS NOSSA CONVERSA.

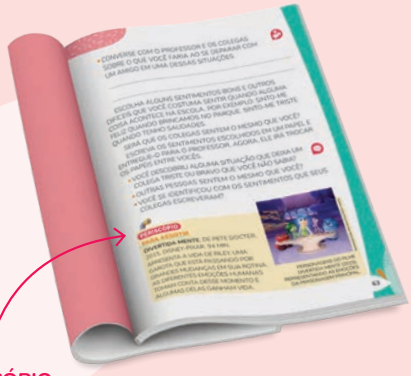
CONHECENDO
AQUI, VOCÊ CONHECE MELHOR O ARTISTA OU O MOVIMENTO ARTÍSTICO ESTUDADO.



SENTIR E EXPERIMENTAR
É O MOMENTO DE VOCÊ CONHECER CADA LINGUAGEM DA ARTE POR MEIO DE EXPERIMENTAÇÕES E CRIAÇÕES.



PARA SABER MAIS
VOCÊ IRÁ LER E DISCUTIR TEXTOS QUE APROFUNDAM OS ASSUNTOS TRABALHADOS NA UNIDADE COM O OBJETIVO DE AMPLIAR SEUS CONHECIMENTOS.



PERISCÓPIO
NESTA SEÇÃO, VOCÊ TERÁ SUGESTÕES DE LIVROS, *SITES* E FILMES PARA AMPLIAR OS CONHECIMENTOS SOBRE OS ASSUNTOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GIRAMUNDO
TRAZ INFORMAÇÕES E ATIVIDADES QUE LIGAM A ARTE A OUTRAS ÁREAS DO SABER, COMO MATEMÁTICA, LÍNGUA PORTUGUESA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS.





CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR
VOCÊ E OS COLEGAS VÃO REFLETIR SOBRE QUESTÕES IMPORTANTES DE NOSSA SOCIEDADE, ANALISAR ALGUNS PROBLEMAS E BUSCAR UMA SOLUÇÃO, CONTRIBUINDO PARA MELHORAR O MUNDO.

REVENDO O QUE APRENDI
ATIVIDADES DE REVISÃO DOS ASSUNTOS TRABALHADOS NA UNIDADE PARA VOCÊ REFLETIR SOBRE SUA APRENDIZAGEM.



Neste livro, você [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- TCT MULTICULTURALISMO
- ATIVIDADE EM DUPLA
- ATIVIDADE PRÁTICA
- ATIVIDADE A SER FEITA EM CASA, COM A FAMÍLIA
- TCT CIÊNCIA E TECNOLOGIA
- ATIVIDADE EM GRUPO
- PESQUISA
- ATIVIDADE NO CADERNO
- ÁUDIO
- TCT CIDADANIA
- ATIVIDADE DE DESENHO E PINTURA
- ATIVIDADE ORAL
- CONVERSA EM GRUPO
- INFOGRÁFICO CLICÁVEL

SUMÁRIO

UNIDADE 1 • OLHAR PARA NÓS MESMOS 8

SENTIR E EXPERIMENTAR – TRAÇO, LINHAS E CAMINHOS PARA A IMAGINAÇÃO 10

ARTE NO CORPO 12

INFOGRÁFICO CLICÁVEL 12

IMAGINAR FORMAS DIFERENTES PARA O CORPO 14

IMAGINAÇÃO EM MOVIMENTO 15

INFOGRÁFICO CLICÁVEL 18

GIRAMUNDO – INVESTIGAÇÃO: DE ONDE VEM A COR? 19

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR – TODO DIA É DIA DOS POVOS INDÍGENAS: MUITOS E DIVERSOS! 22

REVENDO O QUE APRENDI 24

UNIDADE 2 • DESCOBRIR PELO CORPO 28

SENTIR E EXPERIMENTAR – BRINCANDO COM OS TAMANHOS 30

MEU BONECO, MEU AMIGO 32

FORMAS VIVAS 34

INFOGRÁFICO CLICÁVEL 35

CONSTRUIR RETRATOS 36

INFOGRÁFICO CLICÁVEL 36

ARTE EM MOVIMENTO 38

GIRAMUNDO – BONECO REAL E O MUNDO DIGITAL 40

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR – VER POR PALAVRAS: PRÁTICA DE INCLUSÃO 42

REVENDO O QUE APRENDI 44

UNIDADE 3 • MEU CORPO – MUITAS FORMAS DE SE EXPRESSAR 48

SENTIR E EXPERIMENTAR – COMO ME VEJO? COMO ME SINTO? 50

CARETAS E EXPRESSÕES 51

O CORPO QUE FALA 54

EXPRESSANDO-SE COM SONS 56

ÁUDIO 1 56

ÁUDIO 2 59



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GIRAMUNDO – DANDO VOZ AOS SENTIMENTOS 60
CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR – ACOLHENDO AS EMOÇÕES 62
INFOGRÁFICO CLICÁVEL 62
REVENDO O QUE APRENDI 64

UNIDADE 4 • DESCOBRINDO OS SONS DO CORPO **68**
SENTIR E EXPERIMENTAR – OS SONS DO CORPO 70
ÁUDIO 3 71
A VOZ 72
INFOGRÁFICO CLICÁVEL 72
ÁUDIO 4 72
ÁUDIO 5 72
OUTROS SONS QUE VÊM DA BOCA 73
ÁUDIO 6 73
ÁUDIO 7 73
A PERCUSSÃO CORPORAL 74
ÁUDIO 8 74
ÁUDIO 9 74
ÁUDIO 10 74
JOGO DA FLECHA 75
JOGOS DE MÃO E PÉ 76
ÁUDIO 11 76
BRINCADEIRAS COM O CORPO TODO 77
MORCEGO E MARIPOSA 78
UMA DANÇA ANIMAL 79
GIRAMUNDO – O QUE É O SOM? 80
CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR – O SOM DA VOZ É SEMPRE AGRADÁVEL? 82
REVENDO O QUE APRENDI 84

MATERIAL COMPLEMENTAR 89
REFERÊNCIAS 95



UNIDADE 1

OLHAR PARA NÓS MESMOS

OBSERVE AS CRIANÇAS DA IMAGEM.

- QUANTOS ANOS VOCÊ ACHA QUE ELAS TÊM?
- COMO SERÁ O LUGAR ONDE MORAM?
- QUAIS CORES VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NESSAS CRIANÇAS?
- COMO SÃO AS CRIANÇAS COM QUEM VOCÊ CONVIVE? Respostas pessoais.



CONHECENDO

ARISSANA PATAXÓ (1983-) É UMA ARTISTA INDÍGENA DA ETNIA PATAXÓ QUE NASCEU EM PORTO SEGURO, NA BAHIA. SUAS PINTURAS RELACIONAM A CULTURA TRADICIONAL DOS POVOS INDÍGENAS COM QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS.

ARISSANA PATAXÓ. [*SEM TÍTULO*], 2009. TINTA SOBRE TELA, 50 CM × 80 CM (DETALHE).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Conhecer e valorizar a cultura indígena.
- Experimentar e aplicar cores e linhas em diferentes contextos artísticos.
- Analisar e comparar noções de cor e linha nas obras de artistas diversos.
- Refletir sobre o próprio corpo e produzir outras formas de subjetividade na arte.

Pré-requisitos

Para realizar as propostas desta unidade, é necessário que os estudantes conheçam as cores, percebam a composição dos diferentes espaços e meios e trabalhem em equipe para que os objetivos sejam alcançados. Eles devem perceber e conhecer as partes do corpo humano e do corpo dos animais, respeitar o outro, ter empatia, compreender as diferenças e conseguir estar e ser no espaço coletivo, elementos essenciais trabalhados nesta unidade.

Orientações

Professor, esta etapa marca o ingresso nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os estudantes que chegam a esse novo ciclo estão passando por mudanças significativas e já trazem repertórios próprios, com marcas de identidade, pertencimento cultural e comunitário. Desde o início, vamos trabalhar com base nesse repertório, combinando-o com novas referências. Buscamos estimular a experimentação, a reflexão e a contextualização, sempre considerando as vivências prévias dos estudantes. É essencial acolhê-los e apoiar o processo de desenvolvimento da autonomia deles.

Esta unidade propõe reflexões sobre a cultura brasileira, com ênfase em uma de suas matrizes: a indígena. A presença dessa matriz [illegible] diálogo com outros conteúdos da Arte, por meio de obras [illegible] visuais indígenas e de outras tradições, brasileiras e estrangeiras. Buscamos promover um olhar que considere tanto a ancestralidade quanto a produção indígena contemporânea, rompendo com visões estagnadas e estereotipadas. A arte indígena atual não rompe necessariamente com a tradição, mas dialoga com ela. Também propomos reflexões sobre a diversidade étnica e linguística dos povos indígenas, evitando abordagens homogêneas e reducionistas.

Abordaremos também alguns elementos das artes visuais, como linha e cor.

O eixo central da unidade é o corpo e suas possibilidades de expressão e representação, explorando movimento e estrutura. Além disso, são apresentados artistas visuais indígenas contemporâneos, rompendo com a imagem estagnada no tempo e incentivando o reconhecimento da diversidade cultural indígena. Ao longo da unidade, serão propostas atividades que envolvem cor, linha e construções bidimensionais. O foco está na aproximação dos estudantes com a linguagem visual e teatral de maneira livre, lúdica e significativa.

Sugestão de leitura

- MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho:* a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1984.

O livro aborda pesquisas sobre o desenvolvimento do desenho e propõe reflexões sobre o processo de educação em arte.

Glossário dos termos do livro

Espaço do desenho: ambiente simbólico, físico e pedagógico onde o desenho acontece, para além do papel.

Garatuja: traço ou rabisco espontâneo feito por crianças pequenas que marca o início da expressão gráfica e do desenvolvimento do desenho.

Jogo simbólico: é a forma como a criança atribui significados aos seus desenhos; é o início da representação.



Arissana Pataxó/Acervo da artista

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Analise a imagem atentamente com os estudantes. Dê-lhes um tempo para uma primeira leitura individual, sugerindo que a observem sem pressa para perceber aos poucos o que a imagem apresenta. Se houver estudantes com deficiência visual, descreva a imagem para eles, em camadas: o que está representado, as cores, as formas, as texturas sugeridas. Pode haver uma segunda etapa que descreve a atmosfera da pintura. Depois, abra a conversa para a turma, perguntando quem são as pessoas representadas, como é o lugar onde estão, que objetos estão segurando ou usando. Na sequência, siga para as questões mais formais e simbólicas: Por que será que as crianças foram representadas tão coloridas? O que você sente ao vê-las assim? Deixe que os estudantes expressem livremente suas respostas, sem julgar ou apontar acertos ou erros. Em um segundo momento, busque conectar as respostas retomando-as na perspectiva dos interesses e histórias do contexto da turma.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 6 e 9.

Competências específicas de Linguagens: 1 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR24 e EF15AR25.

Dimensões da Arte: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão.

Respostas

- Ao longo deste ano, trabalharemos a percepção de identidade do estudante partindo de seu próprio corpo. Ao encontrar uma representação de pessoas com idades diferentes e brincar com a possibilidade de adivinhar suas idades, o estudante passa a se observar também. "Será que esse colega é maior ou menor do que eu?" é um pensamento que pode facilmente surgir, e que leva à observação da imagem e à percepção do próprio corpo.
- Ao observar a representação do lugar em que as pessoas retratadas no quadro habitam, podem surgir várias discussões. A natureza, para os indígenas, é mais do que um território a ser ocupado; faz parte de sua cultura e de seu modo de vida, ainda que muitos deles habitem em ambientes urbanos na contemporaneidade. A partir da realidade específica da cidade, do bairro, da escola e da turma, apresente o assunto como uma investigação que faça comparações.
- A terceira pergunta trabalha a introdução do tema "cor" para artes visuais. A abordagem será exploratória, propondo aos estudantes que experimentem combinações, texturas e gestos. É importante dar espaço a eles para que tenham liberdade de experimentação.
- A última pergunta tem resposta pessoal. Busque estimular os estudantes a resgatar suas vivências e a compartilhá-las com os colegas.

Orientações

Neste início de unidade, abordamos dois elementos essenciais das artes visuais: a linha e a cor (esta já apresentada como leitura de imagem no início da unidade). A obra de Denilson Baniwa propõe uma reflexão sobre a diversidade de possibilidades do uso deste elemento. Converse com os estudantes sobre como a linha não é apenas um contorno usado no desenho, mas que ela pode mudar a característica de uma imagem. Na obra de Baniwa, pergunte quais variações de possibilidades eles veem. Chame a atenção para as linhas paralelas que preenchem as montanhas, as texturas que representam as estrelas ou as ondas que são sugeridas no rio pelo movimento do corpo da cobra. Vale também apontar as diferenças na natureza das linhas utilizadas, algumas mais finas, outras mais densas, algumas firmes e outras mais aeradas. Estimule-os a compartilhar suas ideias sobre as possíveis histórias das pessoas retratadas na imagem. Deixe que se expressem livremente, acolhendo todas as ideias que possam surgir.

Para aprofundar

A primeira coisa a saber sobre cores é que podemos classificar dois grandes modos de percebê-las: a **cor-luz**, que é uma faixa específica dentro do espectro de raios luminosos percebidos pelo olho humano (nosso olho identifica aquela faixa como determinada cor e suas variações de tonalidade); e a **cor-pigmento**, na qual a variação que nosso olho percebe se relaciona com a percepção do espectro que temos a partir de diferentes materialidades (é por essa razão que a mesma tinta pode parecer ter diferenças de tonalidade de acordo com as superfícies onde é usada).

Podemos também compreender as cores por um olhar sob... luminoso. As cores primárias (azul, amarelo e vermelho) têm esse... que são os elementos compositores de todas as outras. As cores secundárias se formam da combinação de duas cores primárias. Já as cores complementares são as que compreendem, de um lado, uma cor primária, e, de outro, uma cor secundária. Podemos dizer que laranja (vermelho + amarelo) é complementar ao azul. Por outro lado, as cores que se assemelham e estão próximas no espectro são chamadas de cores análogas. A imagem do círculo cromático a seguir exemplifica essas relações.

Não é necessário ou desejável que você dê uma aula explicando detalhes sobre como nomear cores-pigmento ou cores-luz; mas, sim, que esteja preparado para responder às eventuais perguntas que os estudantes fizerem, ampliando o repertório sobre cores e suas combinações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SENTIR E EXPERIMENTAR

TRAÇO, LINHAS E CAMINHOS PARA A IMAGINAÇÃO

OBSERVE A IMAGEM.

- REPARE NA DIFERENÇA DE TAMANHO ENTRE O CORPO DA COBRA E O CORPO DAS PESSOAS. QUAL SERIA A HISTÓRIA DELAS? CONTE O QUE IMAGINOU AOS COLEGAS E AO PROFESSOR.

Resposta pessoal.



Denilson Baniwa/Coleção do artista

DENILSON BANIWA. *COBRA CANOA DA TRANSFORMAÇÃO*, 2017. PINTURA EM MURO, 3 M × 5 M.

CONHECENDO

DENILSON BANIWA (1984-) É UM ARTISTA INDÍGENA DA ETNIA BANIWA. ELE PRODUZ DESDE PINTURAS A *PERFORMANCES*, TRAZENDO REFLEXÕES QUE ENVOLVEM TEMAS ... A IDENTIDADE INDÍGENA, EM DIÁLOGO COM A ARTE ATUAL.

O CENÁRIO DA IMAGEM É UM AMBIENTE NATURAL, COM MORROS E UM RIO. REPARE COMO ALGUNS ELEMENTOS SÃO REPRESENTADOS POR LINHAS DESENHADAS DE MANEIRAS DIFERENTES.



Fabiano Moura

Círculo cromático com cores primárias, complementares e variações de tonalidades.

Atividade complementar

Proponha aos estudantes uma experimentação na combinação de cores. Eles vão experimentar duas maneiras de combinar cores. Para isso, você precisará providenciar tintas nas cores amarela, azul e vermelha e também folhas de papel celofane, nas mesmas cores. Primeiro proponha a eles que façam misturas nas tintas, de duas em duas cores. Depois de uma primeira experimentação, proponha que façam pequenas alterações nas proporções (em vez de metade de cada cor, usar uma delas em maior proporção). A cada cor feita, registre-a em uma cartolina, com uma pincelada de cada cor. Reserve as cores. Ao final, elas podem ser usadas em uma pintura coletiva.

VOCÊ JÁ IMAGINOU COMO SERIA DIVERTIDO VIVER UM DIA SENDO PARTE CRIANÇA E PARTE ANIMAL? OU PARTE CRIANÇA E PARTE PLANTA? VOCÊ CONSEGUE SE IMAGINAR ASSIM TÃO DIFERENTE? COMO SERÁ QUE SEU CORPO SE MEXERIA PARA ANDAR? VAMOS EXPERIMENTAR CRIANDO UM AUTORRETRATO!

DEPOIS DE ESCOLHER UM ANIMAL OU UMA PLANTA, IMAGINE QUE VOCÊ É UM SER FANTÁSTICO.

GLOSSÁRIO

AUTORRETRATO: RETRATO DE SI MESMO.

AGORA É SUA VEZ DE CRIAR! DESENHE COMO VOCÊ IMAGINOU O SEU CORPO: PARTE PLANTA OU PARTE ANIMAL.

ESCOLHA CORES QUE EXPRESSEM COMO VOCÊ SE SENTE QUANDO ESTÁ ALEGRE, ANIMADO, CURIOSO, COM MEDO OU SENTINDO OUTRAS EMOÇÕES.

EXPERIMENTE À VONTADE, A HORA É DE INVENTAR!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A seguir, apresente as folhas de celofane. Separe a turma em duplas ou trios, cada grupo com as três cores primárias. Proponha que experimentem combiná-las, também de duas em duas, usando uma janela como suporte, para que as cores se mesclem criando diferentes combinações.

Ao final, reúna toda a turma e converse sobre as impressões que tiveram a partir dessas duas experimentações distintas.

Foco na BNCC

EF15AR02 Ao criar o autorretrato, os estudantes exploram e reconhecem elementos constitutivos das artes visuais, como linha, forma e cor.

EF15AR25 Nesta unidade, os estudantes irão conhecer e valorizar o patrimônio cultural ao comparar e refletir sobre as diversas linguagens artísticas utilizadas por artistas indígenas de diferentes povos.

Orientações

A prática proposta é uma experimentação com linhas, com a materialidade da tinta e com as cores, para criar uma figura que mistura formas humanas e formas naturais. Inicie a aula pedindo aos estudantes que analisem as imagens das páginas 8, 9 e 10. Chame a atenção deles para os elementos nas pinturas: a riqueza de cores, as linhas, partes do corpo que são maiores ou menores, entre outras explorações. Anime-os a imaginar sem receio de errar.

Incentive-os a buscar elementos da natureza ou animais com os quais se identifiquem. Peça que pensem nas características de seu personagem. Por exemplo: um menino-pássaro pode voar, uma menina-folha pode flutuar.

Em seguida, encoraje os estudantes a experimentar misturas de cores, sem esperar um resultado determinado. Deixe que explorem por si mesmos e descubram fazendo. É muito comum que eles acabem por misturar todas as cores, obtendo como resultado uma massa escura. Não há problema algum; use essa experiência para retomar a experimentação com uma quantidade menor de cores, duas ou três, ou retome a experiência da atividade complementar indicada anteriormente. Pode ser interessante também aproveitar para explorar diferentes suportes: tipos de papel, tipos de tinta etc. Caso haja estudantes cegos ou com baixa visão, você pode explorar o contorno tátil das formas ou a textura da tinta nas mãos.

Por fim, as duas fases anteriores irão convergir em um autorretrato com partes animais ou vegetais. Chame a atenção deles para como as cores ficam uma ao lado da outra e não sobrepostas, sempre considerando o que estão fazendo. É importante lembrar que não se trata de "acertar" a cor das coisas: se o céu estiver vermelho e o rosto verde, não está incorreto. Lembre-se de que os estudantes estão criando representações simbólicas.

Orientações

Leia a imagem com os estudantes. Peça que observem como o corpo das pessoas retratadas compõe a imagem final. Amplie a leitura levantando possibilidades e curiosidades sobre como os corpos foram organizados para criar a forma final do camaleão. Converse com eles sobre como a pintura corporal, a posição dos corpos e o fundo da imagem criam, juntos, a ilusão de outro ser, e sobre a estrutura que as cores e linhas formam. Um exercício interessante é propor que imaginem essa imagem sem as cores e, em seguida, sem as linhas. As mudanças certamente seriam imensas, não é? Essa percepção aponta para a cor e para a linha como elementos estruturantes dessa imagem.

Verifique se as respostas à pergunta são pertinentes à imagem e ao que o artista traz como representação. A observação da posição pode ajudar os estudantes a identificar as partes do corpo. Fique atento para que a observação não se encerre no mero jogo de adivinhação. Aprofunde a discussão chamando a atenção para a composição de cores e formas realizada pelo artista e também sobre como a posição de cada pessoa é aproveitada no conjunto final. Aponte a presença e escolha das cores e linhas, mesmo que trabalhadas digitalmente, buscando estabelecer relações com o conteúdo abordado.

O artista Johannes Stoetter (1978-) trabalha com composição de corpos pintados de maneira a criar ilusões na elaboração de outras figuras. Se possível, visite o *site* do artista, disponível em: https://www.johannesstoetterart.com (acesso em: 12 abr. 2025). Lá há outras imagens semelhantes e um vídeo com a imagem do camaleão em movimento.

Para aprofundar

As linhas são as estruturas básicas dos elementos visuais e o elemento fundamental do desenho. Elas podem ter características diversas: contínuas, interrompidas ou tracejadas, com diferentes espessuras e intensidades. O modo como as linhas são feitas é importante: elas podem criar formas geométricas ou orgânicas. A intensidade do traçado pode nos trazer sensações diversas, tanto visuais (por exemplo, uma linha mais espessa em um determinado trecho pode evocar a sensação de volume) quanto subjetivas (delicadeza, força etc.).

ARTE NO CORPO

INFOGRÁFICO CLICÁVEL



Johannes Stötter

JOHANNES STÖTTER, *CAMALEÃO*. FOTOGRAFIA E PINTURA CORPORAL, 2015.

OBSERVE ATENTAMENTE A IMAGEM. VOCÊ CONSEGUE VER AS DUAS PESSOAS QUE FORMAM O CAMALEÃO?

HÁ MUITAS CORES E FORMAS DIFERENTES, NÃO É MESMO? VOCÊ PODERIA IDENTIFICAR COMO O CORPO DAS PESSOAS FOI POSICIONADO PARA FORMAR A FIGURA DO CAMALEÃO?

Resposta pessoal.

PERISCÓPIO

PARA VISITAR

MUSEU DO ÍNDIO, NO *SITE* DESSE MUSEU, É POSSÍVEL CONHECER CARACTERÍSTICAS DE DIVERSOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.GOV.BR/MUSEUDOINDIO/PT-BR. ACESSO EM: 20 JAN. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o conteúdo sobre arte no corpo, solicite aos estudantes que acessem o infográfico clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

VAMOS BRINCAR DE INVENTAR LINHAS? COMECE EXPERIMENTANDO DE MANEIRA LIVRE NO QUADRO A SEGUIR, DEPOIS SIGA DESENHANDO EM ESPAÇOS MAIORES.

IMAGINE QUE A LINHA CONTA UMA HISTÓRIA E CONTINUE A DESENHAR. DEIXE SUA MÃO LIVRE PARA CRIAR.

DEPOIS DE EXPERIMENTAR BASTANTE, ESCOLHA ALGUMAS DAS FORMAS QUE VOCÊ FEZ E GOSTOU. ENTÃO, BRINQUE COM A LINHA NO PRÓPRIO CORPO.

USE TINTA GUACHE E UM PINCEL. VOCÊ PODE DESENHAR EM SUAS MÃOS, NOS BRAÇOS E NAS PERNAS. CRIE UM DESENHO QUE VOCÊ GOSTE: ELE SERÁ SÓ SEU!

FAÇA ESSA ATIVIDADE EM UM ESPAÇO ABERTO, EVITANDO ENCOSTAR EM PAREDES OU MÓVEIS. OBSERVE COMO AS LINHAS SE MOVEM A PARTIR DOS SEUS MOVIMENTOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O foco principal desta prática é a experimentação com linhas. Para iniciar, incentive os estudantes a traçar linhas de modo a criar movimentos com elas e explorar suas características, sem direcionar o trabalho. Depois que já tiverem explorado algumas possibilidades, mostre espessuras e direções diferentes que a linha pode tomar.

Quando a turma já estiver confortável com a investigação, passe para o desenho no corpo, como indicado na prática. Prepare os estudantes para esta prática, combinando com antecedência o uso de roupas que possam sujar ou eventualmente manchar. Busque também materiais seguros para a pele: tintas hipoalergênicas, canetas ou mesmo algo de base comestível.

Na segunda etapa, as relações de identidade continuam a ser investigadas; então, é importante que os estudantes criem algo que dialogue diretamente com suas experiências pessoais. Nesse sentido, é preciso que haja liberdade na identificação dos elementos gráficos e simbólicos que irão compor os desenhos na pele.

Além das questões da linguagem das artes visuais, a prática propõe uma abertura para que se discuta a matriz indígena como um dos elementos geradores de nossa cultura.

Ao final, converse com a turma de modo a retomar a experiência. Busque levantar os conhecimentos, descobertas e dificuldades envolvidas durante todo o processo.

Foco na BNCC

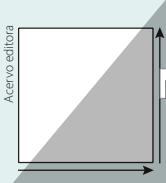
EF15AR02 Ao compor a história a partir do desenho de uma linha, os estudantes exploram elementos constitutivos das artes visuais.

Orientações

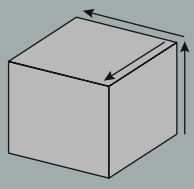
A fim de direcionar o olhar dos estudantes para a obra, utilize as perguntas do Livro do Estudante a respeito dos animais representados pela artista Fefê Talavera. Explore com eles a diversidade de detalhes, que torna cada criatura única e fantástica. Converse a respeito das infinitas possibilidades de criação no campo da imaginação, quando há liberdade para inventar corpos com parâmetros diversos dos que encontramos no mundo real. A partir disso, pensem conjuntamente: Vocês conseguem imaginar o processo de criação do artista? Fale com os estudantes a respeito das formas e cores usadas na pintura, conversem sobre como elas podem realçar alguns dos elementos presentes no corpo dessas criaturas.

Atividade complementar

Até agora experimentamos práticas que privilegiaram criações bidimensionais. A prática a seguir busca trabalhar a construção tridimensional. Quando falamos em bidimensionalidade, nos referimos a uma superfície plana: as duas dimensões indicadas pelas setas na primeira figura se relacionam à altura e à largura do suporte, que pode ser papel, tela ou tecido, por exemplo. As imagens que chamamos de tridimensionais trazem um novo elemento: o volume. A dimensão que se soma às anteriores é a profundidade, como se vê na segunda figura.



Acervo editora



A construção dessa prática não segue um procedimento específico, mas propõe experimentações usando materiais diversos. Explore todo tipo de material disponível na escola ou organize uma coleta de elementos simples junto às famílias dos estudantes.

IMAGINAR FORMAS DIFERENTES PARA O CORPO



Galeria Jacques Ardies

FEFÊ TALAVERA. *CARNAVAL*, C. 2016. ACRÍLICA SOBRE TELA, 1,3 M X 1,4 M.

CONHECENDO

FEFÊ TALAVERA (1979-) É UMA ARTISTA BRASILEIRA, FILHA DE PAIS MEXICANOS.

EM SEUS TRABALHOS, É COMUM ENCONTRARMOS SERES IMAGINÁRIOS, ALGUNS BEM COLORIDOS, QUE PROVOCAM NOSSA IMAGINAÇÃO.

QUE ANIMAIS DIFERENTES!

VOCÊ JÁ TINHA VISTO CRIATURAS COM CORPOS ASSIM?

OBSERVE OS CHIFRES E OS DENTES. REPARE TAMBÉM NAS FORMAS E CORES QUE APARECEM NO CORPO DESSES ANIMAIS INVENTADOS. VOCÊ GOSTA DE INVENTAR SERES ASSIM?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

14

AGORA, VAMOS CRIAR UM PERSONAGEM E SUAS HISTÓRIAS!

PARA ISSO, SIGA OS PASSOS A SEGUIR.

1. INVENTE UM PERSONAGEM COM A TURMA. PODE SER UM ANIMAL, COMO A CRIATURA DA PINTURA, OU UMA COMBINAÇÃO ENTRE PESSOA E ANIMAL. O IMPORTANTE É QUE SEJA UM SER FANTÁSTICO. PODE ATÉ MESMO TER ALGUM SUPERPODER!
2. AINDA EM GRUPO, ESCOLHAM ALGO QUE REPRESENTE O PERSONAGEM IMAGINADO E QUE POSSA SER USADO POR VOCÊS: UM CHAPÉU, UMA CAPA OU OUTRA IDEIA QUE TIVEREM. PARA ISSO, UTILIZEM OS MATERIAIS QUE O PROFESSOR DISPONIBILIZAR.
3. É HORA DE CONTAR AS HISTÓRIAS VIVIDAS PELO PERSONAGEM! UM DE CADA VEZ COLOCA O ACESSÓRIO E CONTA UM PEDAÇO DA HISTÓRIA. USEM A IMAGINAÇÃO E O CORPO PARA REPRESENTAR.

IMAGINAÇÃO EM MOVIMENTO

NA PÁGINA 11, VOCÊ FOI CONVIDADO A IMAGINAR COMO SERIA SE FOSSE UM SER FANTÁSTICO, FAZENDO UM AUTORRETRATO.

VAMOS IMAGINAR QUE VOCÊ SE TRANSFORMOU EM UM OUTRO SER FANTÁSTICO. SÓ QUE AGORA PARTE HUMANO, PARTE ANIMAL.

E SE ALGO MÁGICO ACONTECESSE COM SEU CORPO? COMO SERÁ QUE VOCÊ SE MOVIMENTARIA? VAMOS EXPLORAR?

- SE METADE DE SEU CORPO FOSSE UMA COBRA, VOCÊ CONSEGUIRIA ANDAR? Respostas pessoais.
- E SE OUTRA PARTE FOSSE UM PASSARINHO? COMO SERIA SEUS MOVIMENTOS?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para a construção coletiva do personagem, proponha perguntas aos estudantes que possam ajudá-los nessa construção: O que torna esse personagem especial? Ele se parece com o quê? Ele tem algum poder? Qual é seu nome? Atue como mediador ao fazer com que fiquem à vontade para contar suas ideias.

Depois de criado o personagem, é o momento de construir o objeto que o represente. Lembre-se de que, na etapa de construção, é fundamental que os estudantes criem algo que possam vestir ou empunhar. Os materiais podem ser os mais variados: tecido, fita, papelão, cartolina, objetos de uso cotidiano etc. Explore possibilidades com eles; se algo não funcionar, partam para outras soluções. Construir algo que parece firme, mas se desfez ou desmontou, é natural no decorrer da exploração. O processo de exploração das técnicas construtivas é mais importante do que o resultado em si.

Com o objeto construído, é hora de os estudantes darem vida ao personagem e criarem a história. Peça a todos que se sentem em uma roda e proponha aos estudantes que, um por vez, vistam o objeto e deem vida ao personagem. Eles podem dançar, criar movimentos e gestos enquanto inventam um pedaço da história. É possível que o ritmo se intensifique a cada rodada. Ajude-os a lidar com a ansiedade ou timidez quando forem se apresentar no centro da roda. Busque criar um ambiente seguro, fundamentado em respeito e imaginação.

Em relação às perguntas do Livro do Estudante, é esperado que eles tragam respostas que trabalhem com as noções de deslocamento e novas formas de movimentação das criaturas propostas. Estimule-os a explorar a imaginação e a expressão corporal.

Foco na BNCC

EF15AR05 Os estudantes experimentam a criação em artes visuais de modo coletivo e colaborativo ao participar de maneira efetiva da atividade em grupo para inventar um personagem com características fantásticas.

Orientações

Até este momento foram apresentadas algumas obras que retratam pessoas e animais das mais diversas formas: pessoas dentro de animais, animal composto de pessoas, animais fantásticos. Agora, os estudantes terão a oportunidade de tentar se transformar em uma criatura misturada, como as apresentadas.

Inicie de forma mais livre, deixando que eles pensem em uma criatura diferente – metade animal, metade humana – e tentem reproduzi-la com o corpo. Para isso, você poderá dar sugestões: Serão pernas ou patas? Se forem de origem animal, como essa criatura se movimenta? Possui braços? Eles são longos, dobrados, moles, duros? Esse ser anda reto, ondulado, molenga? Ofereça algumas possibilidades, qualidades de movimentos (movimentos rápidos, lentos, bruscos, retos, ondulados, firmes, suaves, contínuos, etc.) que poderão servir de ideias para a criatividade dos estudantes. Oriente-os dizendo que não existe modo certo ou errado de fazer, apenas devem seguir a própria imaginação e explorar as possibilidades de seu corpo.

A canção "Composição estranha" aponta as características de uma criatura inventada. Faça uma leitura atenta com eles e, se possível, coloque a música para que a escutem. A música é do grupo MPB4 e pode ser facilmente encontrada na internet. Depois de escutarem e lerem atentamente a letra da canção, deixe que os estudantes registrem as características da criatura para, depois, experimentarem repro[illegible] corpo.

Como seria a "cara da [illegible] cionada na canção? Diga a eles que podem movimentar a cabeça e fazer diferentes expressões até encontrarem alguma que poderia representar essa ideia. O mesmo pode ser feito com os braços e todas as partes do corpo.

Ao final, peça a todos que mostrem e apresentem sua composição aos colegas. Conversem sobre como cada um criou sua composição, se fizeram movimentos parecidos ou diferentes, e como cada corpo interpretou a mesma descrição de maneira única.

AGORA, COM A AJUDA DE UM ADULTO QUE MORA COM VOCÊ, LEIA A LETRA DA MÚSICA A SEGUIR E FAÇA AS ATIVIDADES.

COMPOSIÇÃO ESTRANHA

USEI
A CARA DA LUA
AS ASAS DO VENTO
OS BRAÇOS DO MAR
PÉ DA MONTANHA
CRIEI UMA CRIATURA
UM BICHO, UMA COISA
UM NÃO SEI QUE LÁ
COMPOSIÇÃO ESTRANHA
O CORAÇÃO DA FLORESTA
BATIA EM SEU PEITO
E A SUA VOZ
BOCA DA NOITE PARA A SUA VOZ
BOCA DA NOITE PARA A SUA VOZ.



Diogo Ferreira

COMPOSIÇÃO ESTRANHA. INTÉRPRETE: MPB4. COMPOSITORES: RENATO ROCHA E RONALDO TAPAJÓS. *IN: ADIVINHA O QUE É*. RIO DE JANEIRO: UNIVERSAL MUSIC, 1981. 1 DVD, FAIXA 5.

GLOSSÁRIO

COMPOSIÇÃO: JUNÇÃO DE PARTES; FORMAÇÃO DE ALGO.

1. SEGUNDO O TEXTO, A CRIATURA TINHA CARA DE QUÊ?
Tinha a cara da Lua.
2. LOCALIZE NO TEXTO E ESCREVA EM SEU CADERNO O QUE BATIA NO PEITO DA CRIATURA. O coração da floresta.
3. FECHE OS OLHOS E IMAGINE ESSA CRIATURA. QUE NOME VOCÊ DARIA A ELA? Resposta pessoal.
VOCÊ CONSEGUE SE TRANSFORMAR NESSA COMPOSIÇÃO ESTRANHA? COMO SERIAM AS ASAS DO VENTO? E OS BRAÇOS DO MAR? BRINQUE COM SEU CORPO PARA REPRESENTAR ESSA CRIATURA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

As criaturas imaginárias que misturam animais e humanos são frequentes em lendas e mitos desde muito tempo e fazem parte do nosso imaginário. Essa mistura é conhecida como antropomorfismo. No Egito Antigo, diversos deuses tinham essas características, como Hórus, que tinha cabeça de falcão, os olhos representavam o Sol e a Lua, e o corpo era humano. Na mitologia grega também eram retratadas figuras semelhantes, como o Minotauro, uma criatura com cabeça de touro e corpo humano. Nas lendas indígenas, temos a Iara, metade humana, metade peixe, e tantas outras criaturas. A ideia e a imagem dessas criaturas atraem o interesse infantil e despertam a imaginação. Brincar com imagens desse tipo pode oferecer muitas possibilidades criativas aos estudantes, pois se trabalha com o que não é real.

NA PÁGINA 12, VIMOS A IMAGEM DE UM CAMALEÃO COMPOSTA POR DOIS CORPOS HUMANOS. SERÁ QUE VOCÊ, JUNTO AOS COLEGAS, TAMBÉM CONSEGUIRIAM FORMAR ANIMAIS COM O CORPO?

OBSERVE A IMAGEM.



Thamires Paredes

AGORA É COM VOCÊS!

EM GRUPOS DE QUATRO OU CINCO COLEGAS, TENTEM FORMAR UM PÁSSARO. DEPOIS, FORMEM UM JACARÉ.

COMO FAZER O RABO DELES? E AS PATAS?

ESCOLHAM OUTROS ANIMAIS E DIVIRTAM-SE.

DESENHE A SEGUIR O ANIMAL DE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE FAZER E ESCREVA O NOME DELE.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Nesse momento, é esperado que os estudantes tenham compreendido o que são linhas e que consigam produzir figuras com esse aprendizado. Além disso, eles devem explorar movimentos e posturas corporais inspirados em animais. Para verificar o aprendizado até aqui, organize a turma em grupos de cinco integrantes e entregue uma folha em branco para cada grupo. Eles deverão criar apenas um animal em conjunto. O primeiro estudante deve desenhar uma parte do corpo de um animal e dizer o que fez. Depois, ele passa a folha para o próximo colega, que desenha outra parte do corpo do animal, mas não pode ser do mesmo animal (se o primeiro desenhou uma pata de elefante, o segundo pode desenhar uma barriga de jacaré, por exemplo). Quando finalizarem, devem criar um nome para o animal formado e apresentá-lo para a turma, descrevendo quais partes de quais animais serviram de inspiração e quais recursos usaram (linhas, cores etc.). Observe, por exemplo, se compreenderam o conceito de linha (reta, curva, ondulada etc.); se conseguem utilizar linhas para representar visualmente as partes dos animais escolhidos; se têm noções iniciais de colaboração em grupo e expressão oral; se sabem observar, criar e descrever formas usando a linguagem visual.

Orientações

Nessa prática, é necessário que haja espaço para a movimentação dos estudantes. Pode ser o pátio, a quadra ou mesmo a sala de aula, com as carteiras afastadas. Trabalharemos a percepção do próprio corpo e as possibilidades de ampliação de repertório de movimentos pela observação de outros corpos.

Para iniciar, pergunte aos estudantes se eles conseguem, usando apenas o corpo, representar um animal sem se movimentar. É possível que alguns deles façam pássaros com asas abertas, cobras no chão, entre outras possibilidades. Agora, peça que façam a mesma coisa, mas em grupos. Você pode indicar o animal ou deixar que eles mesmos escolham. Eles podem usar o chão ou a parede, encostar apenas uma mão, os pés etc. Oriente os papéis de cada estudante no grupo e combine regras de respeito ao espaço e ao toque.

É possível que não consigam visualizar o resultado produzido com os colegas; nesse caso, auxilie-os. É importante eles compreenderem que a proposta é construir a figura de um animal de maneira que os corpos estejam todos conectados. Dê um tempo para que cada grupo encontre sua posição. Em turmas com estudantes cegos ou com baixa visão, priorize a descrição oral das composições e incentive a exploração tátil dos movimentos corporais dos colegas (com consentimento e mediação).

Depois de praticarem em pequenos grupos, peça à turma toda que tente criar a figura de um único animal misturando todos os corpos. Nesse caso, seja o "escultor". Se for possível, fotografe a figura criada e observe o resultado com os estudantes. Podem surgir questionamentos como: Por que não parece um jacaré? O que falta para parecer? Ou ainda: A boca está igual à do jacaré, mas o rabo ficou estranho.

Quem poderia mudar de posição para melhorarmos o rabo? Assim, é possível reconstruir e aperfeiçoar as criações.

Orientações

Escolha algumas lendas dos povos indígenas para contar aos estudantes. Sugestões: "Uiara", "Lenda da mandioca", "Curupira", "Boto", entre outras que julgar adequadas. São lendas conhecidas e estão disponíveis em livros e diversas plataformas na internet, tanto em texto como em vídeo.

Depois, converse com eles sobre as características principais que notaram em cada lenda e o que essas histórias têm em comum. Auxilie-os a compreender quais personagens são fantásticos e quais poderiam ser reais.

As lendas dos povos indígenas, em geral, são histórias que envolvem seres fantásticos e acontecimentos mágicos. Elas fazem parte da cultura indígena e, como todos os mitos e lendas, foram criadas para dar sentido a tudo que os seres humanos não conseguiam explicar. São transmitidas pela oralidade, dos mais velhos para os mais jovens, e, atualmente, muitas foram incorporadas ao folclore brasileiro, com algumas variações dependendo da região em que são contadas. Entende-se o folclore como um conjunto de costumes, crenças, lendas, mitos, danças e outras manifestações culturais que são passadas de geração a geração, principalmente pela oralidade. Se possível, acesse o artigo "Folclore da educação: abordagem antirracista e transformação social", disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21916/folclore-na-educacao-abordagem-antirracista (acesso em: 29 jul. 2025), para mais informações sobre como abordar a cultura folclórica de forma crítica e respeitosa.

Além de explicar fen[illegible] rais, as lendas demonstram respeito e gratidão por tudo o que a [illegible] fornece aos seres humanos. Costumam também revelar a íntima relação dos povos indígenas com a natureza.

É fundamental que a escola promova a cultura indígena e valorize sua riqueza, enfatizando que é parte essencial da cultura brasileira e de nossas raízes. Trabalhar com as diversas lendas dos povos indígenas é uma forma de aproximar os estudantes desse universo e ampliar a relação deles com o meio ambiente.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o conteúdo sobre lendas indígenas, solicite aos estudantes que acessem o infográfico clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

PARA SABER MAIS

LENDAS DOS POVOS INDÍGENAS

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

AS LENDAS DOS POVOS INDÍGENAS TÊM DIVERSOS SERES E EXPLICAM O MUNDO DE JEITOS DIFERENTES. CADA POVO TEM SUAS HISTÓRIAS, ENSINAMENTOS E SABEDORIAS.

ESSAS HISTÓRIAS EXPLICAM A ORIGEM DAS COISAS, COMO O SOL E A MANDIOCA, E NOS ENSINAM A CUIDAR DA NATUREZA.

MUITAS DESSAS LENDAS SÃO SOBRE PERSONAGENS BASTANTE CONHECIDOS DE NOSSA CULTURA POPULAR.



Mathias Townsend

- VOCÊ CONHECE ESSES PERSONAGENS? COMPLETE OS NOMES DELES ABAIXO.

S A C I - P E R E R Ê

I A R A

B O I T A T Á

C U R U P I R A

- VOCÊ CONHECE A HISTÓRIA DE ALGUM DELES?

Resposta pessoal de acordo com o conhecimento e vivências dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Foco nos TCTs

TCT

Multiculturalismo - Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

Ao conhecer as lendas indígenas, os estudantes ampliam sua compreensão sobre a formação cultural do Brasil. Essas histórias revelam diferentes formas de ver e se relacionar com o mundo, contribuindo, dessa forma, para que os estudantes reconheçam e valorizem a diversidade de povos que compõem a cultura brasileira.

Para aprofundar

A tradição da oralidade, presente nas lendas dos povos indígenas, também pode ser observada em outros grupos, como os quilombolas. Descendentes de africanos escravizados, os quilombolas mantêm viva a tradição oral de contação de histórias, muitas vezes representada na figura dos **griôs**. Suas lendas falam de encantamentos, seres da floresta, espíritos da água e forças invisíveis que habitam a natureza. Por meio delas, são ensinados e reforçados valores importantes para esses povos, além de manter suas memórias e tradições vivas.

GIRAMUNDO

INVESTIGAÇÃO: DE ONDE VEM A COR?

VOCÊ SABE COMO AS TINTAS SÃO FEITAS? JÁ IMAGINOU QUE TIPOS DE MATERIAL SÃO USADOS PARA CRIAR AS CORES?

VAMOS INVESTIGAR!

AGORA VOCÊ SERÁ UM ARTISTA E UM CIENTISTA AO MESMO TEMPO PARA DESCOBRIR O QUE FUNCIONA COMO TINTA E O QUE NÃO FUNCIONA. VAMOS COMEÇAR?

PARTE 1

PEGUE MATERIAIS NA NATUREZA E ESFREGUE-OS COM CUIDADO NOS QUADROS ABAIXO. PODEM SER GALHOS, FLORES, FOLHAS, O QUE VOCÊ ENCONTRAR!

OBSERVE SE COM ALGUM DELES VOCÊ É CAPAZ DE COLORIR OS ESPAÇOS A SEGUIR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nessa prática, os objetivos são: compreender pigmentos e pigmentação (artes) e fazer pesquisa, envolvendo tentativa e erro, registro e compartilhamento (ciências). Ela propõe o encontro entre alguns pontos comuns dos processos artísticos e científicos e, para isso, não há um caminho fixo, mas você pode ajudar os estudantes com perguntas que os façam buscar esses objetivos.

Pergunte quais coisas eles conhecem que são coloridas. Em seguida, pergunte se lembram que tipos de material podem deixar as mãos manchadas. Inicie o processo de investigação pela escola. O registro das tentativas é importante do ponto de vista da pesquisa científica e, também, da artística.

Depois que todos falarem de seus processos, é hora de ajudá-los a dar um passo além: descobrir se podem chegar a alguma conclusão observando os experimentos da turma. Os estudantes provavelmente perceberão que um objeto colorido nem sempre libera pigmento e que as cores podem sofrer alterações com o tempo.

Foco na BNCC

EF15AR04 Os estudantes experimentam a pintura usando materiais naturais ao investigar e explorar os diferentes tons de tintas.

Articulação interdisciplinar

Ciências

Esta seção busca trabalhar alguns procedimentos das artes visuais de modo interdisciplinar com Ciências da Natureza, focando uma atividade processual. Embora haja algumas características comuns entre as artes e as ciências – como exploração, experimentação, estímulo à curiosidade –, cada área foca o que lhe é mais importante.

Nessa convivência multidisciplinar, a intenção é estimular e dar visibilidade à experimentação e à sistematização dos dados. Em qualquer das abordagens, seja científica, seja artística, é importante estar atento para lidar bem com o que geralmente é chamado de "erro". É possível que os estudantes encontrem uma flor com uma cor muito forte, por exemplo, mas, ao esfregá-la no papel, nada fique depositado. Ajude-os a lidar com a frustração e destaque a importância da descoberta, estimulando-os a explorar novos materiais.

Se possível, realize uma pesquisa prévia – tanto no levantamento de materiais naturalmente pigmentados via internet quanto por uma experimentação empírica, para ter alternativas a oferecer aos estudantes caso eles tenham dificuldade nessa exploração. Só utilize esse recurso, entretanto, após as tentativas deles. O processo aqui é muito importante, e apresentar alternativas previamente pode interromper uma investigação mais significativa.

Atenção

Esteja atento para que as folhas e flores usadas não contenham elementos tóxicos. Para maior segurança, você pode pesquisar algumas espécies e deixar à disposição as que sejam seguras.

Orientações

Parta das perguntas sobre as diferentes cores de terra indicadas no Livro do Estudante e caminhe no sentido da experiência pessoal de cada um dos estudantes. Provavelmente eles já passaram pela situação de sujar de terra alguma parte do corpo ou da roupa. Por meio dessa vivência, aborde a terra como pigmento. Mostre-lhes o caderno do artista Nick Rands (1955-). Suas pesquisas com terra e cor nos mostram que há muitas possibilidades de explorar esse material tão corriqueiro e comum na nossa vida. Chame a atenção para a variedade de tons decorrentes dele. Faremos uma investigação semelhante a seguir.

Se houver estudantes cegos ou com baixa visão, troque a exploração da cor pela da textura. Estimule-os a perceber quais materiais esfarelam, quais se mantêm íntegros, quais podem ser sobrepostos, e assim por diante.

Para complementar, você pode fazer, junto com os estudantes, uma descrição falada dos diferentes tons que a pesquisa realizada levantou, estabelecendo comparações com outros objetos que possuam a mesma cor, por exemplo.

Para aprofundar

Os tons são variações de transparência ou opacidade de uma mesma cor. No caso específico das tintas, quanto menos aquosa, mais pigmento fica concentrado; portanto, há menos luz e mais opacidade.

Em relação à textura de uma tinta, dizemos que as variações ocorrem de acordo com a natureza do material utilizado. Nessa prática usaremos terra, então provavelmente a tinta apresentará uma textura espessa e densa. Isso pode indicar que será difícil preencher, na página seguinte, os espaços em branco de maneira uniforme, uma vez que o material não tem homogeneidade. Lembre-se de que não há problema algum nisso e de que o resultado é parte da investigação e da descoberta.

AGORA, CONVERSE COM A TURMA SOBRE A EXPERIÊNCIA QUE FIZERAM.

- O QUE VOCÊS APRENDERAM?

PARTE 2

VAMOS CONTINUAR COM A PESQUISA. A TERRA PODE SER DE MUITAS CORES, DAS MAIS CLARAS ÀS MAIS ESCURAS.

VOCÊ JÁ VIU TERRA DE COR PARECIDA COM A DESTES QUADRINHOS?



Diogo Ferreira

ALGUNS ARTISTAS USAM A PRÓPRIA TERRA PARA PINTAR, COMO NA IMAGEM A SEGUIR.



Richard John

CADERNO DE INVESTIGAÇÃO E REGISTRO DE DIFERENTES CORES FEITAS COM TERRA, PELO ARTISTA INGLÊS NICK RANDS (1955-).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

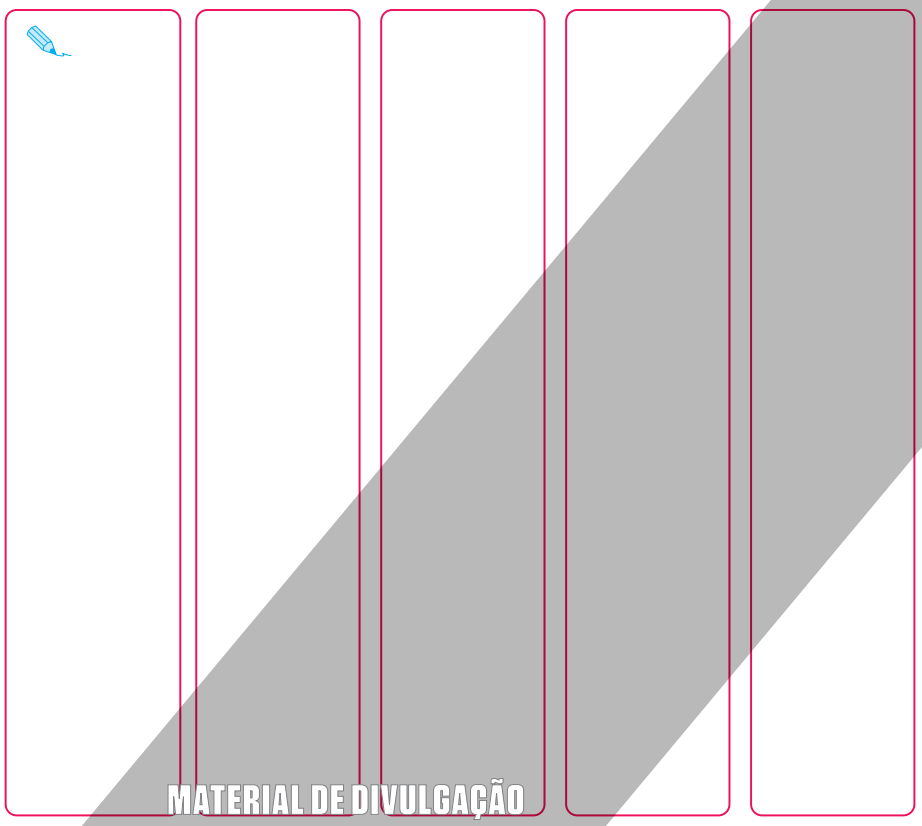
Pergunte aos estudantes como eles acham que os povos indígenas criam as tintas que utilizam (deixe-os refletir e anote as ideias na lousa). Depois, proponha que criem uma tinta somente com ingredientes naturais. É importante que eles considerem o próprio contexto, de modo a investigar o que pode ser utilizado. Solicite que pensem nos elementos que os povos indígenas têm ao redor, disponíveis na natureza. Aproveite para trabalhar na quebra de um conceito rígido ou estereótipos sobre os povos indígenas, tão diversos em suas realidades pelo país. Peça que, em casa, criem a tinta com a ajuda de um adulto para verificar se o material funciona como o esperado. Tenha à mão materiais em pó, como beterraba, açafrão, espinafre, que possuem coloração acentuada, para oferecer a eles como alternativa, se for o caso.

Por fim, deverão fazer um desenho em uma folha de papel avulsa, com o passo a passo da criação da tinta, e trazer para mostrar aos colegas. Você pode montar um mural com os desenhos de cada um para que todos possam ver as inúmeras possibilidades e as diferentes cores de tinta criadas por eles.

AGORA, VOCÊ VAI USAR OS QUADROS A SEGUIR PARA CRIAR TONS DE UMA MESMA COR DE TERRA, NÃO IMPORTA QUAL SEJA. SIGA OS PASSOS A SEGUIR.

1. PEGUE UM PUNHADO DE TERRA E COLOQUE EM UM POTE.
2. COLOQUE UM POUCO DE COLA NO POTE E PINTE O PRIMEIRO QUADRO.
3. ADICIONE UM POUCO DE ÁGUA NO QUE RESTOU DA MISTURA DO POTE E PINTE O SEGUNDO QUADRO.

CONTINUE ADICIONANDO ÁGUA AOS POUCOS A CADA VEZ E PINTE OS QUADROS ATÉ COMPLETÁ-LOS.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para iniciar, proponha aos estudantes que explorem os locais da escola (ou arredores, se possível) nos quais possa haver terra de diferentes cores. Caso não haja terra na escola, recolha no bairro previamente e leve para a turma. Pode acontecer de todas as cores serem parecidas. Apesar de ser menos interessante, não se preocupe: não há prejuízo nenhum se as cores estiverem próximas. Cuide para que cada um apanhe um punhado de terra.

Para auxiliar na atividade, oriente-os em uma experimentação a respeito das consistências: cada estudante deve ter um pote, colocar nele uma parte da terra que coletou, um pouco de cola e, por último, acrescentar água. Para pintar o primeiro quadro (com os dedos ou com pincéis), eles utilizarão só a terra com cola. Na pintura do segundo, devem acrescentar uma pequena colher de água. E assim por diante, colocando apenas água a cada novo quadro. Esteja atento para que a quantidade de água seja bem pequena, a de uma colher de café apenas.

Após finalizarem, forme uma roda de conversa e peça que relatem o que descobriram. Às vezes, no processo, os estudantes podem fazer descobertas inesperadas, como um local que não conheciam na escola (ainda que não esteja relacionado diretamente com elementos artísticos da prática, isso pode ser importante para eles).

Para auxiliar nessas práticas, se possível, acesse o artigo "Cores da terra: veja como fazer tintas ecológicas e de baixo custo", disponível em: https://www.epagri.sc.gov.br/cores-da-terra-veja-como-fazer-tintas-ecologicas-e-de-baixo-custo/. Acesso em: 18 jun. 2025. Este guia mostra como aproveitar os diversos pigmentos naturais da terra para produzir tintas ecológicas, duráveis e de baixo custo.

Atividade complementar

Proponha uma pintura coletiva com as cores criadas. É uma boa oportunidade de colocar lado a lado os tons descobertos pelos estudantes e ensiná-los, ao mesmo tempo, a solucionar dificuldades ou especificidades devidas à textura da tinta, possivelmente muito arenosa. Assim, serão trabalhados conteúdos ligados à pintura, aos espaços, às cores e à gestualidade.

Orientações

Inicie a aula verificando os conhecimentos prévios dos estudantes. Aprofunde os questionamentos para estimular a reflexão coletiva. Por exemplo, se alguém disser que todo indígena anda nu, proponha reflexões com perguntas como: Alguém aqui já conheceu pessoas de comunidades indígenas? Essa pessoa estava sem roupa? Será que todos os povos indígenas se vestem da mesma forma? Ou será que essa ideia é resultado de uma visão ultrapassada que não retrata a realidade atual desses povos? Que tal pesquisarmos exemplos de diferentes formas de vestimenta entre os povos indígenas no Brasil?

As perguntas são um caminho para refletir sobre trocas culturais e hábitos. Há comunidades indígenas que vivem tanto em áreas rurais como urbanas e abrigam pessoas que usam roupas como calças, camisetas, chinelos e têm celulares. Esteja atento para quebrar estereótipos criados a respeito desses povos.

Essa é uma boa hora para introduzir a mudança no termo. Em vez de "índio", opte por "indígena", palavra mais respeitosa e precisa. Isso evita o exotismo, que afasta os estudantes da realidade desses povos.

Foco na BNCC

EF15AR03 Quando os grupos pesquisarem elementos da cultura indígena de diversos povos, poderão reconhecer e analisar a influência dessa matriz cultural nas artes visuais.

Para aprofundar

Há uma imensa variedade de etnias indígenas e, consequentemente, centenas de línguas indígenas faladas no território brasileiro. É importante chamar a atenção dos estudantes para dois estereótipos muito replicados: o primeiro é aquele que homogeneíza a cultura indígena; o segundo é o que a congela no tempo. Como toda cultura, as de matriz indígena também passam por transformações. Na maior parte das vezes, a abordagem escolar sobre o assunto replica uma imagem estereotipada, como as práticas do "Dia do Índio", por exemplo, em que se pinta o rosto das crianças e são feitos cocares.



CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

TODO DIA É DIA DOS POVOS INDÍGENAS: MUITOS E DIVERSOS!



Rubens Chaves/Pulsar Imagens

INDÍGENAS DA ETNIA GUARANI DURANTE O 2º ENCONTRO DOS POVOS INDÍGENAS NA ALDEIA DO RIO SILVEIRA. BERTIOGA, SÃO PAULO, 2018.

VIMOS ALGUMAS OBRAS DE ARTISTAS INDÍGENAS NESTA UNIDADE.

ESSES POVOS FORAM OS PRIMEIROS HABITANTES DE NOSSA TERRA. MAS O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELES?

FORMEM UMA RODA DE CONVERSA E COMPARTILHEM TUDO O QUE SABEM SOBRE AS DIVERSAS CULTURAS INDÍGENAS. ISSO SERÁ O PONTO DE PARTIDA PARA UM TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Se possível, busque instituições culturais ou museus voltados para a preservação e valorização da cultura indígena na sua região, de modo que os estudantes possam obter mais informações sobre esses povos. Se considerar adequado, organize uma visita a essa instituição.

Foco nos TCTs

TCT

Multiculturalismo - Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

Ao propor a pesquisa sobre as diversas culturas indígenas e incentivar a escuta e o compartilhamento de saberes, os estudantes são levados a reconhecer os povos indígenas como os primeiros habitantes do território hoje conhecido como Brasil. Dessa forma, é valorizada a diversidade cultural e reforçado o respeito a esses povos, buscando uma reflexão crítica sobre estereótipos e a formação da sociedade brasileira.

VAMOS CONHECER MELHOR A DIVERSIDADE DE CULTURAS? ESSE É UM BOM CAMINHO PARA PRESERVAR E RESPEITAR OS POVOS INDÍGENAS.

PARA ISSO, SIGA OS PASSOS A SEGUIR.

1. FORME UM GRUPO DE CINCO A SEIS INTEGRANTES.
2. ESCOLHAM, COM A AJUDA DO PROFESSOR, UM POVO INDÍGENA.
3. PESQUISEM CARACTERÍSTICAS DA CULTURA DO POVO ESCOLHIDO: ALIMENTAÇÃO, LÍNGUA, FESTIVIDADES ETC. SE NÃO FOR POSSÍVEL FAZER ESSA PESQUISA NA ESCOLA, COM O AUXÍLIO DO PROFESSOR, PEÇA AJUDA EM CASA E, DEPOIS, COMPARTILHE COM OS COLEGAS DO SEU GRUPO.
4. TROQUE AS DESCOBERTAS QUE FIZERAM COM OS COLEGAS DOS OUTROS GRUPOS. O QUE VOCÊS APRENDERAM?



Fabio Colombini

ARTESANATO INDÍGENA WAURÁ.



Fabio Colombini

PENEIRA DE ARUMÃ, ARTESANATO INDÍGENA

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Organize a turma em dois ou três grupos para a pesquisa. Eles precisarão de bastante auxílio nessa prática. Como sugestão de preparação, pense previamente em algumas etnias para que os grupos pesquisem, por exemplo: munduruku, yanomâmi e huni kuin; ou tukano, bororo e kaiowá. É importante, nesse momento, que os estudantes saibam que não estão pesquisando apenas os indígenas, mas o conjunto cultural de uma comunidade específica, dentro do universo da cultura indígena.

É importante que você possa levar elementos para ajudá-los nessa pesquisa. Você pode consultar informações sobre as etnias nos seguintes *links*: https://pib.socioambiental.org/pt/ e https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas (acessos em: 12 abr. 2025). Se possível, acesse, junto com os estudantes, o portal Povos Indígenas no Brasil Mirim, disponível em: https://mirim.org/pt-br (acesso em: 1 jul. 2025). Neste portal é possível encontrar informações sobre as diferentes etnias indígenas, com imagens, dados e reportagens.

Instrua-os quanto ao que buscar: língua nativa, artesanato, pintura corporal, alimentação, lendas etc. Eles podem reunir duas ou três categorias; considere que se trata de um procedimento para estudantes em início de ciclo.

Concluída a pesquisa, organize os estudantes em círculo e conversem sobre as descobertas.

Articulação interdisciplinar

Geografia

Língua Portuguesa

Para complementar o conteúdo da seção, pode-se fazer uma ponte com os conteúdos de Geografia e Língua Portuguesa. Em Geografia, os estudantes podem localizar no mapa do Brasil, com sua ajuda, as regiões de origem das etnias estudadas, compreendendo sua relação com o território e a diversidade regional.

Já em Língua Portuguesa, é possível valorizar a oralidade ao incentivar os estudantes a compartilharem os relatos orais e curiosidades encontrados nas pesquisas em rodas de conversa, criando pequenas apresentações ou recontando lendas tradicionais das etnias.

Avaliação

Nos mesmos grupos em que os estudantes pesquisaram as características de um dos povos indígenas, peça que criem duas produções inspiradas nas informações da pesquisa: uma escultura e um desenho. Para isso, eles devem usar os elementos que conheceram nesta unidade: volume, linhas e cores (se possível, solicite que as diluam para criar diferentes tons). Disponibilize uma caixa com diversos materiais recicláveis, de papelaria e uma folha de cartolina ou papel-cartão branco. Eles devem criar algo que represente o povo escolhido por cada um deles. Além da escultura tridimensional, deverão elaborar um cartaz com o nome do povo indígena. Reflita com a turma se é possível criar conexões com o povo escolhido por meio de cada trabalho apresentado. Observe se os estudantes conseguiram assimilar e aplicar os conceitos de volume, linha e cor; se buscaram utilizar diferentes materiais e técnicas; se representaram visualmente elementos do povo indígena pesquisado; e se colaboraram em grupo ao expressar suas ideias oralmente e visualmente.

Orientações

A proposta dessa atividade de revisão é uma prática que lida com alguns elementos trabalhados nesta unidade: cor, natureza e imaginação.

Cada estudante deve escolher um colega para pintar. A ideia é observar, pela prática, como as cores mudam nossa percepção das imagens. Peça que façam dois desenhos iguais (sem grande preocupação formal com a semelhança, pois esse não é o foco da atividade) e que as cores usadas em um sejam diferentes das cores do outro. Por exemplo, se um desenho foi pintado de vermelho, o desenho ao lado pode ser de qualquer cor, menos vermelho ou um tom semelhante. Isso vale para todas as cores que usarem. Lembre os estudantes de colorir todo o espaço destinado a cada pintura. O branco do papel também é cor; incentive-os a sempre pintar tudo, inclusive o fundo.

Depois de prontos os dois desenhos, recolha as impressões deles sobre o processo e como veem o resultado: Que diferenças eles percebem nas imagens do ponto de vista subjetivo? De qual gostam mais? Alguma cor mudou a sensação que tiveram ao olhar para a imagem?

Em seguida, é fundamental encaminhar uma autoavaliação. Eles devem avaliar a si mesmos em relação ao conteúdo trabalhado, observando o que aprenderam, se houve conexão com o assunto, se experimentaram algo novo etc.

REVENDO O QUE APRENDI

1. NESTA UNIDADE, VOCÊ APRENDEU CORES E LINHAS, ALÉM DE DESCOBRIR QUE O CORPO PODE SER UM OBJETO DE ESTUDO DE ARTISTAS. AGORA É O MOMENTO DE RELEMBRAR ESSE ASSUNTO COM OUTRA ATIVIDADE.

- FORME DUPLA COM UM COLEGA DE SALA.
- ESCOLHA TRÊS CORES E FAÇA UM RETRATO DELE USANDO SÓ ESSAS CORES.
- AGORA, FAÇA MAIS UM RETRATO, DA MESMA PESSOA, USANDO TRÊS CORES DIFERENTES DAS ANTERIORES.

ESCREVA UM TÍTULO PARA CADA RETRATO, PENSANDO NAS CORES QUE USOU.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

24

2. VOCÊ TAMBÉM APRENDEU MAIS SOBRE CORPO E MOVIMENTO. AGORA É HORA DE COMBINAR ELEMENTOS. O PROFESSOR VAI COLOCAR UMA MÚSICA E VOCÊ VAI OBSERVAR COMO SEU CORPO REAGE A DIFERENTES MELODIAS. DESENHE A SEGUIR LINHAS QUE REPRESENTEM ESSAS SENSAÇÕES!



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A proposta dessa atividade é levar os estudantes a explorar o corpo em movimento, mas com um novo estímulo: a música. Se possível, apresente aos estudantes músicas de diferentes ritmos: uns mais calmos, outros mais agitados. Caso a escola não disponha de recursos, você pode percutir em superfícies da sala de aula variando o ritmo entre calmo e agitado.

Converse com os estudantes para que eles observem a si mesmos a cada música apresentada. A prática consiste em sentar-se ou deitar-se no chão, à escolha de cada um. Quando a música iniciar, eles devem permanecer parados no primeiro minuto, de olhos fechados, para observar como está o ritmo interno do corpo. Encoraje-os a perceber a própria respiração, as batidas do coração, e sentir como o corpo deles deseja reagir àquele estímulo sonoro. Após esse primeiro minuto, avise-os que podem começar a desenhar. Eles devem lembrar de como o corpo sente a música para criar as linhas. Podem desenhar enquanto se movimentam, movendo não apenas a mão, mas o corpo todo. Primeiro farão com um ritmo lento e, em seguida, com um rápido. Como alternativa, depois de ouvir a música, você pode pedir aos estudantes que descrevam com palavras as sensações percebidas. Um colega pode ajudar na tradução dessas sensações em linhas ou gestos.

Ao final, peça que se sentem em uma roda e observem o resultado criado. Cada um deve relatar como foi a experiência e o que aprendeu a respeito do modo que o corpo pode se movimentar e de como o percebemos em diferentes situações.

Atividade complementar

Se possível, procure alguma música indígena para apresentar aos estudantes nessa atividade. Você pode utilizar o seguinte *site*: https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/ (acesso em: 12 abr. 2025). Escolha um trecho adequado e reproduza-o, explicando as tradições daquele povo e, depois, solicite que, de olhos fechados, façam uma pintura somente com linhas de caneta preta. Pode ser hidrográfica ou esferográfica, a depender do material que você tiver disponível na escola. Toque novamente a música. Com os olhos abertos, eles deverão colorir o que desenharam e dar um nome ao desenho. Reflita com eles sobre como se sentiram ao fazer uma atividade de olhos fechados, questionando o que perceberam das batidas da música, se era calma ou agitada, lenta ou rápida, se os deixou tristes ou felizes, se evocou algum outro sentimento. Finalize montando uma exposição das produções criadas.

Orientações

Exploramos, nesta unidade, os processos de pigmentação de tintas naturais e linhas. Aqui juntaremos ambos os tópicos no próprio corpo do estudante ou no de um colega. Além da tinta, você precisa de um objeto que crie as linhas: um pincel, de preferência com ponta fina, ou mesmo um graveto, que será transformado em um pincel. Nesse último caso, cubra uma das pontas com tecido e elástico, pois a tinta será usada diretamente na pele. Para a tinta, a sugestão é usar pó de café ou colorau (pó de urucum) e cola. Cheque se não há na turma ninguém alérgico, e se for o caso, substitua a cola por água.

Evidencie a necessidade de utilizar potes plásticos para preparar as tintas e proteger a mesa com materiais como jornal ou papelão, evitando sujeiras e manchas. Oriente os estudantes a evitar o contato da tinta com os olhos ou a boca durante toda a atividade.

Prepare o material com a turma, conforme descrito no Livro do Estudante. Todos devem misturar, em um pote maior ou em diversos potinhos, o pó com a cola ou água. Comece pelo pó e vá acrescentando a cola ou água aos poucos, misturando bem. Se desejar, inclua uma quantidade bem pequena de água à mistura com a cola, para obter fluidez.

Quando todos tiverem terminado, é hora de pintar as linhas. Inicialmente, sugira a eles uma combinação de movimento com quatro mãos, uma acima da outra, por exemplo. Para realizar este movimento, coloque duas duplas, uma de frente para a outra, com as mãos unidas no centro. Eles podem também estender os braços para "fora". Siga combinando possibilidades de modo a explorar padrões de desenho no espaço: a linha nos braços e a linha formada pelos corpos e suas combinações.

Foco na BNCC

EF15AR24 Ao produzir tinta natural e compor linhas no próprio corpo, os estudantes experimentam práticas da matriz indígena.

3. VOCÊ INVESTIGOU AS CORES E CRIOU TINTAS À BASE DE TERRA. AGORA, VAMOS CRIAR OUTRA TINTA NATURAL!

Fabio Colombini



PINTURA CORPORAL INDÍGENA. PARQUE INDÍGENA DO XINGU, MATO GROSSO, 2011.

MATERIAL:

- PÓ DE CAFÉ OU COLORAU;
- COLA LÍQUIDA;
- ÁGUA.

COMO FAZER

1. COLOQUE O PÓ DE CAFÉ OU COLORAU EM UM POTE.
2. ADICIONE ALGUMAS GOTAS DE COLA E MISTURE BEM.
3. SE A TINTA FICAR GROSSA, ADICIONE UM POUCO MAIS DE COLA. COLOQUE POUCA QUANTIDADE, PARA QUE A TINTA NÃO FIQUE FRACA.
   COM A TINTA PRONTA, DESENHE LINHAS NO SEU CORPO.
   POR ÚLTIMO, VAMOS COLOCAR AS LINHAS EM MOVIMENTO NO ESPAÇO!
   COM A TURMA TODA, DEEM AS MÃOS E FAÇAM DIFERENTES COMBINAÇÕES PARA QUE AS LINHAS SE UNAM E SE COMPLETEM.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Observe como os estudantes retomam os conteúdos explorados na unidade, como o uso de cores, linhas, formas e o corpo como suporte expressivo. Para as atividades desta seção, avalie se diferenciam cores, fazem escolhas conscientes nos dois retratos feitos, relacionam os movimentos que fazemos ao dançar às linhas visuais e compreendem os procedimentos de produção de tinta natural. Valorize o envolvimento coletivo, a escuta, a imaginação e a expressão corporal nas atividades.

4. LEIA O TEXTO A SEGUIR EM VOZ ALTA.

NUNCA GOSTEI DE SER "ÍNDIO"

CHEGUEI À ESCOLA BEM MOTIVADO. [ENTREI] NO PRÉDIO DISPOSTO A APRENDER AS COISAS DOS BRANCOS. LOGO DE CARA, ME DEPAREI COM UM GRUPO DE COLEGAS. TODOS ERAM UM POUCO PARECIDOS COMIGO, E SENTI QUE PODERIAM SER MEUS AMIGOS. FIQUEI FELIZ. NO ENTANTO, QUANDO FUI ME APROXIMANDO DO LOCAL, UM DELES APONTOU O DEDO PARA MIM E GRITOU: "OLHA O ÍNDIO QUE CHEGOU NA NOSSA ESCOLA! OLHA O ÍNDIO!". [...] PERCEBI QUE MEU APELIDO ERA MOTIVO DE PIADA E MINHA ORIGEM ERA MOTIVO DE CHACOTA. ISSO ME DEIXAVA MUITO TRISTE. [...] POR QUE ELES ZOMBAVAM DE MIM?

GLOSSÁRIO
CHACOTA: BRINCADEIRA DESRESPEITOSA.

DANIEL MUNDURUKU. *MEMÓRIAS DE ÍNDIO*: UMA QUASE AUTOBIOGRAFIA. PORTO ALEGRE: EDELBRA, 2016. P. 15-18.

A) COMO O AUTOR SE SENTIU CHEGANDO À ESCOLA?

- [ ] FELIZ.
- [x] TRISTE.
- [ ] BRAVO.

B) POR QUE O AUTOR DO TEXTO FICOU CHATEADO AO ENTRAR NA ESCOLA? GRIFE NO TEXTO A PARTE EM QUE VOCÊ IDENTIFICA ISSO.

- DEPOIS DE LER O TEXTO ACIMA, QUE É UMA MEMÓRIA DO AUTOR, O QUE VOCÊ DIRIA PARA UMA CRIANÇA INDÍGENA QUE CHEGASSE À SUA ESCOLA?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Daniel Munduruku (1964-) é um importante autor de livros infantis e ativista das causas indígenas. No trecho apresentado, ele narra sua experiência no primeiro dia de aula em uma escola e como foi recebido pelos colegas. É um relato tocante, ao mesmo tempo que bem-humorado e verdadeiro. Algumas questões importantes a serem discutidas aqui: estereótipos, *bullying*, identidade e pertencimento.

Note o trecho em que ele diz que foi apelidado de "índio", palavra que até então desconhecia. Essa é uma ótima oportunidade para conversar com os estudantes sobre como um estereótipo se forma e como só é usado por quem não conhece a realidade. Dito de outro modo, é uma palavra à qual só quem está de fora de determinado grupo tem acesso, ao menos em um primeiro momento.

Discuta com os estudantes o problema dos apelidos que nem sempre são apreciados por quem os recebe. Esse é um ótimo momento para falar sobre empatia, identidade e respeito. Pergunte a eles se conhecem a palavra preconceito, e problematize a questão, de maneira a evidenciar o quanto é uma atitude e pensamento inadequados.

Depois da roda de conversa, é hora de encerrar a atividade com um exercício de criação coletiva. Apresente a seguinte situação: um novo colega indígena chegará à escola na próxima semana. A tarefa da turma é escrever uma carta coletiva de boas-vindas contando um pouco sobre a escola e perguntando como é a vida onde ele mora. Anote as ideias na lousa, buscando romper estereótipos. Por fim, peça que copiem a carta e auxilie-os na escrita sempre que necessário.

Foco na BNCC

EF15AR06 Os estudantes dialogam sobre sua criação, alcançando sentidos plurais, ao imaginar uma narrativa para contar a um colega indígena.

Avaliação

Promova uma roda de conversa sobre o texto da atividade 4. Pergunte se sabem o que significa "chacota" e se já presenciaram algo parecido na escola. Registre as situações na lousa e incentive os estudantes a desenharem como acham que o novo colega envolvido se sentiu (triste, com raiva, confuso, chateado etc.). Depois, peça que relatem ou desenhem uma situação parecida que já tenham vivido ou presenciado. Esse momento será importante para identificar estudantes que possam estar vivenciando situações de *bullying* e oferecer acolhimento. Reforce, com o grupo, que atitudes desrespeitosas devem ser substituídas por ações de empatia e cuidado. A escuta sensível, a valorização da diversidade e a reflexão sobre as próprias experiências são dimensões fundamentais da avaliação nesta etapa.

Para obter um panorama geral da unidade, considere os diferentes modos de expressão (visual, corporal, oral e escrita) e observe o engajamento dos estudantes, o uso criativo dos materiais, a escuta e a colaboração. A autoavaliação e as rodas de conversa ao final das propostas são essenciais para verificar como os estudantes compreendem o próprio processo de criação. Sempre que possível, registre por meio de portfólios, fotos ou relatos as etapas das produções desenvolvidas.

UNIDADE 2

DESCOBRIR PELO CORPO

Objetivos

- Lembrar elementos da cultura corporal já vivenciados na Educação Infantil.
- Compreender formas e movimentos do corpo pela experimentação prática.
- Perceber as linhas corporais pela construção de um boneco.
- Reconhecer o trabalho corporal com foco na dança pelo contato com obras de coreógrafos contemporâneos.
- Criar reflexões sobre o próprio corpo e outras subjetividades por meio da imaginação.

Pré-requisitos

Espera-se que os estudantes da Educação Infantil tenham vivenciado experiências corporais variadas com movimentos amplos e precisos, jogos, brincadeiras e práticas expressivas como dança, música e dramatização. Essas vivências favorecem o desenvolvimento integral do estudante, ampliando suas possibilidades de comunicação e interação com o mundo.

Com base nessas experiências, espera-se também que os estudantes reconheçam os seus próprios gestos e movimentos e percebam suas ações corporais em atividades lúdicas e imaginativas.

Atividade complementar

Proponha um jogo no qual a turma, ao ouvir o nome de um objeto, por exemplo, bicicleta, deve rapidamente criar a forma do objeto.

Para incentivar abordagens não preconceituosas, você pode sugerir aos estudantes que experimentem movimentos leves e fluidos, depois fortes e marcados, sem jamais rotulá-los como "femininos" ou "masculinos".

Ao final, incentive o grupo a refletir sobre a experiência, discutindo quais formas foram mais fáceis ou desafiadoras de representar: Como foi fazer as formas sozinho? E em grupo?

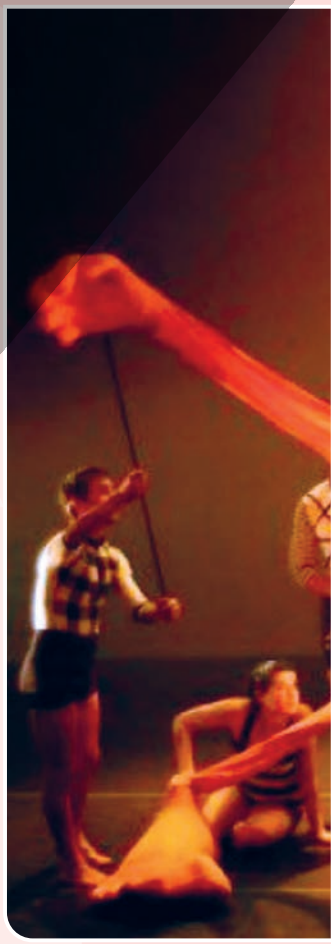
Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 6 e 9.
Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 8.
Competências específicas de Arte: 1, 2, 3, 4, 5 e 8.
Habilidades: EF15AR04, EF15AR05, EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12.
Dimensões da arte: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão.

ATENTE-SE À IMAGEM E RESPONDA.

- VOCÊ JÁ SE DEPAROU COM UM BONECO MAIOR QUE VOCÊ?
  Resposta pessoal.
- COMO ESTÃO OS BRAÇOS E AS PERNAS DO BONECO DA IMAGEM?
  Os braços e as pernas estão abertos.
- SE ESSE BONECO PUDESSE FALAR, O QUE ACHA QUE ELE ESTARIA DIZENDO?
  Resposta pessoal.



CONHECENDO

CIA. DRUWE É O NOME DE UMA COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA FUNDADA PELA COREÓGRAFA **MIRIAM DRUWE** (1965-) NO ANO DE 1996. "CIA." É A FORMA ABREVIADA DA PALAVRA "COMPANHIA". O GRUPO CRIA ESPETÁCULOS QUE REÚNEM DANÇA, MÚSICA, TEATRO E ARTES VISUAIS, TRATANDO DE TEMAS DO DIA A DIA E DA NATUREZA HUMANA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sugestão de leitura

- TOJAL, A. P. F. *Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus.* 2007. 322 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Amanda Tojal apoia-se na ideia de Edgar Morin ao defender uma mediação cultural que valorize simultaneamente a unidade e a diversidade humanas.

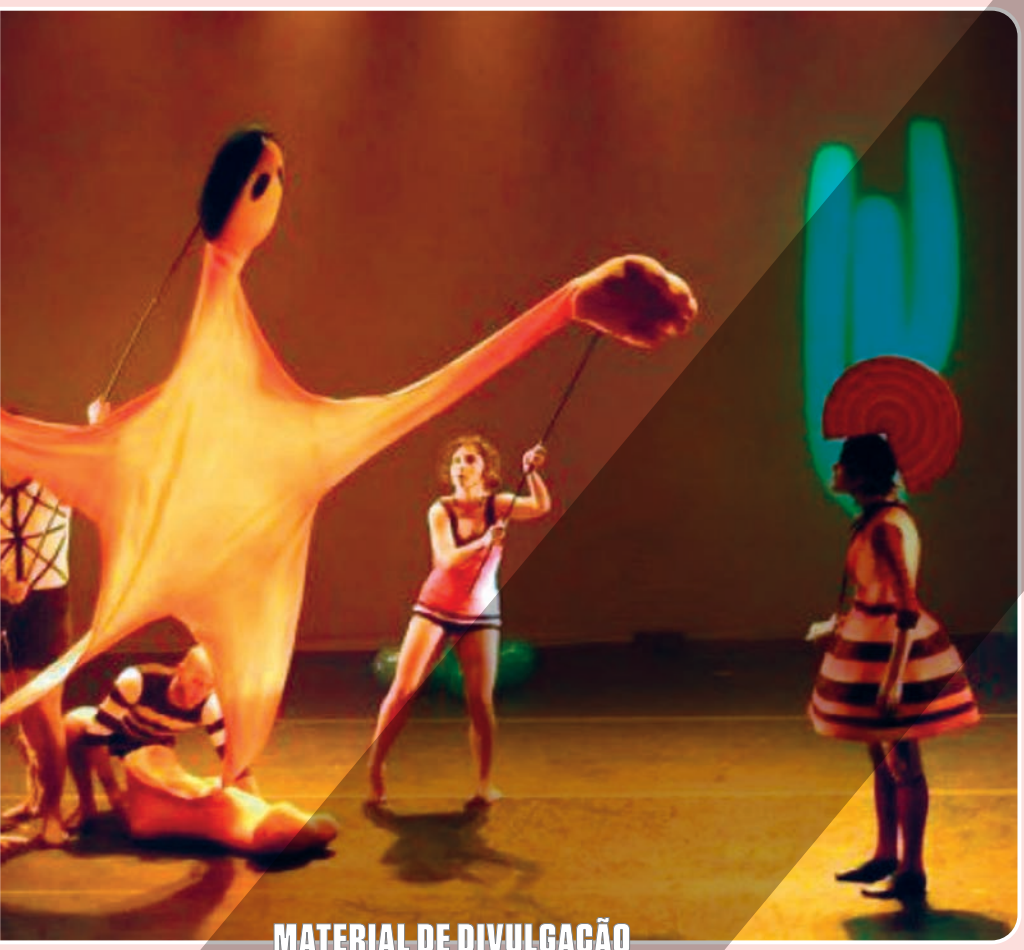
Glossário dos termos do livro

Abstração: forma de representação que utiliza formas, cores e gestos livres, buscando se afastar da representação real de objetos.

Acessibilidade universal: conceito que propõe ambientes e experiências que possam ser usufruídos por todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas, sensoriais ou cognitivas.

Multissensorial: experiência que estimula mais de um sentido, como visão, tato, audição e olfato.

Natureza-morta: representação de objetos inanimados, como frutas, flores ou utensílios.



GilGrossi

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

CENA DO ESPETÁCULO *VILA TARSILA*, DA CIA. DRUW. SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2015.

Orientações

Todo o enfoque do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental parte da percepção do corpo como um todo para, gradualmente, especificar as partes para os estudantes, pois esse é o caminho natural de nosso desenvolvimento. Nesta unidade, revisamos os primeiros padrões de desenvolvimento da coordenação motora: o de expandir e contrair o corpo como um todo integrado, começando do centro até as extremidades, e o que ocorre quando braços e pernas se movem juntos.

Abordaremos a diferenciação da nossa lateralidade (direita e esquerda) e dos membros inferiores e superiores, lembrando que, de modo geral, não se deve exigir que os estudantes do 1º ano tenham desenvolvida a coordenação do nosso sistema cruzado. Assim, uma brincadeira de mão em que se bate as duas mãos ao mesmo tempo é mais fácil para as crianças pequenas do que aquela em que se bate a mão direita com a mão direita da pessoa à frente. O mesmo acontece com a ação de pular de um pé para o outro. Inicialmente a criança pula com os dois pés juntos, como o movimento do sapo.

No sentido do entendimento global do corpo humano, a pele é essencial para avançar nas práticas propostas. Trata-se do órgão que cobre o corpo, fazendo a proteção natural que nos envolve e nos conecta ao mundo. O trabalho com o contorno do corpo também reforça conceitos já incorporados pelos estudantes, além de gradativamente aumentar a conscientização sobre si mesmos e as possíveis relações e expressões que podem criar por meio dos conteúdos abordados nas linguagens da Arte.

Observe a imagem atentamente com os estudantes. Dê a eles um momento para a primeira leitura individual, sem pressa, para que percebam aos poucos o que a imagem apresenta.

Respostas

- Após orientar os estudantes a se recordarem de bonecos que tenham em casa ou que já tenham visto ou interagido, peça que descrevam seus tamanhos, comparando-os com o próprio tamanho. Esta lembrança ajudará a responder à primeira pergunta.
- Para a segunda pergunta, após observarem que os braços e as pernas estão abertos, pergunte aos estudantes o que mais chamou a atenção deles nessa figura: Em que lugar estão? Quais objetos estão segurando ou usando? Como estão vestidos? Procure perceber como comentários referentes às questões simbólicas e subjetivas podem surgir.
- Deixe que deem livremente as respostas à terceira pergunta, sem julgar ou apontar acertos ou erros. Em um segundo momento, conecte as respostas a possíveis interesses da turma.

Para aprofundar

A Cia. Druw é um grupo de dança criado por Miriam Druwe (1965-) cujos espetáculos de dança homenageiam pintores mundialmente conhecidos, como Vincent van Gogh (1853–1890), Candido Portinari (1903–1962) e Henri Matisse (1869–1954). Eles já viajaram para várias cidades do Brasil, levando suas apresentações para muitas pessoas.

Se você atua em uma cidade grande, os estudantes provavelmente conhecem a estrutura de um espetáculo de dança profissional, com artistas que ensaiam por meses, integram companhias e se apresentam em diversas cidades e países. Já em cidades menores, o contato dos estudantes pode ser com outras formas de manifestações culturais e eventos locais. Para ampliar essa reflexão, pergunte a eles sobre as expressões de dança presentes em sua comunidade e o que sabem a respeito dessas práticas.

A Cia. Druw iniciou suas atividades em 1996, antes de os estudantes do 1º ano terem nascido. Se julgar adequado, converse com eles sobre o que os adultos que eles conhecem faziam na década de 1990, quais músicas ouviam e como dançavam. Aproveite para refletir sobre suas próprias vivências.

Orientações

Folheie com os estudantes este conteúdo inicial e pergunte a eles sobre qual seria o tema da aula. Selecione algumas sugestões e peça a alguns estudantes que escrevam na lousa o tema da aula.

Ao longo deste ano, trabalharemos a percepção de identidade dos estudantes por meio do próprio corpo. Logo, as respostas mais comuns sobre a consciência do corpo crescendo e mudando remetem à queda dos dentes de leite, à percepção dos tênis apertando os dedos dos pés e às calças ficando curtas, mas não desconsidere outros tipos de resposta. Se aparecerem respostas deslocadas da experiência corporal das crianças, faça perguntas sobre outras pessoas, como irmãos, ou sobre animais de estimação e plantas.

Ao encontrar objetos maiores e menores que eles, as noções sobre seu tamanho e seu volume vão fortalecendo a percepção do próprio corpo. Nomear tais objetos ajuda a criar sentido cognitivo associado ao desenvolvimento da alfabetização.

Oriente os estudantes a iniciarem desenhando um adulto de seu convívio. Pode ser um familiar, um cuidador ou alguém com quem o estudante tenha uma relação de confiança e respeito. Primeiro, será desenhado o contorno do pé do adulto. Em seguida, o estudante deve posicionar seu calcanhar sobre o desenho do calcanhar do adulto para desenhar o próprio pé. Por meio dos desenhos, eles podem comparar formas e tamanhos. É indicado fazer um rascunho em uma folha avulsa antes de desenhar no Livro do Estudante.

Reflitam juntos sobre as [illegible] para as perguntas e as palavras escolhidas para o que é maior e menor que o estudante. Observe se as respostas estão relacionadas à autoimagem e às suas representações.



SENTIR E EXPERIMENTAR

BRINCANDO COM OS TAMANHOS

VOCÊ JÁ PERCEBEU QUE O SEU CORPO ESTÁ MUDANDO E CRESCENDO POUCO A POUCO TODO DIA? ISSO ACONTECE PORQUE O CORPO ESTÁ SEMPRE EM MOVIMENTO. ATÉ QUANDO A GENTE DORME, CONTINUAMOS RESPIRANDO E CRESCENDO.



Claudia Mariamo

AGORA, COMPARE O TAMANHO DO SEU CORPO COM O DOS OBJETOS DA SALA. QUAIS OBJETOS SÃO MAIORES QUE VOCÊ? QUAIS SÃO MENORES? EXISTE ALGUM QUE TENHA UM TAMANHO IGUAL OU PARECIDO COM O SEU?

ESCOLHA UM OBJETO MAIOR, UM MENOR E UM COM TAMANHO IGUAL AO SEU, E ESCREVA O NOME DELES ABAIXO.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR08

Ao comparar o tamanho do corpo com o ambiente, os estudantes reconhecem sua forma física como elemento de identidade e expressão, desenvolvendo suas percepções individuais.

AGORA, VAMOS COMPARAR TAMANHOS USANDO O CORPO COMO REFERÊNCIA? DESENHE O PÉ DE UM ADULTO E O SEU.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Avalie se os estudantes identificaram objetos como lousa, mesas, cadeiras, livros, mural, armários, lixeira, estojo e o relógio da sala, se tiver um. De que forma eles compararam esses itens em relação ao seu tamanho, ou seja, como mediram aqueles que são maiores e menores que eles próprios? A ideia é incentivar a percepção de tamanho e a comparação entre os objetos presentes na sala.

Com os desenhos feitos, peça a cada estudante que explique passo a passo para a realização do desenho final dos pés. Eles podem descrever, por exemplo, as ações, o lugar em que estavam, quem foi a pessoa escolhida e como se sentiram fazendo a atividade.

Por fim, avalie se a proposta contribuiu para que os estudantes refletissem sobre as diferenças de tamanho de uma maneira prática e visual, incentivando a percepção de escala e a atenção aos detalhes. Além disso, observe se o desenho do pé do adulto e o da criança favoreceram o desenvolvimento motor e a compreensão concreta das diferenças de tamanho.

Orientações

Se possível, faça um boneco antes de trazer a proposta para a turma. Existem vídeos tutoriais que ensinam outros modos de se fazer o boneco; você pode buscar em *sites* a seguinte frase: "Como fazer boneco de alumínio".

Abaixo, descrevemos detalhadamente o passo a passo para essa atividade.

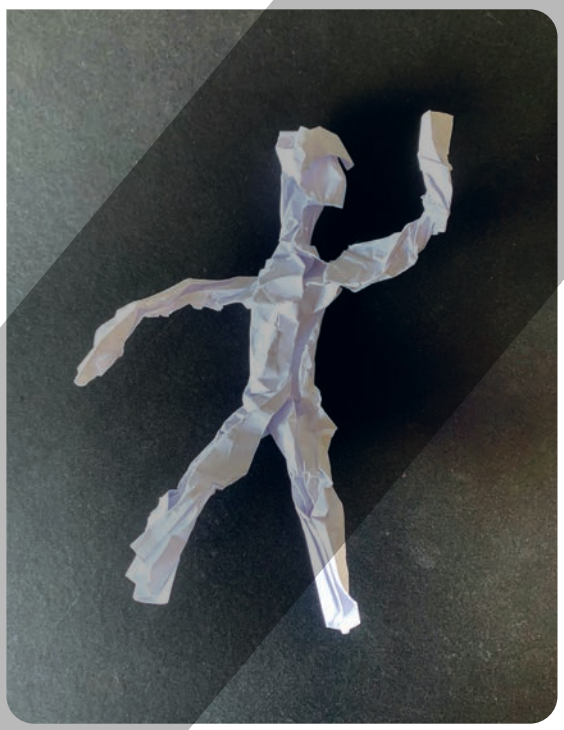
- Corte um pedaço de papel-alumínio de 30 cm × 25 cm e posicione a folha na vertical.
- Para fazer as marcas que irão guiar as proporções da figura humana, dobre a folha ao meio. Em seguida, dobre mais uma vez. Abra e observe. Ao abrir a folha, você irá notar que ela ficou dividida em quatro partes iguais, com três linhas verticais.
- Com a caneta, marque, de cima para baixo, $\frac{1}{4}$ das linhas 1 e 3.
- Com a caneta, marque, de baixo para cima, até quase a metade da linha 2.
- Corte onde marcou as linhas.
- Delicadamente, agrupe com as mãos a parte central da folha, ou seja, o meio do papel. Essa será a região da cintura do boneco.
- Agrupe as partes laterais inferiores para formar as pernas.
- Faça o mesmo com as partes laterais superiores para formar os braços.
- Molde a cabeça, deixando-a redonda, e afine a região do pescoço.
- Deixe o boneco posicionado com braços e pernas afastados, formando uma figura aberta como uma estrela de cinco pontas.

Primeiro, monte uma roda com os bonecos deitados no chão. Depois, antes que os estudantes levem os bonecos para casa, peça que escolham um lugar da escola para fazer uma instalação com todos eles juntos. Oriente-os a pensar em lugares significativos para a turma.

MEU BONECO, MEU AMIGO

QUE TAL MONTAR UM BONECO FEITO DE PAPEL-ALUMÍNIO? A ÚNICA DICA É: MEXA NO PAPEL COM CALMA, PORQUE ELE É FINO E RASGA COM FACILIDADE.

SE NÃO DER CERTO NA PRIMEIRA TENTATIVA, NÃO DESISTA. TREINE USANDO UMA FOLHA DE PAPEL DO CADERNO ATÉ PEGAR O JEITO.



Arquivo do Autor

BONECO FEITO DE FOLHA DE PAPEL SULFITE.

QUANDO FINALIZAR, VOCÊ VERÁ QUE O BONECO FICOU EM UMA FORMA ABERTA, COMO UMA ESTRELA DE CINCO PONTAS. FAÇA UM DESENHO DELE EM ALGUM LUGAR DA ESCOLA. DEPOIS, LEVE-O PARA CASA E, DE VEZ EM QUANDO, MUDE-O DE LUGAR E DE POSIÇÃO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

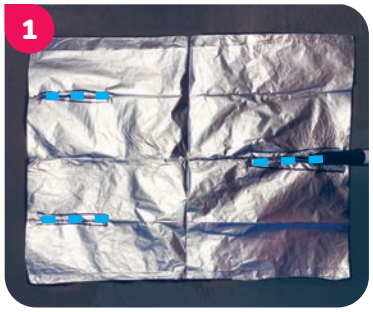
32

MATERIAIS:

- PAPEL-ALUMÍNIO;
- TESOURA DE PONTAS ARREDONDADAS;
- CANETA HIDROGRÁFICA PRETA.


Arquivo do Autor

COMO FAZER


Arquivo do Autor

FAÇA AS MARCAÇÕES, COMO NA IMAGEM 1, E RECORTE.


Arquivo do Autor

COM CUIDADO, APERTE O PAPEL-ALUMÍNIO, PRESSIONANDO O CENTRO DELE PARA FORMAR O CORPO.


Arquivo do Autor

MOLDE A CABEÇA E OS MEMBROS.


Arquivo do Autor

FAÇA OS AJUSTES FINAIS NO SEU BONECO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Com base na proposta prática com os bonecos de papel-alumínio, é possível estabelecer relações com o trabalho da artista brasileira Néle Azevedo (1950-). Em uma de suas ações artísticas, chamada *Monumento mínimo*, Néle criou pequenos bonecos de gelo e os espalhou em pontos centrais de algumas cidades. Embora sejam todos diferentes, os bonecos têm em comum a efemeridade do material no qual foram criados; eles são feitos para durar pouco. Para além dessa característica, os bonecos moldados pelos estudantes não derretem como os de Néle, mas também carregam histórias, gestos, emoções e movimentos. Eles podem representar o corpo, a diversidade, os sentimentos e a imaginação de quem os criou.

Assim como os bonecos de gelo, os de papel-alumínio também falam sobre a fragilidade, que pode ser observada no material do qual foram feitos.

Se possível, acesse o *site* da artista disponível em: https://www.neleazevedo.com.br (acesso em: 7 jul. 2025), reúna imagens da ação *Monumento mínimo* e mostre para a turma, buscando estabelecer reflexões e conexões entre o trabalho da artista e a produção dos estudantes.

Orientações

Esta atividade será realizada diretamente na sala de aula e terá como foco o desenvolvimento do tato. Para organizar a prática, uma sugestão é dividir a turma em três grupos. O grupo 1: guias; o grupo 2: estudantes que serão vendados; e o grupo 3: estudantes a serem identificados. O número das duplas (1 e 2) deve ser igual ao número de estudantes no grupo 3. Quem estiver de olhos abertos será o guia. Ele pode ajudar a colocar as vendas nos olhos de seu companheiro, para, então, conduzi-lo a uma pessoa do grupo 3. Essa pessoa estará em outro lugar da sala, diferente de onde estava no momento da divisão dos grupos.

O guia irá levar o colega vendado até o outro que será observado. O primeiro passo é perguntar se pode tocar o rosto e as mãos da pessoa, sempre respeitando o corpo do colega. Esse procedimento é uma oportunidade importante para falar sobre os limites e o cuidado com o corpo do outro. Dada a concessão, o estudante vendado vai apenas tatear o colega, procurando sentir a altura, o cabelo e as mãos.

Quando o estudante vendado terminar o reconhecimento, o guia deve levá-lo de volta ao ponto inicial, para que ele, após retirar a venda dos olhos, diga o nome do colega em quem ele tocou.

Foco na BNCC

EF15AR09

A brincadeira de identificar colegas pelo tato favorece o entendimento de como o corpo é percebido e compreendido em partes e no todo.

FORMAS VIVAS

CADA PESSOA TEM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS, NÃO É MESMO? AS IMPRESSÕES DIGITAIS, POR EXEMPLO, SÃO ÚNICAS. OLHE COM ATENÇÃO AS PALMAS DE SUAS MÃOS. ELAS TÊM LINHAS, CERTO?

É IMPORTANTE CONHECER NOSSO CORPO, PORQUE É POR MEIO DELE QUE TEMOS CONTATO COM O MUNDO. AS NOSSAS MÃOS NOS AJUDAM A DESCOBRIR O QUE ESTÁ AO NOSSO REDOR. ELAS CONSEGUEM SENTIR FORMAS, TEMPERATURAS, TEXTURAS E OUTRAS COISAS.

QUE TAL BRINCAR DE DESCOBRIR PESSOAS PELO TATO? TENHA CUIDADO E RESPEITO COM O CORPO DO COLEGA.

GLOSSÁRIO

IMPRESSÕES DIGITAIS: MARCAS QUE TEMOS NA PONTA DOS NOSSOS DEDOS. ELAS FORMAM DESENHOS EXCLUSIVOS, COMO ONDAS OU ESPIRAIS, E IDENTIFICAM CADA PESSOA. NINGUÉM TEM IMPRESSÕES DIGITAIS IGUAIS ÀS DE OUTRA PESSOA.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

É importante garantir espaço para discutir como cada pessoa se sentiu nas três posições da brincadeira. Promova uma roda de conversa e traga questões sobre as pessoas não videntes que usam o tato como uma das formas de comunicação.

A seguir, incentive a reflexão com perguntas: Como foi sentir a diferença entre as pessoas só pelo toque? O que você percebeu sobre a altura e a forma do rosto e das mãos dos colegas? Foi fácil ou difícil identificar alguém apenas pelo tato?

Essas perguntas ajudam os estudantes a pensarem sobre suas percepções sensoriais e a importância do tato na identificação de objetos e pessoas.

Durante a atividade, habilidades como atenção, concentração, percepção sensorial e comunicação não verbal são desenvolvidas, além de promover o trabalho em grupo e a empatia.

VOCÊ JÁ REPAROU NAS FORMAS DAS ÁRVORES? ELAS SÃO TODAS IGUAIS OU TÊM CARACTERÍSTICAS ÚNICAS?

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

AS ÁRVORES SÃO SERES VIVOS. ELAS NÃO FALAM NEM ANDAM, MAS RESPIRAM, CRESCEM E MUDAM COM O TEMPO. SUAS FOLHAS E GALHOS PODEM SE MEXER QUANDO O VENTO SOPRA, E ELAS PRECISAM DE ÁGUA, LUZ DO SOL E AR PARA CRESCER FORTES E VIVER POR MUITO TEMPO.

AGORA, VAMOS CONHECER UMA ÁRVORE OU UMA PLANTA DE OUTRA FORMA? PARA ISSO, DE OLHOS VENDADOS, USAREMOS AS MÃOS E OUTRAS PARTES DO CORPO PARA ESSA INVESTIGAÇÃO.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Joseph Cornell (1950-), fundador da organização não governamental *Sharing Nature Worldwide* (Compartilhando a natureza em todo o mundo), enfatiza que atividades imersivas na natureza podem aprofundar a conexão das pessoas com o meio ambiente. Se possível, acesse o *site* do *Instituto Romã*, parte do programa *Sharing Nature Worldwide* no Brasil (Compartilhando a natureza em todo o mundo – Brasil), disponível em: http://www.institutoroma.com.br. Acesso em: 7 jul. 2025.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o conteúdo sobre árvores e ajudar os estudantes que têm dificuldades sociais a criarem vínculos pelo corpo, solicite à turma que acesse o infográfico clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Orientações

Na prática, continuaremos trabalhando com o tato. Esta brincadeira, na concepção ideal, deve ser feita com os estudantes divididos em duplas, em espaço aberto, em alguma praça perto da escola. Caso não seja possível ir a um espaço aberto, pense em uma atividade alternativa como criar um circuito dentro da sala e dispor sobre as mesas objetos para que os estudantes possam tatear em duplas (um vendado; o outro conduzindo).

Ao formar as duplas, quem estiver de olhos abertos será o guia. Ele pode ajudar a colocar as vendas nos olhos de seu companheiro, para, então, conduzi-lo com cautela para qualquer árvore que desperte sua atenção. Uma distância de vinte a trinta metros é razoável para a realização desta atividade.

O guia ajudará o colega vendado a explorar a árvore para sentir sua singularidade. Antes de iniciar a conversa, incentive as duplas a explorar as formas da árvore usando diversas partes do corpo, por exemplo, perceber as raízes da árvore com os pés, ou, eventualmente, tocar a casca da árvore com o rosto.

Quando os estudantes perceberem que a árvore está viva, veja se conseguem colocar os braços ao redor do tronco. Incentive a reflexão com perguntas: Será que a árvore é mais velha do que você? É possível encontrar alguma planta crescendo nela? Será que alguns animais passam ou passaram por aqui?

Quando o estudante vendado terminar a exploração, o guia deve levá-lo de volta ao ponto inicial, mas por outro caminho, a fim de desafiar as noções de espacialidade e valorizar a memória corporal despertada pelo contato com a árvore.

Após retirar a venda dos olhos, o estudante tentará descobrir, com os olhos abertos, a árvore que tocou.

Em uma roda de conversa, falem sobre a realização da proposta. É importante garantir espaço para discutir como cada um se sentiu nas duas posições da brincadeira e comparar as percepções nesta atividade e na anterior. Ao procurar sua árvore, cada estudante provavelmente perceberá que as árvores da região, que antes pareciam iguais entre si, têm características únicas.

Pergunte: Como foi a experiência de conhecer a árvore com os olhos vendados? Quais sensações você percebeu ao tocá-la? Foi produtivo ter tido antes a experiência de tatear uma pessoa? Essas perguntas ajudam os estudantes a refletirem sobre a importância da percepção sensorial e a relação entre a conexão com pessoas e com a natureza.

Orientações

As perguntas do Livro do Estudante buscam conectar a percepção corporal dos estudantes à obra apresentada. Incentive-os a responder livremente do modo que desejarem, mas encaminhe as respostas e as pertinências no sentido da leitura da obra; dispense a ideia de certo ou errado e mantenha o foco no objeto artístico apresentado. Você pode ampliar as perguntas para auxiliá-los com outros questionamentos, por exemplo: Por que vocês acham que o pintor escolheu essas cores? O que chama sua atenção no modo como ele organiza as formas na pintura? No conjunto, as cores da pintura provocam quais sensações?

O retrato feito pelo artista Flávio de Carvalho sugere uma certa divisão entre as áreas do rosto pela maneira com que o artista usa as cores, as formas e sua distribuição no retrato. Essa sugestão de recorte será útil para a prática que vem a seguir, no sentido de isolar elementos do corpo para a construção de um retrato coletivo.

Após apresentar a imagem para os estudantes, recolha suas impressões sobre a pintura, seguindo as perguntas indicadas no Livro do Estudante. Você pode expandi-las, se desejar. É importante, neste momento, evitar direcionar as respostas, deixando os estudantes livres para criarem suas próprias associações e acessarem suas sensações por meio da pintura.

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o conteúdo sobre retratos, solicite aos estudantes que acessem o infográfico clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

CONSTRUIR RETRATOS

INFOGRÁFICO CLICÁVEL



Museu de Arte Brasileira (MAB)/Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo

FLÁVIO DE CARVALHO. *RETRATO DE ELEAZAR DE CARVALHO*, 1962. ÓLEO SOBRE TELA, 90 CM × 67 CM.

CONHECENDO

FLÁVIO DE CARVALHO (1899-1973) FOI UM ARTISTA BRASILEIRO QUE GOSTAVA DE EXPERIMENTAR CORES E FORMAS EM SEUS RETRATOS. ELE REPRESENTAVA AS PESSOAS DE MANEIRA ÚNICA.

OBSERVE A IMAGEM OU PEÇA A UM COLEGA QUE A DESCREVA COM SUAS PALAVRAS.

NESSE RETRATO, O ARTISTA USOU MUITAS CORES, LINHAS E FORMAS, DIFERENTES DAS QUE VEMOS EM UMA PESSOA REAL.

- QUE SENSAÇÕES ESSE RETRATO PROVOCA EM VOCÊ?
- VOCÊ JÁ TINHA PENSADO EM FAZER UM RETRATO DESSA MANEIRA? Resposta pessoal.

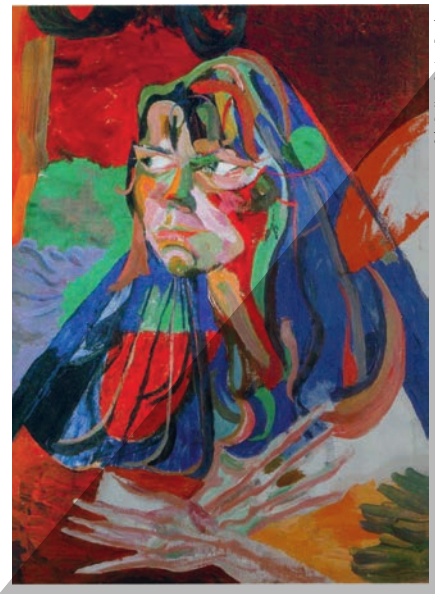
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Flávio de Carvalho é um importante representante do Modernismo brasileiro, embora sua obra tenha caminhado para além desse momento. Era um artista versátil e inventivo, atuava em diversas linguagens das artes. Você pode encontrar mais sobre ele e sua obra no *site* disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2408-flavio-de-carvalho (acesso em: 12 abr. 2025).

VAMOS EXPERIMENTAR CONSTRUIR RETRATOS FEITOS COM DIFERENTES PARTES DO CORPO? VOCÊ VAI USAR PAPÉIS CORTADOS, LÁPIS DE COR OU CANETAS HIDROGRÁFICAS.

1. CADA ESTUDANTE VAI ESCOLHER UMA PARTE DO CORPO PARA DESENHAR EM UM PEDAÇO DE PAPEL CORTADO. PODE SER UM OLHO, UMA MÃO, UMA ORELHA, UM PÉ, UM JOELHO, UM NARIZ.
2. DEPOIS QUE TODOS TIVEREM DESENHADO A PARTE IMAGINÁRIA DO CORPO, É HORA DE MONTAR UM RETRATO. COLOQUEM TODOS OS PAPÉIS DESENHADOS E CONVERSEM SOBRE COMO IRÃO CONSTRUIR ESTE SER JUNTOS.
3. NÃO HÁ PROBLEMA SE A CRIATURA TIVER APENAS UM OLHO, DOIS NARIZES OU SE TIVER UMA MÃO, MAS NÃO TIVER O BRAÇO. VOCÊS PODEM BRINCAR E INVENTAR NOVOS LUGARES PARA AS PARTES. O IMPORTANTE É QUE TODAS AS PARTES SEJAM USADAS.
4. OLHEM PARA A CRIATURA INVENTADA E ESCOLHAM SEU NOME. COMO IMAGINAM QUE ELA SE MOVIMENTA?



Coleção Airton Queiroz, Fortaleza

FLÁVIO DE CARVALHO. *FIGURA DE MULHER*, 1964. ÓLEO SOBRE TELA, 90 CM × 67 CM.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

A atividade propõe o contato com a arte contemporânea brasileira por meio da criação de retratos, da observação e da experimentação, inspirada na obra de Flávio de Carvalho. É importante observar se os estudantes mostraram envolvimento com a proposta, se participaram das conversas a respeito da investigação da obra de Flávio de Carvalho, compartilhando ideias, sentimentos e impressões sobre as obras apresentadas. Com base nessa proposta, é possível explorar diversas possibilidades criativas. Dessa forma, observe as intenções dos estudantes, se estavam engajados e experimentaram a construção do retrato. É interessante notar se eles propõem soluções visuais próprias, como misturar cores, inventar texturas ou ampliar a proposta para além da criação bidimensional.

Durante o momento da montagem coletiva, observe o desenvolvimento de habilidades de convivência, escuta e empatia. Nesse processo, é importante acompanhar como os estudantes interagem entre si: se trocam ideias sobre a posição das partes do corpo, se acolhem sugestões dos colegas, se aceitam o inesperado e brincam com o resultado coletivo. Mesmo quando há sobreposição de ideias ou discordâncias, esses momentos são oportunidades para trabalhar o diálogo, o respeito e a colaboração.

Orientações

Auxilie a turma a organizar o processo de criação deste retrato feito coletivamente. Inicialmente, é importante que você deixe separado alguns papéis cortados. Se possível, busque uma variedade de formatos. Em vez de apenas cortar papéis de tamanho A4 ao meio, ou em quatro partes, experimente criar formas diferentes. Quadrados e retângulos bem esticados, de tamanhos diversos, podem ser boas opções. A intenção, aqui, é apresentar outras possibilidades. Quando nos afastamos dos formatos sempre utilizados, ampliamos também a percepção, tanto dos estudantes quanto de nós, professores, de que existem superfícies predeterminadas para a criação.

Com isso pronto, é hora de criar os retratos de partes do corpo. Busque incentivá-los a fugir do óbvio: olhos, boca e nariz. Pense no corpo como um todo e sugira: joelhos, pés, braços, cotovelos, orelhas.

A seguir, é o momento de criar conjuntamente. Verifique a possibilidade de constituir um único grupo com toda a turma. Se achar melhor, divida a turma em dois ou três grupos. Todos os integrantes devem estar à volta da mesa, ou mesmo do chão, de maneira que possam combinar os pedaços de papel em uma única criatura. Busque dar liberdade aos estudantes para que possam, se necessário, encontrar lugares pouco tradicionais para algumas partes do corpo. Se desejarem colocar uma orelha na barriga, por exemplo, converse sobre como a criatura ouviria, incentivando a consciência da escolha.

Depois que a criatura estiver feita, é hora de a turma escolher um nome para ela. Incentive os estudantes a criarem uma narrativa com base na criação deles. Em seguida, converse com eles sobre o processo de criação e os elementos abordados aqui – linha, cor, formas – como também as dificuldades e surpresas que podem ter surgido.

Orientações

A imagem da série *Performances fabulosas*, da artista Carolina Velasquez (1978-), é uma proposta participativa que evidencia seu caráter interativo. Nela, há elementos desestruturados, como os tecidos que, embora coexistam com formas finalizadas (máscaras e vestes), permitem apropriações variadas pelos participantes da *performance*. Esse tipo de ação se insere como **arte híbrida**, combinando elementos das artes visuais, teatro, dança e música, desenvolvendo, dessa forma, características próprias, como a potencialização do tempo presente, o uso do corpo como ativador da obra, a efemeridade e a participação do público, tanto como agente quanto como espectador.

Um aspecto importante é que a obra foi pensada para um corpo coletivo, não apenas para um corpo individual. Comente com os estudantes que os movimentos devem estar, de algum modo, sincronizados para que todos possam se mover. Trata-se de uma obra colaborativa que propõe uma reflexão sobre a coletividade. Outro aspecto é a possibilidade de a obra ser replicada, mesmo sem a presença da artista, nos levando a pensar na arte como proposição, não apenas como realização. Ao convidar os corpos à performatividade, a obra aproxima o público da produção artística e da dimensão popular da cultura. Vale lembrar que não há um conceito único de arte que perpasse todas as épocas e contextos; ela sempre dialoga com seu contexto, com a sociedade e com as pessoas.

As práticas no Livro do Estudante propõem à turma a construção de uma espécie de parangolé [illegible] a cada rodada, uma parte dos estudantes. A ideia, aqui, não é [illegible] trabalhos de Carolina Velasquez ou de Hélio Oiticica (1937-1980), mas trabalhar com a construção e a criação de um objeto performático que possa ser usado ou empunhado por toda a turma ao mesmo tempo. Além disso, nosso foco é observar o movimento do corpo ao usar esse objeto, percepção que vem diretamente da experiência.

Em primeiro lugar, avalie os materiais disponíveis e os disponibilize aos estudantes. O importante é que eles se lembrem do movimento e de como o objeto construído pode se adequar a ele. Imagine uma brincadeira de "pega-pega", em que o primeiro pegador pega um colega e ambos passam a correr juntos, segurando o mesmo objeto.

ARTE EM MOVIMENTO

NESTA IMAGEM HÁ PESSOAS ENVOLVIDAS POR TECIDOS. O QUE SERÁ ISSO? COMO SERÁ QUE ELAS SE MOVEM?



Carolina Velasquez

SÉRIE *PERFORMANCES FABULOSAS*, DE CAROLINA VELASQUEZ, SESC POMPEIA, NA CIDADE DE SÃO PAULO, 2015.

CONHECENDO

CAROLINA VELASQUEZ (1978-) É UMA ARTISTA BRASILEIRA QUE TRABALHA COM PERSONAGENS FANTÁSTICOS FEITOS EM TECIDO.

- VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU CONSTRUIR UM SER FANTÁSTICO EM CONJUNTO COM OS COLEGAS, MISTURANDO PARTES DIFERENTES DO CORPO. AGORA, VAMOS EXPERIMENTAR OUTRA FORMA DE USAR O CORPO EM CONJUNTO.
- DESSA VEZ, VAMOS EXPLORAR MOVIMENTOS A PARTIR DE ALGO QUE PODE SER VESTIDO OU USADO, DE MODO PARECIDO COM O TRABALHO DA ARTISTA CAROLINA VELASQUEZ.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A obra de Carolina Velasquez funciona como um dispositivo criado para ser usado, ou seja, ela só se completa quando é ativada pelo público que se torna, então, parte integrante da obra. Trabalhos como os de Carolina são chamados de **arte participativa**, pois é o público que, ao utilizar o objeto artístico, atribui a ele diferentes existências e significados.

Foco na BNCC

EF15AR04 Ao experimentar possibilidades de fazer arte com qualquer material, os estudantes têm contato com diferentes formas de expressão artística.

Para aprofundar

Parangolé é o nome que foi dado por Hélio Oiticica, importante referência para a *performance* no Brasil e no mundo, a um conjunto de obras criadas na década de 1960. O termo é comumente usado para referir-se a um objeto, geralmente feito de tecido ou que pode ser vestido ou empunhado, e que passa a ser parte essencial de uma obra performática. Encontre mais informações no seguinte *link*: https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/ (acesso em: 12 abr. 2025).



NESSA BRINCADEIRA IREMOS JUNTAR TODOS OS COLEGAS!

COM O PROFESSOR, VOCÊS IRÃO ESCOLHER UM OBJETO PARA SER COMPARTILHADO. A REGRA É QUE TODOS DEVEM TOCAR OU VESTIR O OBJETO AO MESMO TEMPO.

UM COLEGA ESCOLHIDO PELA TURMA É O PRIMEIRO A SEGURAR O OBJETO. ELE DEVE ANDAR E FAZER OS MOVIMENTOS QUE QUISER SEM SOLTÁ-LO.

TODOS DEVEM ENTRAR NA BRINCADEIRA, UM POR VEZ, SEGURANDO OU VESTINDO O MESMO OBJETO. TODOS DEVEM SE MOVER EM HARMONIA, SEM PERDER O EQUILÍBRIO!

À MEDIDA QUE CADA UM ENTRA NA BRINCADEIRA, AUMENTA O DESAFIO!

ASSIM COMO NO TRABALHO DA ARTISTA CAROLINA VELASQUEZ, SÓ É POSSÍVEL SE MOVER SE TODOS PRESTAREM ATENÇÃO UNS AOS OUTROS.

É IMPORTANTE ESTAR ATENTO A COMO O SEU CORPO SE MOVIMENTA EM CONJUNTO COM OS OUTROS. REPARE TAMBÉM NAS DIFERENÇAS, SE ESTIVESSE REALIZANDO O MOVIMENTO SOZINHO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Algumas sugestões para a prática: vários acessórios de cabeça, como chapéus ou tiaras, luvas etc., que podem ser unidos com tecidos e fios, cordas ou um objeto bem comprido no qual todos consigam segurar com uma mão, alternando de um lado e de outro. Não há um modo único de fazer a prática, por dois motivos principais: o primeiro é o tipo de material que você tem disponível; o segundo, ainda mais importante, é que a exploração de como será o objeto é parte fundamental da prática e deve ser feita com os estudantes.

Peça a eles que tragam de casa algum objeto que possa ser usado ou vestido, ou mesmo algo desestruturado, como tecidos. Deixe todos os materiais disponíveis e incentive-os a encontrar soluções plásticas para construir o objeto relacional sob sua supervisão atenta. Você pode sugerir e ajudá-los na execução. Avalie o tamanho da turma e os materiais adequados à sua realidade.

Com o objeto pronto, é hora da brincadeira! No início, o desafio é apenas para o primeiro estudante. Ele tem de equilibrar o objeto sozinho. Em seguida, o próximo passa a segurar ou também vestir o objeto. Eles têm de avaliar o equilíbrio do corpo em movimento e descobrir as melhores soluções (se cada um fica em uma ponta, por exemplo). A cada novo integrante, o desafio se modifica. Todos têm de encontrar um ritmo comum, de modo que possam correr juntos. Se cada um decidir ir para um lado diferente, por exemplo, isso pode destruir o objeto relacional. Nessa prática, os estudantes têm de observar o próprio corpo e o corpo dos outros.

Foco na BNCC

EF15AR05 Ao criar o objeto compartilhado, os estudantes experimentam diferentes formas de criação em artes visuais de modo colaborativo.

Avaliação

É importante observar como os estudantes se engajam na proposta de mover-se em grupo, utilizando um mesmo objeto compartilhado: se aguardam sua vez, se observam os colegas, se tentam acompanhar o ritmo do grupo ou se adaptam-se aos diferentes modos de se mover. Essas atitudes são fundamentais para o desenvolvimento de noções de cooperação, empatia e escuta mútua. É possível perceber a harmonia durante a prática quando os estudantes ajustam seus passos ao tempo do grupo, quando auxiliam colegas que estão com dificuldade de se equilibrar ou quando sugerem novas formas de mover o objeto ou o corpo de maneira inventiva. A atividade também permite observar como cada estudante compreende e respeita o espaço do outro, demonstrando uma consciência crescente do corpo no espaço coletivo.

Outro ponto importante a ser observado é como cada estudante reage aos movimentos inesperados do grupo: Ele se mostra flexível, tenta criar soluções junto aos colegas ou se retrai e espera? Esses aspectos irão ajudá-lo a compreender os ritmos próprios de cada estudante, acolhendo seus modos de participação com respeito. Proponha uma conversa na qual os estudantes possam compartilhar suas experiências, buscando avaliar os pontos positivos e negativos da atividade e o que poderia ser mudado.

Articulação interdisciplinar

Ciências
Tecnologia

Nesta prática, a interdisciplinaridade com Ciências e Tecnologia será explorada por meio de um objeto comum: o espelho. Ele servirá como ponto de partida para refletir sobre o mundo virtual. A proposta é discutir a relação – ou a falta dela – entre o corpo no espaço físico e sua representação no ambiente digital, incentivando a percepção e a análise crítica dos estudantes sobre essas interações. O objetivo é, de forma leve e acessível, chamar a atenção dos estudantes para as diferenças entre o corpo real e o corpo virtual.

Comece conversando sobre a autoimagem e incentive os estudantes a explorarem essa ideia em casa, em frente a um espelho, de preferência onde possam ver o corpo inteiro.

Para introduzir reflexões sobre corpo e gênero de maneira adequada à faixa etária, destaque que o mais importante na atividade com o espelho são as diferentes formas e jeitos de se mover, ressaltando que cada corpo é único e pode se expressar de várias maneiras. Na aula seguinte, promova uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem suas descobertas e percepções sobre si mesmos, incentivando uma escuta respeitosa que valorize a diversidade corporal.

Após esse momento, proponha um novo desafio no qual um estudante deve ser o espelho do outro. Ao final, retome a roda de conversa e incentive os estudantes a refletir sobre as descobertas que a atividade trouxe, comparando a experiência em casa com a vivência coletiva em sala de aula.

GIRAMUNDO

BONECO REAL E O MUNDO DIGITAL



SeventyFour/Shutterstock.com

CRIANÇA SE OLHANDO NO ESPELHO.

APÓS TERMOS CONHECIDO RETRATOS FEITOS COM LINHAS E FORMAS, QUE TAL DESCOBRIR, PELO CORPO, MOVIMENTOS QUE DESENHAM LINHAS RETAS E CURVAS?

IMAGINE QUE VOCÊ É UM BONECO QUE SE MOVE SOZINHO! OLHE-SE NO ESPELHO E MOVA-SE DEVAGAR.

QUANTAS FORMAS SEU CORPO CONSEGUE FAZER? TENTE MOVIMENTOS COMUNS E INVENTE OUTROS, USANDO LINHAS RETAS, CURVAS OU REDONDAS, COMO SE SEU CORPO ESTIVESSE DESENHANDO NO AR.

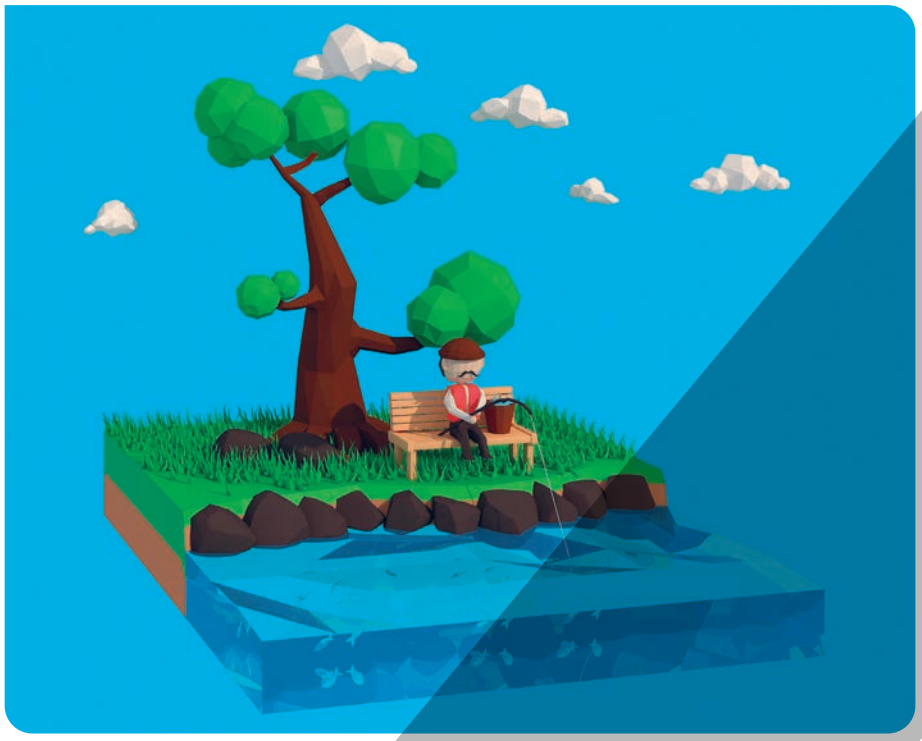
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco nos TCTs

Ciência e Tecnologia TCT

Ao refletir sobre as relações entre o mundo real e o digital, os estudantes entram em contato com as inovações proporcionadas pela ciência e pela tecnologia, ampliando seus repertórios e estimulando a curiosidade, além de favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o impacto dessas inovações na sociedade contemporânea e explorar modos de representação e interação nos espaços digitais.

PERCEBA AS CORES E AS FORMAS DO CORPO DESTE BONECO. O QUE A POSIÇÃO DELE NOS DIZ SOBRE O QUE ESTÁ FAZENDO OU SENTINDO? Espera-se que os estudantes respondam que ele está pescando. Pode ser que mencionem que parece estar calmo, em silêncio, concentrado etc



Ake Puttisam/Alamy/Fotoarena

REPRESENTAÇÃO DE UMA PESSOA PESCANDO EM AMBIENTE DIGITAL.

SE ESSE BONECO CHEGASSE AGORA À SUA SALA, O QUE VOCÊ DIRIA A ELE? Respostas pessoais.

ESSE LUGAR DO MUNDO DIGITAL É PARECIDO COM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ CONHECE? O QUE HÁ NESSE ESPAÇO QUE TAMBÉM EXISTE NA ESCOLA OU NA SUA COMUNIDADE?

PENSE SOBRE ISSO E CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Existem alguns jogos digitais que se propõem a serem educativos em termos digitais para os estudantes. Um exemplo é o *Interland* (disponível em: https://beinternetawesome.withgoogle.com/pt-br_br/interland/pagina-de-destino/reino-bondade; acesso em: 21 jan. 2025. O jogo ensina conceitos de segurança digital, cidadania *on-line* e boas práticas na internet de maneira divertida e acessível para esse público. No jogo, os participantes percorrem quatro ilhas, cada uma abordando temas como: 1. Compartilhar com cuidado (privacidade e segurança *on-line*). 2. Não caia em armadilhas (reconhecer e evitar golpes virtuais). 3. Segurança é legal (proteger informações pessoais). 4. Ser gentil é incrível (combater o *cyberbullying* e promover gentileza).

Orientações

Talvez pareça cedo para falar sobre o *cyberbullying* com os estudantes, mas sem necessariamente usar o termo em inglês, é importante ensinar o respeito no ambiente virtual. O fato de não estar de corpo físico nos ambientes tecnológicos pode dar margem a atitudes equivocadas caso a pessoa não tenha recebido uma educação adequada para "navegar" no ambiente digital. Assim, trata-se de um letramento digital.

Converse sobre as experiências que os estudantes têm com jogos ou atividades digitais. É importante reforçar que, na idade em que eles estão agora, tais dispositivos só podem ser utilizados com a autorização e supervisão dos responsáveis.

A seguir, destaque a representação do corpo no universo digital aqui apresentado. Ao responder às perguntas feitas no Livro do Estudante, busque estabelecer as relações entre o mundo digital e o real e ampliar o vocabulário espacial dos estudantes pedindo que nomeiem o que está bem acima da cabeça do boneco (dois globos de copa de árvore), o que está ao lado esquerdo dele (balde marrom), se os pés do boneco tocam o chão, se a linha da vara de pescar parece indicar algo com ou sem peso (com peso, pois a linha está esticada), o que está no nível baixo da imagem (água e peixes) e o que está no nível alto da imagem (nuvens no céu).

Você pode convidar um estudante a se voluntariar para se sentar na sua cadeira de professor e ficar na mesma posição que o boneco da imagem. Peça aos outros que digam o que há na sala de aula tendo como referência as direções e os níveis espaciais, ou seja, o que está à direita e à esquerda, o que está acima e abaixo. Se possível, mencione o que ocupa os espaços de forma horizontal e vertical. Isso ampliará o vocabulário espacial dos estudantes.

Incentive uma conversa sobre semelhanças e diferenças que os estudantes perceberam pelo corpo quando se trata do mundo real e do digital. Depois, complemente com exemplos positivos de utilização da internet com propósito, como aprender, brincar e conversar de forma respeitosa, de modo que eles entendam a diferença entre usar a internet de forma gentil e como reconhecer comportamentos errados.

Orientações

Como a obra é uma pintura com características que remetem ao período artístico chamado Modernismo, você pode escrever na lousa "*Abaporu*", "Tarsila do Amaral" e "Modernismo". Em seguida, comente com os estudantes que eles irão criar uma descrição da pintura de Tarsila. Existem diversas possibilidades para a audiodescrição da obra *Abaporu*, e os estudantes podem inventar a sua a partir da seguinte sugestão: "O seu desenho vai mostrar uma figura humana sentada de lado. Os joelhos estão dobrados à frente do corpo, com as pernas juntas e o tronco está encostado na coxa. A figura tem um corpo diferente em relação às proporções da maioria dos corpos: um braço e uma perna são muito grandes em relação à cabeça e ao tronco. A cabeça é pequena e está levemente inclinada, como se a pessoa estivesse olhando para a câmera e pensando. Ao fundo, vê-se um cacto verde e o sol brilhante em um céu azul. As cores da pintura são vivas, com tons de amarelo, verde, azul e marrom, criando uma atmosfera simples, mas que impressiona".

Após a prática, procure mostrar a imagem da obra *Abaporu*. Se possível, utilize um projetor em uma sala escura, de modo que os estudantes percebam detalhadamente as formas e as cores escolhidas pela artista.

Em uma roda de conversa, busque investigar as percepções dos estudantes a respeito da prática, perguntando, por exemplo: O que acharam mais fácil ou mais difícil? Como foi imaginar a figura humana e realizar o desenho? E comparar seus desenhos com a obra original da artista? Isso pode ajudar a entender como o nosso corpo pode se dobrar, esticar e mudar de forma?

Nessa atividade, os estudantes, além de terem contato com uma prática inclusiva, também desenvolveram habilidades corporais relacionadas à escuta sensível, à imaginação ativa e à percepção das proporções, volumes e gestos do corpo humano. Esses elementos contribuem para a construção da consciência corporal e para o pensamento coreográfico.

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

VER POR PALAVRAS: PRÁTICA DE INCLUSÃO

O PROFESSOR VAI DESCREVER A OBRA DE ARTE *ABAPORU*, DE TARSILA DO AMARAL (1886-1973).

ENQUANTO ESCUTA COM ATENÇÃO, DESENHE EM UMA FOLHA À PARTE O QUE VOCÊ IMAGINA.

DEPOIS, EM CASA, FAÇA ESSA BRINCADEIRA COM ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA. DESCREVA O SEU DESENHO DA OBRA *ABAPORU* E VEJA COMO A PESSOA DESENHA A IMAGEM DESCRITA POR VOCÊ.



Matthias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco nos TCTs

Cidadania e Civismo - Vida familiar e social TCT

O conteúdo promove o respeito às diferenças, a valorização da diversidade e a participação ativa em atividades coletivas. Essas práticas fortalecem a empatia, a cooperação e o diálogo, elementos essenciais para a construção de uma convivência cidadã, plural e inclusiva.

AGORA, VAMOS BRINCAR DE IMITAR A FOTOGRAFIA! TENTE IMITAR A POSIÇÃO DAS PESSOAS NA FOTOGRAFIA A SEGUIR, QUE MOSTRA UM MOMENTO DO ESPETÁCULO *VILA TARSILA*. IMAGINE QUE UM GIZ CONTORNA SEU CORPO NO ESPAÇO. ISSO PODE AJUDAR A PERCEBER AS LINHAS QUE SEU CORPO FORMA.

MUDE DE UMA POSIÇÃO PARA OUTRA DO JEITO QUE VOCÊ PREFERIR. ASSIM, PODERÁ SER CRIADA UMA DANÇA.

POR FIM, DESENHE EM UMA FOLHA À PARTE AS LINHAS DOS MOVIMENTOS DE QUE MAIS GOSTOU!



Warley Soares

DANÇARINOS VESTEM GRANDES PÉS E GRANDES MÃOS. *VILA TARSILA*, DA CIA. DRUW. SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2015.

PERISCÓPIO

PARA LER

ELMER, O ELEFANTE XADREZ, DE DAVID MCKEE.

ELMER É UM ELEFANTE DIFERENTE: SUA PELE NÃO É CINZA COMO A DOS OUTROS. UM DIA, ELE DECIDE QUE QUER SER COMO OS OUTROS E TENTA MODIFICAR SUA APARÊNCIA. MAS LOGO PERCEBE QUE É ASSIM QUE É O QUE O TORNA ESPECIAL.



Editora Martins Fontes

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O foco da atividade desta página continua sendo a aproximação pela experiência, não pela teoria. Agora, inspirados em uma foto do espetáculo da Cia. Druw, os estudantes irão fazer estátuas. Não é necessário nem desejável que você explique detalhes de como as estátuas serão feitas, nem precisa ensiná-los a passar de uma posição para a outra.

Estimule-os a explorar as duas formas, passando pelo que for mais familiar aos estudantes. Pergunte, por exemplo, quanto tempo conseguem ficar equilibrados em um pé só e em que lugares eles se sentam com as pernas dobradas para observar algo. Pergunte se alguém descobriu algo sobre si, por exemplo, se teve facilidade ou dificuldade em manter o equilíbrio ou fazer a transição de uma forma para outra. Ao final, proponha uma roda de conversa estimulando os estudantes a compartilharem suas experiências de forma respeitosa. Valorize todas as contribuições e destaque que cada pessoa tem sua própria forma de se expressar, e é justamente essa diversidade que nos torna únicos.

Caso haja interesse, pesquise atividades similares com base em outros repertórios que ajudem os estudantes a entenderem melhor o próprio corpo tendo como base as formas e os movimentos. Aqui estão algumas abordagens: 1 - Formas corporais associadas às vogais da euritmia: aberta, cruzada, esticada, arredondada e paralela; 2 - Formas corporais associadas ao desenvolvimento da coordenação motora por meio de padrões como aberto/fechado ou cruzado/paralelo, segundo o BMC® (Body-mind centering); 3 - Formas corporais do *kung fu* e da bioginástica associadas aos animais: cobra, lagarto, aranha, sapo, macaco, cavalo. A técnica do *animal flow* também é inspirada no movimento dos animais, e a ginástica natural trabalha o peso do próprio corpo, sem a necessidade de aparelhos de musculação; e 4 - Formas corporais da ioga: criança, cachorro olhando para baixo, árvore, montanha etc.

Foco na BNCC

EF15AR10

Nesta proposta, os estudantes são estimulados a criar movimentos e a explorar como seus corpos se movem no espaço, promovendo experiências de deslocamentos que contribuem para a prática da dança.

EF15AR12

Após a exploração visual e sensorial da obra *Abaporu*, os estudantes são levados a observar seus próprios corpos como formas de expressão singulares, comparando-os e valorizando as diferenças. A mediação promove a escuta e o respeito por modos distintos de sentir, dançar e representar o corpo.

Orientações

O foco da atividade é lembrar a proposta prática e os conceitos relacionados a tamanhos e formas de modo comparativo, tais como grande, pequeno, maior ou menor, e operações como multiplicação e divisão, conteúdo este que dialoga com Matemática. Assim, oriente os estudantes para que façam um desenho simples, que possa ser reproduzido sem grandes dificuldades.

Esta atividade está sendo sugerida para ser feita na escola, mas caso a turma se envolva na proposta, ela pode ser feita em casa, utilizando uma folha de papel A4 ou de caderno.

Aqui não interessa o quão fiel está o desenho do objeto escolhido, mas, sim, se a criança entenderá o enunciado e conseguirá executar a tarefa a partir de seus próprios recursos, relacionando-os ao que ela experimentou ao longo deste percurso. A sugestão de um instrumento ou de uma boneca é para ajudá-las a conectarem os assuntos das linguagens artísticas.

O mais importante de se observar é a dimensão do desenho, ou seja, se ele ocupa bem a área disponível no papel.

REVENDO O QUE APRENDI

1. QUANTAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO CORPO FIZEMOS ATÉ AQUI! NESTA UNIDADE, VOCÊ TRABALHOU CONHECIMENTOS SOBRE TAMANHOS E FORMAS. AGORA, É O MOMENTO DE RELEMBRAR ESSES ASSUNTOS COM OUTRAS ATIVIDADES.
VAMOS COMEÇAR PELA PALAVRA **GRANDE**.

- ESCOLHA UM OBJETO: PODE SER UM INSTRUMENTO OU UMA BONECA, POR EXEMPLO.
- PENSE EM COMO ESSE OBJETO ESTARIA POSICIONADO.
- DESENHE O OBJETO OCUPANDO TODA A ÁREA DO QUADRADO A SEGUIR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

44

2. AGORA, VAMOS FAZER OUTRAS OPERAÇÕES.

- NO ESPAÇO QUE TEM ESTE SÍMBOLO (<), FAÇA DUAS VEZES O MESMO DESENHO EM UM TAMANHO MENOR, MAS NA MESMA POSIÇÃO.
- NO ESPAÇO QUE TEM ESTE SÍMBOLO (÷), ESCOLHA COMO DIVIDIR O DESENHO EM DUAS PARTES. VOCÊ PODE SEPARAR A PARTE DE CIMA DA PARTE DE BAIXO, OU O LADO ESQUERDO DO LADO DIREITO.
- TENTE MANTER AS FORMAS IGUAIS. MUDE APENAS O TAMANHO, A QUANTIDADE E A FORMA DE OCUPAR A ÁREA RESERVADA PARA O DESENHO.

<

÷

- DESCREVA O MATERIAL DO OBJETO QUE VOCÊ ESCOLHEU.

Resposta pessoal. O material pode ser de pano, de alumínio, de plástico, entre outros.

- QUANTOS DESENHOS VOCÊ FEZ AO TODO? SOME E ESCREVA A RESPOSTA.

5 desenhos

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Se o primeiro desenho foi feito com muitos detalhes, oriente os estudantes a fazerem o contorno dele com uma canetinha preta e considerarem apenas a forma delimitada para realizar as atividades desta página. Eliminar os detalhes do primeiro desenho facilitará fazê-lo menor duas vezes e dividi-lo ao meio.

Descrever o material do objeto escolhido ajuda os estudantes a enriquecerem seu vocabulário e a associarem sentido e significado à ação.

Seguramente há relação entre a materialidade do objeto e sua forma no espaço. Quantificar os registros também dialoga com Matemática.

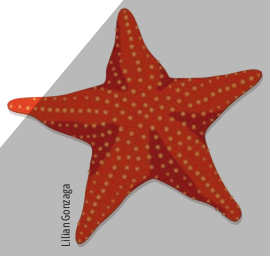
Após fazerem os desenhos e responderem às perguntas, reserve um tempo para que todos possam ver o que os colegas fizeram, principalmente os estudantes que se relacionam menos entre si.

Faça com que essa apreciação coletiva funcione como uma exposição. Incentive os estudantes que se relacionam menos entre si a apreciarem o trabalho uns dos outros. O objetivo é também socializar as criações.

Orientações

Com base em estímulos bem definidos, como formas redondas, pontudas e triangulares, os estudantes devem se lembrar de como podem moldar seus corpos, assim como fizeram com seus bonecos ao longo deste percurso. É importante fazer uma forma por vez para conseguir registrar, na memória corporal, como o corpo é requisitado para sustentar tal posição. Por exemplo: as formas arredondadas estimulam a curvatura da coluna vertebral, aproximando suavemente a cabeça da região do umbigo. Já as formas pontudas ou triangulares exigem um tônus maior para sustentar o corpo todo ou algumas de suas partes em linha reta.

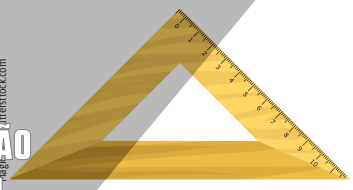
3. VOCÊ TAMBÉM APRENDEU MAIS SOBRE FORMAS. AGORA, É HORA DE COMBINAR ELEMENTOS. ESCOLHA TRÊS OBJETOS QUE TENHAM FORMAS DIFERENTES ENTRE SI. COLOQUE-OS ALINHADOS, FORMANDO UMA SEQUÊNCIA. EXPERIMENTE, JUNTO COM OS COLEGAS, CRIAR FORMAS COM SEU CORPO OU MOVIMENTOS QUE MAIS COMBINEM COM CADA OBJETO. VOCÊ PODE USAR, POR EXEMPLO, UMA FORMA REDONDA, UMA RETA, UMA PONTIAGUDA, UMA TORCIDA. EXPLORE COMO SEU CORPO PODE CRIAR POSIÇÕES VARIADAS, INSPIRANDO-SE NAS FORMAS DOS OBJETOS.


Liliam Gonzaga


Mathias Townsend


Mathias Townsend


Carolina Santório


Negro / Shutterstock.com


Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

46

4. A BRINCADEIRA FINAL É CRIAR DIFERENTES SEQUÊNCIAS COM OS MOVIMENTOS REALIZADOS NA ATIVIDADE ANTERIOR E INVENTAR SUA DANÇA. PRIMEIRO, DIGA A FORMA DO OBJETO ENQUANTO REALIZA OS MOVIMENTOS INSPIRADOS NELE. DEPOIS, O PROFESSOR VAI COLOCAR MÚSICAS PARA VOCÊ OUVIR. OBSERVE COMO SEU MOVIMENTO SE MODIFICA COM OS DIFERENTES ESTILOS MUSICAIS! DEIXE AQUI UM REGISTRO DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE FAZER!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Nessa atividade, observe e avalie como cada criança utiliza o corpo para se expressar, como compreende e transforma estímulos visuais (a forma dos objetos) em ações corporais e como reage à variação de estímulos sonoros (ritmos e estilos musicais).

Durante a aula, considere se os estudantes conseguem lembrar e combinar os movimentos inspirados nos objetos, como eles respondem aos diferentes estilos musicais, adaptando intensidade, tempo e qualidade do movimento, de que forma se expressam com liberdade, criatividade e intenção nos gestos e como se envolvem com a proposta e se demonstram interesse em criar e compartilhar.

O registro feito por eles ao final pode oferecer pistas importantes sobre o que mais os mobilizou: se foi o movimento, a música, a descoberta de novos gestos ou o prazer de dançar. Leve em consideração essas observações para planejar novas experiências que aprofundem o repertório corporal, estimulem a escuta sensível e valorizem a expressão singular de cada estudante.

Orientações

Após explorarem individualmente as formas seguindo a sequência sugerida no Livro do Estudante, peça aos estudantes que formem grupos e que repitam as formas, prestando atenção nos movimentos que fazem entre uma posição e outra. Diga que por meio dessa experiência será criada uma dança.

Se julgar adequado, amplie o desafio, pedindo aos estudantes que acrescentem novas formas e novos movimentos de transição. Por exemplo: fazer as sequências de trás para frente, ter um refrão que se repete entre as sequências, ter alguém que faz um solo de improviso enquanto os demais sustentam uma forma e assim por diante.

Quanto às músicas, escolha estilos bem diferentes uns dos outros para que os estudantes notem como a música interfere em suas ações. É interessante ter uma opção da cultura de sua região ou de artistas locais, uma instrumental erudita e uma popular.

Se a prática gerar resultados interessantes, estude como ela pode ser desenvolvida em um roteiro de apresentação.

No trabalho artístico, é fundamental compartilhar as vivências com a comunidade escolar e as famílias, valorizando cada participante como intérprete e criador.

Foco na BNCC

EF15AR11

Ao convidar os estudantes a criar sequências de movimentos e improvisar uma dança com base nas formas exploradas anteriormente, eles são levados a perceber como o ritmo e a sonoridade influenciam o corpo em movimento. A atividade valoriza a escuta, a criação livre e a expressão individual, promovendo experiências colaborativas.

Objetivos

- Reconhecer os próprios sentimentos, os dos colegas e as formas de expressá-los, respeitando-os.
- Identificar o corpo como elemento que comunica e expressa sentimentos.
- Explorar diferentes possibilidades expressivas do rosto, do corpo e da voz.
- Comparar e analisar diferentes posturas e formas de expressão do corpo.
- Perceber e explorar como os sons podem transmitir emoções e sentimentos.
- Reconhecer como as músicas também podem expressar sentimentos.
- Criar uma música que expresse algum sentimento.

Pré-requisitos

Para os estudantes realizarem as propostas desta unidade, é necessário que reconheçam as partes do corpo e as partes específicas do seu rosto e dos outros, além de reproduzir gestos simples e movimentos básicos. É importante que tenham um vocabulário básico relacionado às emoções mais simples e que consigam nomear alguns sentimentos. Espera-se que tenham vivenciado situações de roda de conversa e escuta ativa, além da partilha de sentimentos.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 3, 4, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 4.

Competências específicas de Arte: 1, 2, 4 e 8.

Habilidades: EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22.

Dimensões da arte: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão.

UNIDADE 3

MEU CORPO – MUITAS FORMAS DE SE EXPRESSAR

- O QUE A MULHER ESTÁ FAZENDO NA IMAGEM?
- QUAL DESSAS IMAGENS MELHOR REPRESENTA A FORMA COMO VOCÊ SE SENTE HOJE?
- VOCÊ PERCEBE COMO O SEU ROSTO MUDA QUANDO FAZ CARETA, ESTÁ FELIZ OU FICA ZANGADO?
- A FORMA DA BOCA, DO NARIZ, DOS OLHOS E DAS SOBRANCELHAS DESSES ROSTOS É A MESMA? Respostas pessoais.



CONHECENDO

O **QUADRO DE ROSTOS** É UM PROJETO QUE FOI REALIZADO PELO FOTÓGRAFO ESTADUNIDENSE MIKE LARREMORE (1986-), COM O OBJETIVO DE MOSTRAR A VARIEDADE DE EXPRESSÕES E EMOÇÕES HUMANAS. DURANTE O PROJETO, ELE REGISTROU O ROSTO DE DIVERSAS PESSOAS FAZENDO AS EXPRESSÕES DIFERENTES.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

48

Sugestão de leitura

- MARTINS, I. C; GAIO, R. (org.). *No palco da infância*: movimento, ritmo e expressão corporal na Educação Infantil. Curitiba: CRV, 2017. v. 27.

O livro se organiza como uma peça teatral em dois atos: no primeiro, revela a criança enquanto sujeito ativo e expressivo; no segundo, oferece atividades pedagógicas instigantes que dialogam com as diretrizes curriculares nacionais.

Glossário dos termos do livro

Expressão corporal: forma de comunicação que utiliza o corpo, os gestos e os movimentos para transmitir ideias, sentimentos e sensações.

Psicomotricidade: campo interdisciplinar que estuda as relações entre corpo e mente, enfatizando como o movimento influencia e é influenciado pelas emoções e e pela cognição.

OBRA *FACEBOARDS* (QUADRO DE ROSTOS), DE MIKE LARREMORE.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta unidade, iremos explorar as possibilidades expressivas do nosso corpo, iniciando pelas expressões faciais, visto que a expressão facial costuma ser mais fácil de identificar do que a expressão do corpo. A partir disso, também trabalharemos com os estudantes a forma como nos sentimos nos diversos momentos da nossa vida. Mesmo sem usar palavras, conseguimos expressar muitos pensamentos e sentimentos apenas com o rosto e com o corpo. Nesse sentido, a intenção será despertar a atenção dos estudantes para as suas próprias possibilidades expressivas, mostrando que não são apenas as palavras que comunicam e expressam, mas todo o nosso corpo.

Verifique se eles sabem o que significa a palavra **expressão**. Falaremos bastante sobre isso ao longo da unidade, portanto, é importante que entendam que estamos nos referindo à expressão como forma de demonstrar o que sentimos e pensamos, e isso pode acontecer de muitas formas.

Depois que os estudantes observarem as imagens atentamente, pergunte a eles o que identificaram. Caso haja estudantes com deficiência visual, é importante descrever as imagens, explicando que se tratam do rosto de uma mesma pessoa com diferentes expressões.

É possível que mencionem as diversas expressões da mulher: triste, alegre, assustada, empolgada etc. Questione-os acerca do que faz com que identifiquem esses sentimentos na mulher da imagem. O que faz com que a gente ache que uma determinada expressão é triste ou alegre? Como poderíamos descrever cada rosto? Como a boca das pessoas está em cada imagem? E os olhos?

Ao propor as perguntas do Livro do Estudante, verifique se eles conseguem relacionar as diferentes expressões do rosto com sentimentos específicos. Esteja atento ao repertório que possuem com relação aos sentimentos e também aos códigos, símbolos comuns das expressões (boca aberta, olho arregalado etc.).

Respostas

- É importante refletir com os estudantes sobre como nossas expressões se transformam em diversos momentos ao longo do dia, mudando de acordo com o que está acontecendo ao nosso redor e com a forma como nos sentimos.
- A segunda pergunta irá auxiliá-los a reconhecerem seus próprios sentimentos e os dos colegas. É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam à vontade para falar sobre seus sentimentos. Busque respeitar o tempo de cada um e lembre-se de que alguns estudantes são mais reservados e demandam um tempo maior para conseguir compartilhar o que sentem. Caso alguém não se sinta confortável para participar desse momento, respeite e busque, individualmente, compreender a situação; é importante que a participação seja voluntária.
- A terceira pergunta nos convida a refletir sobre certos padrões de expressão facial que são comuns em diversas situações, ajudando a identificar o que a pessoa deseja comunicar. Percebemos que em um sorriso existem características comuns, ou seja, a boca abre, os lábios se curvam para cima e os olhos ficam mais abertos, dando a sensação de estarem maiores e mais vibrantes, por exemplo. Deixe que identifiquem esses padrões e, caso não consigam, auxilie-os procurando com eles por semelhanças nos diferentes rostos.
- É esperado que os estudantes observem que a forma das partes do rosto se modifica conforme a expressão.

Orientações

Proponha aos estudantes uma conversa sobre suas próprias emoções e sentimentos, relacionando-os com as expressões faciais. É interessante perguntar se as demais imagens mostradas na página de abertura poderiam representar a forma como já se sentiram em outras circunstâncias. Você pode abrir a conversa para que todos possam contar alguma situação de sua vida em que se sentiram como alguma das imagens. Se julgar adequado, escolha uma das expressões mostradas e compartilhe com os estudantes uma situação vivida por você que se relacione com essa expressão. Compartilhar uma história pessoal e falar dos seus próprios sentimentos irá ajudá-los a se sentirem mais à vontade e acolhidos para compartilhar suas experiências.

É importante que você aponte o fato de que não somos sempre iguais, estamos em constante transformação a partir das situações que vivemos, da forma como nos sentimos, e isso é refletido em nosso rosto e em nosso corpo inteiro, pois é com eles que expressamos e comunicamos histórias, informações e sentimentos.

Depois, peça que desenhem o próprio rosto, ilustrando a forma como se sentem nesse momento. Faça uma roda para que compartilhem os desenhos e conversem sobre esses sentimentos que irão aparecer nos desenhos.

É interessante questioná-los sobre o que pensam ser a razão de o nosso rosto mudar quando nos sentimos de formas diferentes. Dessa forma, iniciaremos a conversa a respeito das emoções e das expressões como ferramentas para comunicar o que sentimos e pensamos.



SENTIR E EXPERIMENTAR

COMO ME VEJO? COMO ME SINTO?

TODO MUNDO É DIFERENTE, MAS VOCÊ JÁ PENSOU QUE NÓS MESMOS NÃO SOMOS SEMPRE IGUAIS? ÀS VEZES ESTAMOS BRAVOS, ÀS VEZES EMPOLGADOS, TRISTES OU CANSADOS. HÁ MOMENTOS EM QUE ESTAMOS FELIZES; EM OUTROS, ASSUSTADOS OU AINDA ENTEDIADOS.

QUANDO NOS SENTIMOS DE JEITOS DIFERENTES, A NOSSA EXPRESSÃO MUDA TAMBÉM, NÃO É MESMO?

COMO VOCÊ SE SENTE AGORA? VOCÊ SE LEMBRA DE COMO SE SENTIA HOJE QUANDO ACORDOU? CONSEGUE LEMBRAR A EXPRESSÃO QUE VOCÊ FEZ?

DESENHE NO ESPAÇO A SEGUIR UM ROSTO QUE REPRESENTE O MODO COMO VOCÊ SE SENTE AGORA. DEPOIS, DESENHE UM ROSTO QUE REPRESENTE O MODO COMO SE SENTIU AO ACORDAR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avaliação

Observe se os estudantes conseguem verbalizar o que sentem. É possível que alguns tenham dificuldade de verbalizar, mas demonstrem como estão se sentindo por meio da sua expressão corporal. Caso observe que algum estudante tenha grande dificuldade em compartilhar e guarde o sentimento para si, é fundamental acolher e pensar em situações que possam deixá-lo à vontade para que consiga compartilhar em outro momento. Às vezes, falar só com o professor pode ser menos desafiador do que compartilhar o sentimento com o grupo todo.

Note também como os estudantes reagem aos sentimentos que os colegas compartilham. É importante ressaltar que eles fazem parte de um grupo e que precisam respeitar e buscar compreender o sentimento de cada um. Caso você observe que não há respeito ou tolerância com o sentimento dos colegas, será importante trabalhar mais atentamente essas questões.

PERISCÓPIO

PARA LER



Editora Sextante

EMOCIONÁRIO: DIGA O QUE VOCÊ SENTE, DE CRISTINA NÚÑEZ E RAFAEL VALCÁRCEL. EDITORA SEXTANTE.

O LIVRO É UM DICIONÁRIO DAS EMOÇÕES. ELE TRAZ LINDAS ILUSTRAÇÕES QUE AJUDAM AS CRIANÇAS A RECONHECER E A DAR NOME ÀS SUAS EMOÇÕES, ALÉM DE EXPRESSAR SEUS SENTIMENTOS.

CARETAS E EXPRESSÕES

NOSSO ROSTO TEM MUITAS POSSIBILIDADES! VAMOS EXPERIMENTÁ-LAS? MASSAGEIE O ROSTO SENTINDO TODAS AS PARTES DELE. DEPOIS, MEXA A BOCA, ARREGALE E FECHE OS OLHOS BEM APERTADO, MEXA O NARIZ... FAÇA CARETAS E EXPLORE TODOS OS MOVIMENTOS QUE VOCÊ CONSEGUE FAZER COM O ROSTO!

QUANTAS CARETAS VOCÊ FEZ? SERÁ QUE SEU COLEGA TEVE IDEIAS DIFERENTES DAS SUAS?

FAÇA UMA RODA COM SEUS AMIGOS E VAMOS BRINCAR DE "SIGA O MESTRE" COM O ROSTO! VOCÊ CONSEGUIU IMITAR TODAS AS EXPRESSÕES FEITAS PELOS COLEGAS? DESCOBRIU NOVAS CARETAS E EXPRESSÕES?


Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Com o exercício proposto, a intenção é que os estudantes explorem, primeiro, as possibilidades de seu próprio rosto e, a partir da observação do rosto dos colegas, experimentem novas possibilidades. Todos nós temos expressões que mais costumamos fazer. Algumas pessoas costumam franzir mais a testa, arregalar os olhos, olhar de lado, fazer algum gesto com a boca. São expressões que fazemos naturalmente e nem percebemos. Contudo, agora o objetivo é chamar a atenção dos estudantes para as possibilidades expressivas, percebendo-as e descobrindo novas.

É importante iniciar sensibilizando o rosto inteiro, para que despertem todas as partes que o compõem. No dia a dia, não costumamos lembrar que temos testa, bochecha, ponta do nariz, entre outros, e passamos o dia sem de fato sentir essas partes, exceto quando coçam ou doem. Quando levamos nossa atenção para as partes do corpo, e aqui para as partes do rosto, lembramos que elas existem, despertando cada ponto.

Para uma sensibilização mais efetiva, inicie com um relaxamento, pedindo aos estudantes que se deitem de olhos fechados e sintam a própria respiração. Seria interessante que você também participasse da prática e acompanhasse a turma nessa investigação. Em seguida, dê algumas orientações como: sinta o ar entrando e saindo pelo nariz, deixe seu corpo relaxado e sinta o peso dele encostando no chão, perceba a ponta da sua cabeça e imagine uma luz que vai atravessar todo seu corpo, até a ponta do seu pé, bem devagar. Depois, imagine essa luz voltando para a sua cabeça, parando no seu rosto, ela está iluminando sua testa, agora os olhos, o nariz, as orelhas, a boca, a bochecha, o queixo. Você pode iniciar com um aquecimento, pedindo aos estudantes que fechem os olhos e pensem no seu rosto, em cada parte dele. Peça que se concentrem em cada parte, tentando sentir cada uma delas sem tocá-las. Depois, peça que esfreguem uma mão na outra, aquecendo-as e, em seguida, massageiem o rosto todo, iniciando pelo topo da cabeça e apertando com delicadeza cada parte do rosto. Peça que explorem os movimentos que conseguem fazer com o rosto todo, mexendo os olhos, a boca, as sobrancelhas, a testa etc. Esse aquecimento irá ajudar a despertar o rosto para a brincadeira a seguir.

A ideia da brincadeira é que cada estudante faça expressões e caretas para que todos os demais possam copiar, ampliando, assim, o seu repertório de possibilidades expressivas. A brincadeira funciona como um "siga o mestre", mas apenas com o rosto. Auxilie-os pedindo que observem bem a expressão de cada um e tentem copiar todos os detalhes.

Enquanto fazem a brincadeira, observe o quanto conseguem reproduzir das expressões dos colegas. Depois, pergunte-lhes se foi fácil imitar ou se não conseguiram reproduzir alguma expressão. O rosto de cada um é diferente; logo, as possibilidades de movimento também são.

Orientações

Quando expressamos emoções e sentimentos, por mais que sejamos todos diferentes, existem algumas características do rosto que costumam se repetir. É por isso que facilmente reconhecemos quando alguém está triste, alegre, assustado etc. Vamos brincar com esses padrões e, ao mesmo tempo, misturar as possibilidades criando expressões divertidas.

As figuras para destacar (que estão na página 89) apresentam diferentes expressões com algumas partes do rosto, como boca, olhos e sobrancelhas. Essas partes irão estimular os estudantes a criar o rosto dos bonecos. A intenção é que eles possam misturar as figuras formando diferentes expressões, que podem ser as que reconhecemos (triste, feliz etc.), assim como expressões divertidas e inusitadas (como boca triste e olhos felizes). Oriente para que experimentem diferentes possibilidades misturando as figuras antes de colar. Eles só devem fixar quando tiverem certeza.

Depois que finalizarem, peça que observem sua criação atentamente e então comentem o que acham que seus bonecos estão sentindo. Questione o que faz com que eles imaginem esse sentimento e quais características das figuras demonstram isso.

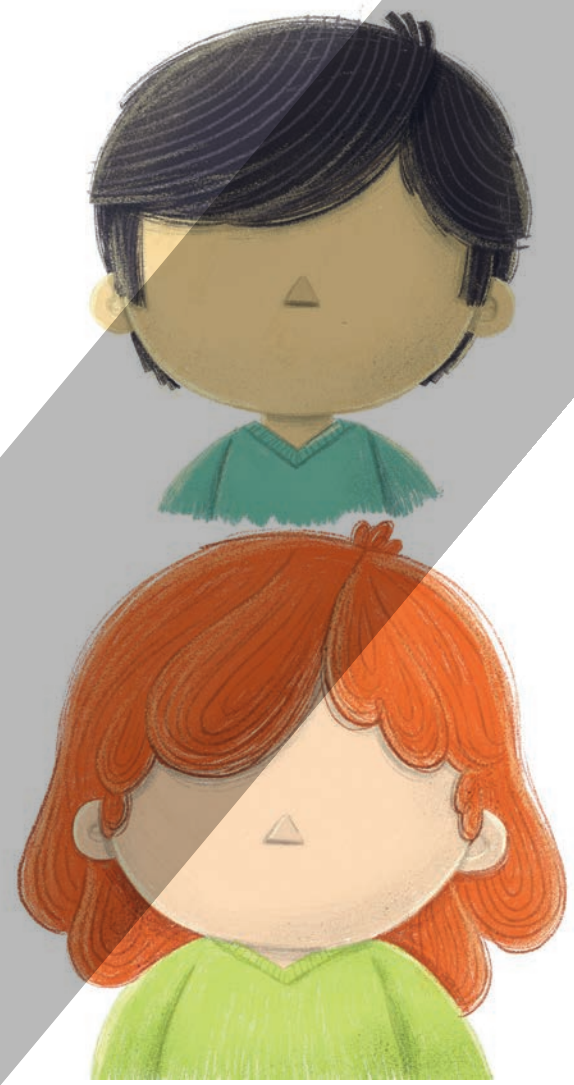
Articulação interdisciplinar

Ciências da Natureza

Esta seção propõe um trabalho de intersecção entre Arte e Ciências da Natureza. O estudante verá que o rosto humano é repleto de possibilidades para expressar emoções e sentimentos. Isso acontece porque existem mais de 40 músculos faciais que se movem de formas variadas para transmitir o que sentimos.

Em Ciências da Natureza são trabalhados temas relacionados ao corpo humano, como a identificação das partes do corpo e a descrição das sensações percebidas por meio dos sentidos. O diálogo entre os dois componentes, portanto, favorece as descobertas sobre as possibilidades expressivas corporais e faciais de forma consciente.

VAMOS CRIAR DIFERENTES EXPRESSÕES PARA OS BONECOS? DESTAQUE OS ELEMENTOS DA PÁGINA 89 PARA MONTAR AS EXPRESSÕES QUE QUISER! VOCÊ PODE CRIAR EXPRESSÕES DIVERTIDAS. DEPOIS, OBSERVE O QUE ELAS EXPRESSAM PARA VOCÊ!



Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

52



Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

OBSERVE OS ROSTOS QUE VOCÊ E OS COLEGAS CRIARAM. VOCÊ CONSEGUIU REPRODUZIR ESSAS EXPRESSÕES?

Resposta pessoal. Verifique se os estudantes associam os tipos de expressão aos diferentes sentimentos e emoções.

Orientações

Faça uma roda para que todos mostrem a sua criação e verifique se criaram bonecos parecidos ou muito diferentes. Aponte o quanto a expressão muda apenas trocando um único elemento, como a sobrancelha ou os olhos, por exemplo.

Também é importante verificar se os estudantes imaginaram os mesmos sentimentos a partir das mesmas imagens ou, ainda, se um mesmo rosto pode expressar sentimentos diferentes para cada um. Se isso acontecer, é interessante apontar que cada pessoa interpreta a expressão de uma forma. Depois da conversa, peça que observem os bonecos novamente e agora tentem reproduzir a expressão que criaram no seu próprio rosto. Pode ser que tenham criado expressões difíceis de serem reproduzidas, mas é interessante que tentem experimentar as possibilidades. Eles podem fazer isso observando os seus próprios bonecos e os dos colegas. Verifique se os estudantes foram capazes de reproduzir com o próprio rosto os elementos expressivos do boneco, se houve intenção ao reposicionar os elementos, por exemplo, sobrancelhas inclinadas para baixo para demonstrar raiva.

Finalize perguntando como se sentem com cada uma das expressões criadas: Mudar o nosso rosto nos causa alguma sensação ou algum sentimento?

Orientações

Nosso corpo todo é expressivo. Não contamos histórias e expressamos nossos sentimentos apenas com a fala ou com a expressão facial. O corpo inteiro se transforma de acordo com nossos sentimentos ou com o que estamos fazendo. Quando estamos com medo, nosso corpo fica mais tenso. Se estamos com vergonha e tristes, o corpo fica mais recolhido. Se estamos bravos, dando uma bronca, nossa postura também muda e, em geral, o corpo fica mais rígido.

É fundamental a expressão corporal para a linguagem teatral. No processo de formação do ator, o trabalho corporal é primordial, pois entende-se que nos expressamos com todas as nossas possibilidades: fala, rosto, o corpo todo, gestos, e quanto mais um ator domina esses elementos, mais ele terá recursos para representar com profundidade seus personagens:

"Dessa máscara corpórea (porque feita apenas com aquilo que é próprio do ator e intransferível, seu corpo físico), fazem parte a postura (as posturas) que utilizará em cena, os gestos, movimentos e deslocamentos no espaço da representação, e aqueles movimentos quase disfarçados, levemente esboçados e interrompidos logo a seguir.

Como postura, nesse contexto, entendemos a forma geral e estática (se a captamos num instantâneo) que adquire o corpo do ator como representante da personagem. Essa postura mostra, a cada momento, atitudes desse ser fictício no confronto ou encontro com o mundo circundante, suas disposições para lutar ou fugir, para tentar ou desistir, para aproximar-se ou afastar-se, suas dúvidas [...]

[...] A postura utilizada pelo intérprete em cena permite, de imediato, uma leitura da personagem: temperamento, história de vida, estado emocional e até mesmo posição social."

AZEVEDO, S. M. de. *O papel do corpo no corpo do ator*. São Paulo: Annablume, 2001. p. 231-232.

A imagem mostra corpos sem rostos para que a atenção esteja somente na postura corporal.

Inicie a aula perguntando aos estudantes o que acham que as pessoas estão fazendo e sentindo e o que os levou a essas conclusões. Auxilie-os apontando para os detalhes de cada postura. Em seguida, cada estudante vai fazer uma pose congelada. Deixe que fiquem parados na pose por alguns instantes e, depois, pergunte como se sentem nessa postura. Observe se a expressão facial dos estudantes muda naturalmente, acompanhando a postura corporal. Pergunte se perceberam sua expressão mudando também.

Sinalize para que um estudante de cada vez "descongele" e faça um passeio pela sala observando a postura dos colegas. Depois de observar, deve retornar à sua pose para que o próximo possa observar.

Converse com os estudantes sobre o que observaram na postura dos colegas: As expressões faciais estavam diferentes também, acompanhando as posturas? O que foi mais fácil de compreender, a postura ou a expressão facial?

Para aprofundar

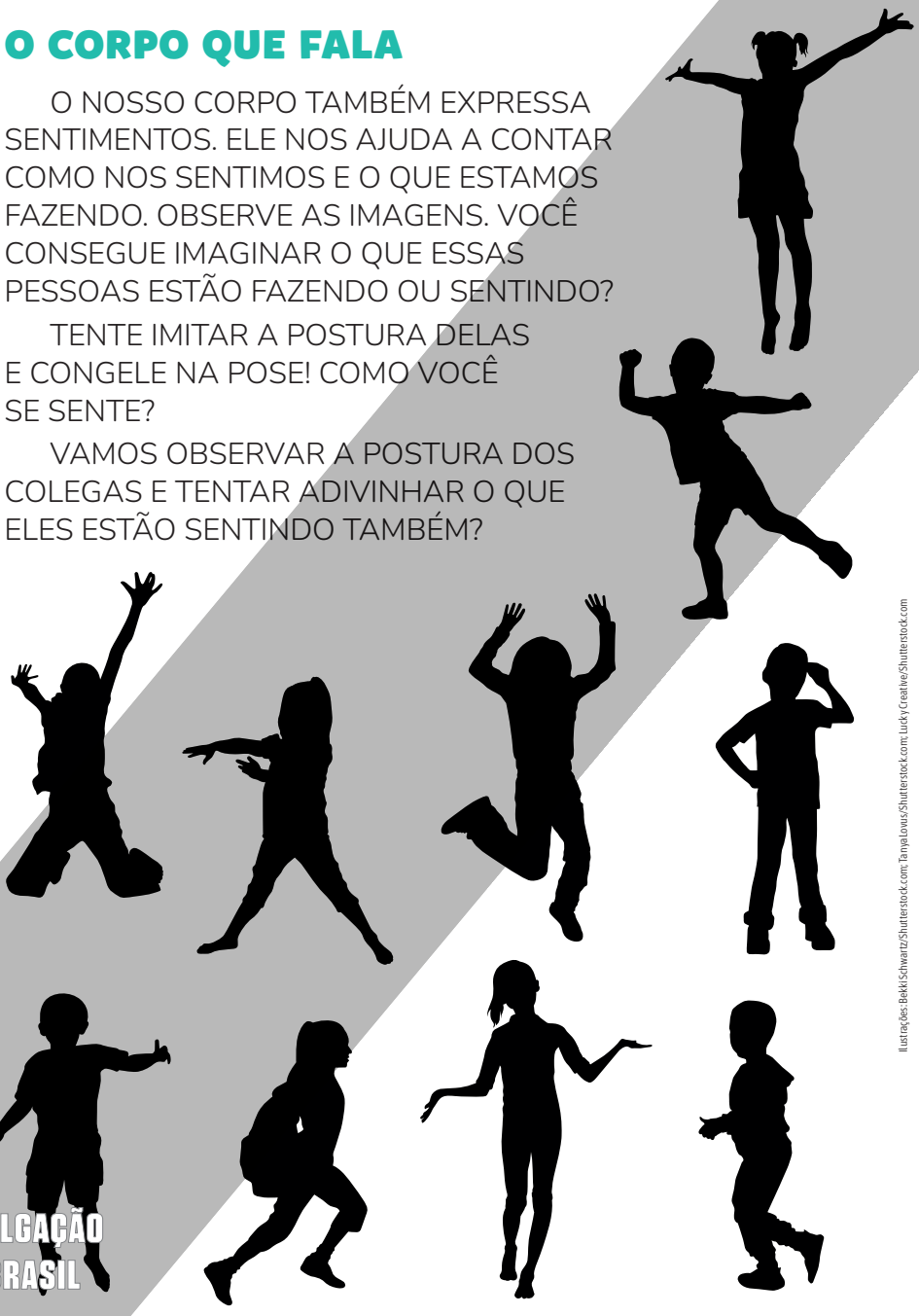
Partindo das figuras mostradas no Livro do Estudante, promova uma reflexão a respeito de como as diferentes culturas e modos de vida influenciam a maneira como usamos o corpo. Os modos de vida no campo, por exemplo, também podem moldar a forma como os corpos se movimentam. Gestos como carregar um cesto, olhar o céu para prever o tempo ou caminhar descalço pela terra fazem parte de uma sabedoria corporal construída ao longo de gerações. Esses movimentos refletem uma forma de estar no mundo em sintonia com a natureza e com o ambiente ao redor.

O CORPO QUE FALA

O NOSSO CORPO TAMBÉM EXPRESSA SENTIMENTOS. ELE NOS AJUDA A CONTAR COMO NOS SENTIMOS E O QUE ESTAMOS FAZENDO. OBSERVE AS IMAGENS. VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR O QUE ESSAS PESSOAS ESTÃO FAZENDO OU SENTINDO?

TENTE IMITAR A POSTURA DELAS E CONGELE NA POSE! COMO VOCÊ SE SENTE?

VAMOS OBSERVAR A POSTURA DOS COLEGAS E TENTAR ADIVINHAR O QUE ELES ESTÃO SENTINDO TAMBÉM?



Ilustrações: Bekki Schwartz/Shutterstock.com; TanyaLou.us/Shutterstock.com; Lucky Creative/Shutterstock.com

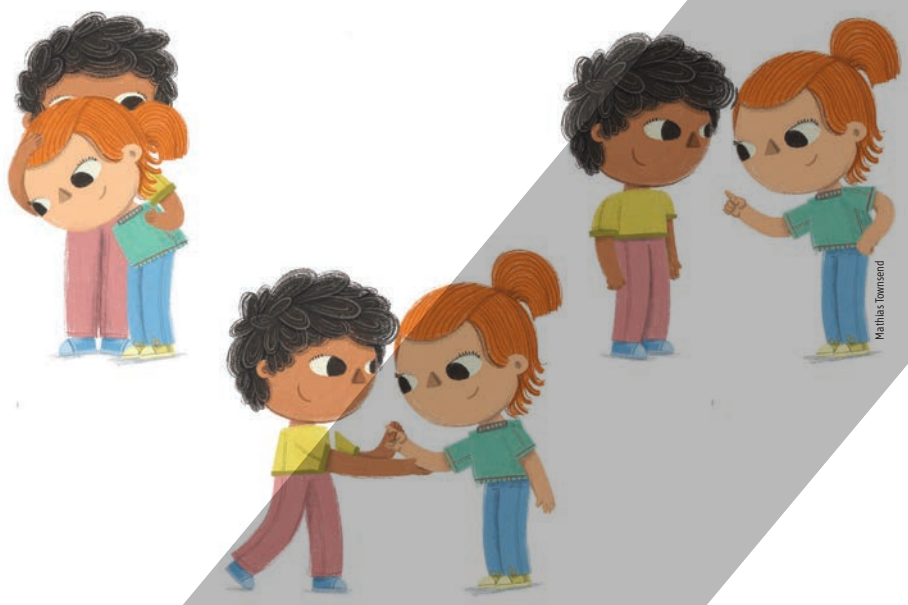
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

AGORA, UM COLEGA SERÁ O SEU BONECO! IMAGINE QUEM ESTE BONECO PODE SER E O QUE ELE ESTÁ FAZENDO. MEXA NO CORPO DO COLEGA ENCONTRANDO POSTURAS QUE POSSAM REPRESENTAR O QUE VOCÊ IMAGINOU.

SOLTE A IMAGINAÇÃO E MODELE O SEU BONECO!

LEMBRE-SE DE PEDIR PERMISSÃO AO COLEGA E DE TOMAR TODO CUIDADO AO MOVIMENTAR O CORPO DELE PARA NÃO MACHUCAR. VOCÊ DEVE DEIXÁ-LO EM UMA POSIÇÃO QUE SEJA POSSÍVEL FICAR PARADO SEM SE INCOMODAR OU CAIR.

ESTE BONECO PODE GANHAR VIDA! O QUE ELE ESTÁ FAZENDO? USE SUA IMAGINAÇÃO!



Mathias Townsend

DÊ UM NOME PARA O BONECO QUE VOCÊ CRIOU. ESCREVA A RESPOSTA.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nessa brincadeira, o estudante que faz o papel de boneco deve ficar com o corpo neutro, pois ele não sabe o que o colega que faz o papel de modelador está imaginando. O modelador deve, com cuidado e com a permissão do colega, movimentar o corpo do boneco, procurando posições que possam representar aquilo que ele imaginou. Para que a turma compreenda a proposta, ofereça alguns exemplos e ideias: o boneco pode estar bravo, dando uma bronca, ou estar assustado, contando um segredo, rezando, correndo, com dor, entre outros. Então, pergunte aos estudantes como o nosso corpo fica nessas situações. Em seguida, peça que pensem em algo para esse boneco fazer ou sentir e que não contem para o colega-boneco. Ele deverá descobrir, ou imaginar (o objetivo não é necessariamente acertar o que o modelador pensou, mas, sim, sentir o que aquela posição sugeriu), a partir de sua posição final. Ressalte que não se trata de um jogo de acerto e erro. O estudante que está sendo manipulado vai perceber seu corpo em uma postura diferente e vai tirar suas próprias conclusões, que não necessariamente serão as mesmas daquele que criou a pose. Deixe claro que se isso acontecer (o boneco imaginar algo diferente do que o modelador do boneco) não é um problema.

Oriente-os na movimentação do corpo do colega. Eles podem experimentar diversas posturas antes de finalizar, movendo cada parte do corpo e observando se está da forma como imaginaram. É importante orientar o estudante que representa o boneco que ele não pode se mexer sozinho. Essa brincadeira pode ser desafiadora para os estudantes que estão sendo bonecos, uma vez que eles devem ficar de fato neutros, sem interferirem na posição. Então, oriente-os para que aceitem as posições que o modelador irá fazer. Também é importante dizer ao modelador que ele não deve falar o que o boneco deve fazer. Ressalte que, para realizar a proposta, o modelador deve lembrar que está trabalhando com o corpo do colega e precisa respeitar os limites de movimentos, além de ter cuidado para não machucá-lo. Os estudantes devem deixar os colegas em posições possíveis de permanecer, pois a intenção do jogo é que o boneco fique parado por um tempo na pose e, para isso, ele precisa estar confortável.

Avaliação

Após a prática, converse com os estudantes sobre a experiência que tiveram: Como foi modelar o colega? Você conseguiu visualizar o boneco que você imaginou? Os bonecos estavam representando alguma expressão? E como foi ser modelado? Houve algum desconforto? Foram descobertas novas posições?

Verifique se os estudantes estavam atentos e engajados na proposta, se demonstraram cuidado com o corpo do colega e se conseguiram, por meio da movimentação do corpo do colega, representar as intenções desejadas.

Foco na BNCC

EF15AR21

Essa brincadeira favorece a imitação e o faz de conta, promovendo empatia e expressão corporal de maneira lúdica.

Orientações

Os sons também podem expressar diversas emoções. É comum suspirarmos quando estamos aliviados, inspirarmos rapidamente pela boca quando nos assustamos, e muitos outros sons difíceis de explicar com palavras, mas que significam muito quando inseridos em determinadas situações.

Durante a atividade, os estudantes devem reconhecer alguns dos sons que funcionam como interjeições e não são palavras.

Você irá colocar o **Áudio 1**, para que a turma escute os exemplos e tente reconhecer qual é o sentimento, a ação ou a sensação que o som transmite.

Se for necessário, reproduza mais de uma vez para que possam reconhecer. Peça que não falem em voz alta a resposta, apenas escrevam o que reconhecerem. Quando terminarem de escutar, abra uma roda de conversa para checar se todos reconheceram os sons que escutaram.

Esses sons costumam ser utilizados da mesma forma em diferentes regiões do país, mas pode ser que haja alguma diferença entre a resposta indicada e o significado que o som costuma ter em sua região. Fique à vontade para conversar também sobre as variações regionais de linguagem que podem ocorrer.

Pergunte aos estudantes se eles se lembram de outros sons que, assim como os que escutaram anteriormente, expressam algum sentimento.

Objeto digital

Para realizar a atividade com os estudantes, solicite a eles que acessem o áudio pelo ícone clicável nesse nível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 1. Número 1: som de susto; número 2: som de sono; número 3: som de alegria; número 4: som de discordar; número 5: som de concordar; número 6: som de dúvida; número 7: som de medo; número 8: som de cansaço; número 9: chamando alguém; número 10: sentindo dor.

EXPRESSANDO-SE COM SONS

VIMOS QUE PODEMOS EXPRESSAR NOSSOS SENTIMENTOS DE DIVERSAS FORMAS: POR MEIO DA FALA, DAS EXPRESSÕES DO ROSTO E DO CORPO. MAS VOCÊ JÁ REPAROU QUE TAMBÉM USAMOS SONS PARA EXPRESSAR ALGUNS SENTIMENTOS, SENSAÇÕES OU AÇÕES?

ESCUTE OS SONS QUE O PROFESSOR IRÁ COLOCAR E ESCREVA NO ESPAÇO A SEGUIR SE RECONHECE O QUE ELES QUEREM DIZER.

ÁUDIO 1

1. Susto
2. Sono
3. Alegria
4. Discordar
5. Concordar
6. Dúvida
7. Medo
8. Cansaço
9. Chamando alguém
10. Sentindo dor

CONVERSE COM OS COLEGAS PARA VERIFICAR SE RECONHECERAM TODOS ESSES SONS. VOCÊS CONHECEM OUTROS SONS QUE SÃO MUITO PRESENTES EM NOSSO DIA A DIA? LEMBREM-SE: ELES NÃO PODEM SER PALAVRAS, MAS DEVEM TER UM SIGNIFICADO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

Falar sobre sentimentos e emoções com os estudantes é muito importante. Será que eles conseguem diferenciar uma emoção de um sentimento? A emoção é aquela reação involuntária do nosso corpo diante de uma situação ou um estímulo. Já o sentimento é uma interpretação consciente de uma emoção.

Pode ser interessante utilizar alguns materiais de apoio que os ajudem a perceber e nomear os sentimentos e emoções.

Se possível, mostre à turma o episódio "Sentimentos" do *podcast* Maritaca. Este *podcast* produzido por Mariana Piza (1974-) apresenta episódios temáticos que são conduzidos pela apresentadora e conta com a presença de crianças que compartilham suas vivências, além de trazer músicas e histórias que também se relacionam ao tema. Esse episódio está disponível em: https://open.spotify.com/episode/0hrEu8rcPOArq5BntQpvxS?si=6d08954e79b14926 (acesso em: 22 abr. 2025).

AGORA QUE VOCÊ RECONHECEU ALGUNS SONS QUE EXPRESSAM SENTIMENTOS E SENSAÇÕES, VAMOS FAZER OS SEGUINTES JOGOS.

1. EM DUPLA, UM ESTUDANTE FARÁ ALGUM DOS SONS ESCUTADOS ANTERIORMENTE, E O COLEGA DEVERÁ FAZER UMA MÍMICA PARA EXPRESSAR O QUE ESSE SOM TRANSMITE, OU SEJA, O SEU SIGNIFICADO.
2. EM SEGUIDA, O ESTUDANTE QUE FEZ A MÍMICA COMEÇA FAZENDO O SOM, E O COLEGA DEVERÁ REAGIR AO QUE ESCUTOU, RESPONDENDO COM OUTRO SOM, CRIANDO, ASSIM, UM DIÁLOGO DE SONS E MOVIMENTOS CORPORAIS.



Mathias Tonwsend

COMPARTILHE COM OS COLEGAS COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Separe os estudantes em duplas para fazer as atividades propostas.

Na primeira variação, um dos estudantes deve reproduzir algum dos sons que escutou na atividade anterior. A proposta é que ele emita somente o som, sem usar gestos ou movimentos corporais. O colega, por sua vez, escuta e realiza uma mímica que represente o que aquele som significa. Caso considere pertinente, peça aos estudantes que escutem o som de olhos fechados.

Depois, os papéis se invertem. Nesta etapa, os estudantes interagem por meio de um diálogo utilizando apenas esses sons. Um estudante inicia com um som e o outro responde com outro som, e assim por diante.

Ao final da atividade, faça uma roda de conversa e proponha perguntas: Foi fácil reagir aos sons? Como foi representar um som com o corpo? E responder com outro som?

Orientações

A música é uma linguagem que utiliza sons para expressar emoções, ideias e valores presentes em diferentes épocas e culturas.

Segundo Teca Alencar de Brito:

> As épocas remotas que demarcam a presença do que viria a ser música apontam para uma consciência mágica, mítica, responsável pela transformação de sons em música e seres humanos em seres musicais, produtores de significados sonoros. Os tantos mitos e lendas que relacionam vida, mundo, sons e silêncios, conferindo poder e magia aos sons e, consequentemente, aos instrumentos musicais, expressam essa condição.
>
> Existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana. A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes.
>
> [...]
>
> As muitas músicas da música – o samba ou o maracatu brasileiros, o *blues* e o *jazz* norte-americanos, a valsa, o *rap*, a sinfonia clássica europeia, o canto gregoriano medieval, o canto dos monges budistas, a música concreta, a música aleatória, a música da cultura infantil, entre muitas outras possibilidades – são expressões sonoras que refletem a consciência, o modo de perceber, pensar e sentir de indivíduos, comunidades, culturas, regiões, em seu processo sócio-histórico.

BRITO, T. A. de. *Música na educação infantil*: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

Hoje em dia, imersos em nossa cultura, estamos acostumados a escutar canções, ou seja, músicas que contêm versos. Essas músicas conseguem expressar explicitamente determinadas emoções, pois o compositor tem o recurso literal para comunicar o que desejar.

Contudo, os sons também são capazes de transmitir diversas emoções. O compositor consegue demonstrar as emoções e sensações por meio de melodias, de instrumentos, e até do andamento que escolhe para sua música, entre outros.

VOCÊ JÁ PENSOU QUE TAMBÉM CONSEGUIMOS EXPRESSAR NOSSOS SENTIMENTOS COM MÚSICA?

A LETRA DA MÚSICA PODE EXPRESSAR SENTIMENTOS, MAS, ALÉM DISSO, O MODO COMO ELA É TOCADA TAMBÉM PODE.

1. VOCÊ CONHECE ALGUMA MÚSICA QUE ACHA TRISTE? ESCREVA O NOME DELA ABAIXO. EM SEGUIDA, CONTE AOS COLEGAS POR QUE VOCÊ A ACHA TRISTE.

Resposta pessoal.

2. E QUAL MÚSICA VOCÊ ACHA QUE É ALEGRE? TENTE SE LEMBRAR DO NOME DELA E ESCREVA-O ABAIXO. DEPOIS, EXPLIQUE AOS COLEGAS POR QUE ELA FAZ VOCÊ SE SENTIR ALEGRE.

Resposta pessoal.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Proponha uma conversa perguntando aos estudantes se eles costumam ter diferentes sensações ao escutarem músicas: De quais músicas alegres eles se lembram? E tristes?

Se tiverem dificuldade para lembrar, apresente exemplos de músicas de filmes, que muitas vezes ficam gravadas na memória ao serem associadas a alguma cena alegre, triste ou assustadora.

Depois dessa conversa, peça que respondam às **atividades 1** e **2**.

Em seguida, você irá utilizar o áudio 2 para realizar a **atividade 3**. Coloque para tocar uma vez e peça aos estudantes que escutem atentamente e com os olhos fechados. Em seguida, reproduza novamente e peça que desenhem o que sentiram ao escutar a música.

Quando terminar, peça que compartilhem o desenho, os sentimentos e as sensações despertadas pela música, destacando o que quiseram representar com o desenho.

3. AGORA, O PROFESSOR IRÁ COLOCAR UMA MÚSICA PARA VOCÊ ESCUTAR. FECHE OS OLHOS E ESCUTE COM ATENÇÃO. O QUE VOCÊ SENTIU? RESPONDA COM UM DESENHO NO QUADRO.

ÁUDIO 2

VOCÊ E OS COLEGAS TAMBÉM PODEM CRIAR UMA MÚSICA QUE EXPRESSE UM SENTIMENTO. EM GRUPOS, ESCOLHAM ALGO QUE QUEIRAM EXPRESSAR E INVENTEM UMA MÚSICA. REGISTRE A SEGUIR O NOME DA MÚSICA E O SENTIMENTO QUE MOTIVOU ESSA CRIAÇÃO.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Para realizar a **atividade 3** sobre as sensações despertadas pela música, solicite aos estudantes que acessem o áudio pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 2. Música instrumental.

Orientações

Depois de compartilharem as sensações despertadas pela música e refletirem sobre as diferentes emoções que a música pode provocar, os estudantes serão convidados a criar uma composição musical que expresse algum sentimento. Para garantir a participação de todos, é importante oferecer caminhos variados de acesso à proposta. Para estudantes que não puderem ouvir a música, é possível apresentar imagens que representem cenas variadas que tragam situações de alegria, de tristeza, de surpresa ou de tranquilidade, por exemplo. A partir dessas imagens, convide o estudante a imaginar o que aquela cena transmite. Outra possibilidade é o uso de objetos com vibração, que permitam ao estudante sentir a presença da música por meio do corpo. A proposta deve valorizar o que cada estudante percebe e sente, respeitando as mais variadas formas de escuta, interpretação e expressão.

Separe-os em grupos. Peça a cada grupo que escolha o tema abordado na composição. Para a execução da composição, você pode sugerir a utilização de objetos do cotidiano que estiverem disponíveis para criar sons, como lápis batendo na mesa ou em uma folha de papel, um saco de papel amassado ou também alguns sons do corpo, como palmas e batidas dos pés no chão. A música pode ter versos, desde que seja algo simples que os estudantes façam com fluidez.

Peça que prestem atenção a algumas características que podem ajudar a expressar esses sentimentos na música; o andamento é uma delas. Chamamos de **andamento** a velocidade em que a música é tocada. Em geral, músicas alegres são mais rápidas e animadas, enquanto músicas tristes costumam ser mais lentas. Busque ampliar o repertório dos estudantes e, se possível, mostre a eles diferentes tipos de música. Se possível, faça uma gravação com o celular para registrar suas composições.

Orientações

Até aqui, abordamos as possibilidades expressivas do corpo, pensando em como ele pode comunicar pensamentos, sensações e sentimentos. A linguagem verbal e a escrita podem comunicar de forma mais direta, já que utilizam palavras como códigos compartilhados e que podem ser aprendidos e reconhecidos por diferentes pessoas.

Agora os estudantes irão explorar a linguagem verbal percebendo como usamos palavras e frases para expressar sentimentos e sensações. Além da voz, podemos usar gestos, expressões faciais ou sinais para comunicar o que sentimos. Ao explorar interjeições, incentive os estudantes a experimentar diferentes formas de expressão, falando, sinalizando ou mostrando com expressões faciais e gestos. É importante que eles percebam que existem muitas maneiras de expressar emoções e sentimentos, e cada pessoa pode se comunicar de acordo com suas próprias características e possibilidades.

A primeira proposta apresenta algumas interjeições que costumam fazer parte de nosso dia a dia. As interjeições são palavras ou frases que expressam emoções e sentimentos, comunicando, assim, um estado emocional sem precisar de muitas explicações.

Leia as palavras com os estudantes e, então, peça que pensem sobre o que elas expressam. É importante conversar sobre o fato de que tais expressões também são culturais, fazem parte dos costumes de cada cultura, de cada região, de cada família e de cada pessoa.

Depois, peça que escrevam quais sentimentos essas palavras expressam para cada um. Então, compartilhem para ver se escreveram sentimentos parecidos ou diferentes. É comum que uma mesma palavra expresse diferentes sentimentos: "Nossa!", por exemplo, pode expressar susto, surpresa ou, ainda, desapontamento. Nesse caso, a entonação nos ajuda a entender a intenção da palavra.

O último exercício propõe justamente que eles brinquem com a entonação da voz, percebendo que, se usarmos apenas a palavra sem expressividade na voz, no gesto ou na expressão facial, a comunicação pode não ser tão clara para os outros.

GIRAMUNDO

DANDO VOZ AOS SENTIMENTOS

VIMOS QUE NOSSO CORPO EXPRESSA E COMUNICA SENTIMENTOS, PENSAMENTOS E SENSAÇÕES. ALÉM DO CORPO, A FALA E A ESCRITA TAMBÉM AJUDAM A EXPRESSAR O QUE SENTIMOS.

EM NOSSO DIA A DIA, USAMOS MUITAS EXPRESSÕES VERBAIS PARA DEMONSTRAR SENTIMENTOS.

QUAL SENTIMENTO VOCÊ RELACIONARIA A ESSAS EXPRESSÕES?

PUXA VIDA! Respostas pessoais.

NOSSA! _____

UFA! _____

VIVA! _____

OBA! _____

VOCÊ LEMBRA DE ALGUMA EXPRESSÃO QUE COSTUMA FALAR COM FREQUÊNCIA? O QUE ELA QUER DIZER?

AGORA, VAMOS BRINCAR COM ESSAS EXPRESSÕES. TENTE FALAR CADA UMA DELAS MUDANDO A ENTONAÇÃO DA SUA VOZ. AS PALAVRAS GANHAM SENTIDO DIFERENTE?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em seguida, converse com os estudantes trazendo algumas reflexões: É possível expressar diferentes sentimentos usando a mesma palavra? Por que eles acham que isso acontece? O que precisamos fazer para expressar o que sentimos ou pensamos com maior objetividade?

Foco na BNCC

EF15AR19

A proposta convida os estudantes a explorar como a fala e a entonação comunicam sentimentos no cotidiano. Brincar com diferentes formas de dizer as expressões citadas promove a consciência das variações expressivas da fala.

Atividade complementar

Para complementar a proposta e fazer uma pesquisa das diferenças culturais do país que também aparecem por meio da fala, você pode fazer um levantamento de expressões comuns na região onde vocês moram e nas demais regiões do país. Pode ser que alguns estudantes tenham parentes em outros estados e saibam dizer palavras comuns nesses lugares. Estimule-os a compartilhar e em seguida proponha que pesquisem expressões típicas das diferentes regiões do país. No Nordeste, por exemplo, é comum falar "oxente"; no Sul são utilizadas expressões como "bah" e "tchê".

APRENDEMOS QUE NÃO SÃO SOMENTE AS PALAVRAS QUE PERMITEM QUE AS PESSOAS SE EXPRESSEM E SE COMUNIQUEM. O JEITO COMO FALAMOS TAMBÉM NOS AJUDA A DEMONSTRAR SENTIMENTOS E A CONTAR HISTÓRIAS. AS PALAVRAS DIZEM MUITO, MAS, ACOMPANHADAS DA EXPRESSÃO DA NOSSA VOZ, DIZEM MUITO MAIS!

VAMOS BRINCAR DE LÍNGUA INVENTADA! VOCÊS DEVEM CONVERSAR USANDO PALAVRAS INVENTADAS. SERÁ QUE VÃO CONSEGUIR SE ENTENDER?

1. VOCÊ CONSEGUIU ENTENDER ALGO NA CONVERSA?

Resposta pessoal.

2. VOCÊ PERCEBEU ALGUM SENTIMENTO NA FALA DE SEU COLEGA? QUAL?

Resposta pessoal.

3. O QUE FEZ COM QUE VOCÊ PERCEBESSE O SENTIMENTO DO COLEGA?

Resposta pessoal.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Vimos como a linguagem é uma ferramenta que nos ajuda a comunicar e expressar, seja por meio de palavras, gestos, expressões faciais, seja por meio de desenhos ou até sons. Quando escrevemos ou falamos, conseguimos comunicar com mais clareza o que queremos, mas quando falamos, ganhamos um elemento a mais: a entonação da nossa voz.

Nossa voz é expressiva e nos ajuda a demonstrar a intenção daquilo que se diz, o sentimento e a emoção que temos ao contar alguma coisa. Fazemos isso usando diferentes entonações. Nas atividades anteriores, os estudantes puderam perceber que uma mesma frase pode ter sentidos diferentes dependendo da entonação.

Agora, os estudantes vão perceber que a voz, sem o uso das palavras, dos códigos da linguagem verbal, também é capaz de comunicar. Com essa proposta, o objetivo é que eles compreendam que a voz pode ser uma forma expressiva de comunicação, contribuindo para transmitir emoções e intenções, mesmo quando não compreendemos as palavras ou falamos idiomas diferentes. É importante reconhecer que a comunicação pode acontecer de diversas maneiras, e que cada pessoa encontra formas próprias de se expressar e se fazer entender.

Separe-os em duplas e explique que devem conversar em uma língua inventada. Cada um terá sua própria língua, ou seja, vai usar sons para se comunicar, sem usar palavras com algum sentido. Diga que cada dupla deve combinar quem irá iniciar a conversa. O estudante que começar deve pensar o que quer falar e com qual intenção e sentimento. Ele pode, por exemplo, estar bravo, dando uma bronca ou uma notícia triste, contando uma piada, um segredo, pode estar surpreso com algo que aconteceu ou com medo. O segundo estudante da dupla deve escutar o primeiro para responder utilizando a sua língua inventada, tentando destacar em sua própria língua a intenção e o sentimento imaginado a partir da fala do primeiro.

Deixe que cada dupla apresente sua conversa para o grupo todo e depois pergunte o que imaginaram: Que conversa era essa? Quem seriam essas pessoas? O que elas estavam sentindo? O que vocês imaginam que elas estavam falando? Questione também as duplas, para o segundo estudante, pergunte: O que você imaginou quando começou a conversa? Pergunte a quem iniciou a conversa qual foi a ideia inicial. Veja se acertaram. É bem difícil que descubram o que o primeiro colega estava realmente falando, mas é possível que percebam se era o contexto de uma briga, um segredo ou uma conversa triste, por exemplo. Por fim, destaque que isso é possível juntando a expressão da fala com as expressões facial e corporal.

Orientações

Até aqui, exploramos algumas formas de expressar o que sentimos. Agora, iremos trabalhar de modo que os estudantes se conectem mais profundamente com seus sentimentos. Nesta atividade, iremos incentivá-los a olhar mais atentamente para si mesmos, reconhecer e validar suas próprias emoções, além de desenvolver a capacidade de observar, compreender e respeitar os sentimentos dos colegas. Dessa forma, promovemos o desenvolvimento da empatia e do autoconhecimento.

As imagens mostram crianças expressando algum sentimento, e a intenção é que os estudantes possam reconhecer esses sentimentos e transportá-los para a sua realidade, pois são sentimentos que eles também vivenciam rotineiramente, assim como seus colegas.

Para aprofundar

O seguinte trabalho aborda a alfabetização emocional, voltada para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

- RODRIGUES, F. A.; CARVALHO, S. S. de; MELO, A. S. A. de S. Alfabetização das competências socioemocionais na Educação Infantil: habilidades para a vida. *Id on line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, São Paulo, v. 15, n. 54, p. 150–170, fev. 2021. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2952/4633. Acesso em: 11 jul. 2025.

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

ACOLHENDO AS EMOÇÕES

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

NEM SEMPRE NOS SENTIMOS DO MESMO JEITO, NÃO É MESMO?

ÀS VEZES NÃO ENTENDEMOS OU GOSTAMOS DO QUE SENTIMOS. VOCÊ JÁ FICOU TRISTE OU BRAVO SEM ENTENDER O PORQUÊ?

COM O TEMPO, APRENDEMOS A CONHECER E NOMEAR NOSSOS SENTIMENTOS. ENTENDER O QUE SENTIMOS NOS AJUDA A COMPREENDER OS SENTIMENTOS DOS OUTROS.

OBSERVE AS IMAGENS. VOCÊ OU SEUS COLEGAS JÁ DEVEM TER VISTO OU VIVIDO SITUAÇÕES SEMELHANTES.



Wavebreakmedia/iStockphoto.com

QUANDO NOS DESENTENDEMOS, PODEMOS SENTIR RAIVA OU FRUSTRAÇÃO.



aldomurillo/iStockphoto.com

ÀS VEZES, PODEMOS NOS SENTIR TRISTES OU SOZINHOS.



wavebreakmedia/Shutterstock.com

ALEGRIA TAMBÉM FAZ PARTE DO NOSSO DIA A DIA.



LightFieldStudios Inc./Alamy/Fotoarena

QUANDO ESTAMOS CANSADOS, COM SONO OU ENTEDIADOS, FICA DIFÍCIL PRESTAR ATENÇÃO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Infográfico clicável

Para ampliar o conteúdo sobre as formas de se expressar, solicite à turma que acesse o infográfico clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

- CONVERSE COM O PROFESSOR E OS COLEGAS SOBRE O QUE VOCÊ FARIA AO SE DEPARAR COM UM AMIGO EM UMA DESSAS SITUAÇÕES.

Resposta pessoal.

ESCOLHA ALGUNS SENTIMENTOS BONS E OUTROS DIFÍCEIS QUE VOCÊ COSTUMA SENTIR QUANDO ALGUMA COISA ACONTECE NA ESCOLA. POR EXEMPLO: SINTO-ME FELIZ QUANDO BRINCAMOS NO PARQUE. SINTO-ME TRISTE QUANDO TENHO SAUDADES.

SERÁ QUE OS COLEGAS SENTEM O MESMO QUE VOCÊ?

ESCREVA OS SENTIMENTOS ESCOLHIDOS EM UM PAPEL E ENTREGUE-O PARA O PROFESSOR. AGORA, ELE IRÁ TROCAR OS PAPÉIS ENTRE VOCÊS.

- VOCÊ DESCOBRIU ALGUMA SITUAÇÃO QUE DEIXA UM COLEGA TRISTE OU BRAVO QUE VOCÊ NÃO SABIA?
- OUTRAS PESSOAS SENTEM O MESMO QUE VOCÊ?
- VOCÊ SE IDENTIFICOU COM OS SENTIMENTOS QUE SEUS COLEGAS ESCREVERAM?

PERISCÓPIO

PARA ASSISTIR

DIVERTIDA MENTE, DE PETE DOCTER, 2015. DISNEY-PIXAR. 94 MIN.

APRESENTA A VIDA DE RILEY, UMA GAROTA QUE ESTÁ PASSANDO POR GRANDES MUDANÇAS EM SUA ROTINA. AS DIFERENTES EMOÇÕES HUMANAS TOMAM CONTA DE SUA MENTE E ALGUMAS DELAS CAUSAM VIDA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Pixar Animation Studios/Walt Disney Pictures/Album/Fotoarena

PERSONAGENS DO FILME *DIVERTIDA MENTE* (2015), REPRESENTANDO AS EMOÇÕES DA PERSONAGEM PRINCIPAL.

Orientações

Peça aos estudantes que escrevam um sentimento bom e outro ruim que costumam sentir ou já sentiram em situações vivenciadas na escola. Junto do sentimento, eles devem escrever as situações que os provocam. Nessa fase, é comum que os estudantes não dominem a escrita de forma a elaborar uma frase que explique a situação, nesse caso, você será o escriba. Explique que ninguém precisa saber o que o outro escreveu, já que não serão colocados os nomes.

Após a escrita, cada um deve sortear um papel e ler para o grupo.

Proponha uma roda, criando um ambiente acolhedor. Ajude-os na leitura do papel e inicie uma conversa sobre o sentimento e a situação descrita. No caso de sentimentos como raiva e tristeza, pergunte se outros colegas também se sentem assim, o que acham da situação e como poderiam ajudar o colega ou evitar que a situação aconteça de novo. Se forem sentimentos alegres, conversem também sobre como fazer com que as situações que causam esses sentimentos aconteçam com maior frequência.

A intenção é criar um espaço seguro, no qual possam conversar sobre as situações que causam sentimentos positivos e negativos e que compreendam como os colegas se sentem, sem expor ninguém.

Essa proposta é interessante porque uma situação que deixa um colega triste pode não ter o mesmo efeito em outro. Contudo, quando eles descobrem o sentimento que isso provoca no outro, podem refletir e repensar o modo de agir.

Avaliação

Trabalhar a empatia é fundamental em todas as etapas da vida escolar. No 1º ano, os estudantes estão ingressando no Ensino Fundamental e lidando com uma série de mudanças, tanto no seu próprio comportamento quanto na sua rotina. Isso pode gerar dificuldade em lidar com determinadas situações e conflitos.

Durante o período da Educação Infantil, é comum que eles necessitem da mediação do adulto para gerenciar os conflitos e solucionar os problemas que surgem. Na etapa do Ensino Fundamental, é esperado que comecem a ter cada vez mais autonomia para gerenciar os conflitos, lidar com seus sentimentos e com os dos outros. Portanto, exercitar a empatia é fundamental. Auxiliá-los a reconhecer, nomear e compreender seus sentimentos é uma forma de fazer com que desenvolvam a capacidade da empatia. Observe em todas essas propostas como os estudantes reagiram aos próprios sentimentos e aos sentimentos dos colegas. Verifique se souberam nomear o que sentem, se conseguiram perceber os sentimentos dos colegas e se agiram de forma empática.

Orientações

Agora que os estudantes tiveram a oportunidade de explorar com profundidade as expressões de seu corpo, é hora de refletirem sobre elas, buscando apropriar-se de suas descobertas. Para auxiliar nesse processo, retome com a turma os exercícios que já foram feitos até aqui.

As duas primeiras questões têm como objetivo fazer com que relembrem os exercícios realizados durante toda a unidade e se conscientizem sobre eles. Os estudantes vivenciaram diversas atividades práticas e, por meio dessas questões, poderão perceber as novas descobertas que fizeram. O objetivo é que as propostas da unidade tenham ajudado a aumentar as possibilidades expressivas de cada um e a capacidade de comunicação por meio do corpo. É possível que alguns digam que não descobriram nada. Caso isso aconteça, retome alguns dos exercícios e comente as novas expressões que surgiram. Você pode relembrar, por exemplo, o quanto foi diferente copiar as expressões dos colegas e descobrir como elas são em nosso rosto e corpo.

A terceira questão tem o objetivo de fazer com que o estudante reflita sobre si mesmo, seu jeito de se expressar e de se comunicar, seus sentimentos, sua rotina e os acontecimentos do seu dia a dia. Eles terão que fazer um exercício de memória e de olhar para si, percebendo se costumam estar mais sorridentes, com cara fechada, entediados ou cansados. Nossas expressões refletem nosso jeito de ser, mas também nosso modo de vida e entorno. Este[illegible] comportamentos dos estudantes da sua turma, promovendo [illegible] fortalecendo os vínculos de confiança entre você e eles.

REVENDO O QUE APRENDI

1. NESTA UNIDADE, EXPLORAMOS AS MUITAS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS DO NOSSO CORPO. O QUE VOCÊ DESCOBRIU DEPOIS DOS EXERCÍCIOS COM SEU ROSTO E SEU CORPO?

Resposta pessoal.

2. VOCÊ DESCOBRIU ALGUMA EXPRESSÃO NO SEU ROSTO QUE VOCÊ NÃO CONHECIA?

Resposta pessoal.

3. QUAL É A EXPRESSÃO QUE VOCÊ ACHA QUE MAIS FAZ NO SEU DIA A DIA NA ESCOLA? DESENHE-A A SEGUIR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

64

4. VIMOS QUE NOSSO CORPO TAMBÉM AJUDA A COMUNICAR NOSSOS SENTIMENTOS, SENSAÇÕES E PENSAMENTOS. COMO VOCÊ DESCREVERIA ESTAS POSTURAS? Respostas pessoais.


Anatoliy Karlyuk/Shutterstock.com


Kuznetsov Dmitriy/Shutterstock.com


Sorapop Udomsri/Shutterstock.com


Brastock/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

O exercício apresenta algumas imagens de corpos que expressam sentimentos e sensações pela postura e expressão facial. Deixe que observem as imagens e escrevam suas impressões sem qualquer intervenção. Depois, eles devem compartilhar suas respostas com os colegas e verificar se todos tiveram a mesma leitura. Algumas são mais claras, outras podem provocar diferentes interpretações. É interessante que eles percebam que as expressões corporais, apesar de nos oferecerem informações sobre o que sentimos ou pensamos, não são necessariamente tão claras e diretas como as verbais, o que abre margem para essa diferença na interpretação de quem observa. E as diferentes formas de expressão: verbal, corporal e facial, se complementam para tornar a comunicação mais clara. Quando olhamos a imagem de um corpo que está em uma postura expressiva, porém sem expressão facial, identificar a emoção, o sentimento, certamente será mais difícil. Por outro lado, uma pessoa com uma expressão facial e que verbaliza o que sente conseguirá se comunicar de maneira mais clara.

Assim, é importante que eles percebam que nem sempre identificamos o sentimento apenas com a expressão corporal e, portanto, não devemos tirar conclusões sobre o que acontece com o outro apenas pela impressão que tivemos ao observar sua postura ou expressão. Essa constatação certamente foi vivenciada por eles em alguns dos exercícios que fizeram ao longo desta unidade, assim como poderão perceber essa questão a partir da análise das imagens. Para reforçar essa compreensão, você pode exemplificar com situações que poderiam acontecer na escola: um colega pode estar com uma expressão fechada, indicando que está bravo, mas, antes de concluir o que ele está sentindo, é importante conversar e perguntar se está tudo bem. Apontar que é importante conversar é uma forma de estimular que percebam que, quanto mais observarmos e escutarmos o outro, mais chance teremos de compreendê-lo.

Outro exercício interessante para reforçar como as diferentes formas de expressão se complementam é pedir que imaginem os corpos dessas imagens, nessas mesmas posturas, porém com a expressão facial neutra: Será que a leitura do corpo seria a mesma? Dessa forma, eles devem pensar se a mesma postura pode representar sentimentos diferentes dependendo da expressão facial. Para isso, peça a alguns estudantes que se posicionem imitando as posturas das figuras, mas mantendo a expressão facial totalmente neutra. Em seguida, repitam imitando a mesma expressão facial: O que mudou?

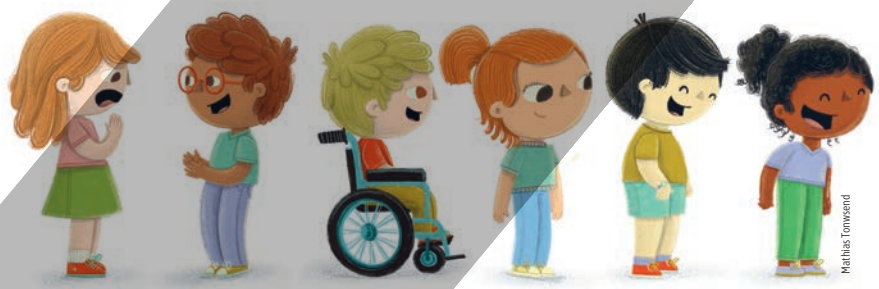
Orientações

Para que a brincadeira funcione, eles precisam de concentração, visto que não é possível reproduzir outras expressões quando se está rindo. Provavelmente você precisará de algumas tentativas para conseguir realizar a proposta de maneira produtiva. Nas primeiras vezes, é provável que fiquem agitados ou com vergonha. Com a repetição, os estudantes começam a se concentrar e, então, a brincadeira passa a funcionar.

Com essa proposta, eles serão novamente estimulados a fazerem diferentes expressões faciais partindo da imitação do colega. A proposta é que os estudantes observem com atenção todos os detalhes, buscando reproduzir a expressão da forma mais fiel possível. No entanto, é bastante provável que, ao longo do processo, a expressão sofra transformações e isso também faz parte da experiência. Primeiro porque, mesmo olhando atentamente para o rosto do colega, não é tão fácil reproduzir a mesma expressão, visto que cada rosto tem suas próprias características. Cada pessoa consegue abrir mais ou menos a boca, por exemplo, ou levantar as sobrancelhas, ou sorrir de formas diferentes. Assim, o exercício faz com que eles percebam que, apesar de existirem características em comum quando expressamos sentimentos e sensações, existem as características singulares de cada rosto.

É possível que eles façam expressões sutis, difíceis de serem compreendidas. Além disso, a demonstração de tristeza para um pode ser diferente para o outro. Essas observações devem ser feitas após brincarem bastante, para que possam vivenciar em [illegible] essas questões e tirarem suas próprias conclusões. O estudante que criou a primeira expressão verá a expressão do último colega e dirá se acha que se parece com a sua ou não. O mesmo ocorrerá com o último, pois ele terá copiado a expressão de outro colega e não de quem a criou. Questione: Por que vocês acham que a expressão se transformou?

5. OBSERVAR AS CARETAS E EXPRESSÕES DOS COLEGAS PODE NOS AJUDAR A DESCOBRIR NOVAS POSSIBILIDADES NO NOSSO PRÓPRIO ROSTO. VAMOS PRATICAR DE UMA FORMA BEM DIVERTIDA?
A BRINCADEIRA SERÁ "TELEFONE SEM FIO", MAS SEM PALAVRAS, SÓ CARETAS E EXPRESSÕES!
O PRIMEIRO DA FILA DEVE PENSAR EM UM SENTIMENTO. SEM USAR PALAVRAS OU SONS, DEVE DEMONSTRÁ-LO COM A EXPRESSÃO DO ROSTO PARA O PRÓXIMO DA FILA. ESTE COLEGA IRÁ IMITAR A EXPRESSÃO E MOSTRÁ-LA AO PRÓXIMO. NO FINAL, O ÚLTIMO DEVE MOSTRAR SUA EXPRESSÃO PARA TODOS E DIZER QUAL SENTIMENTO ACHA QUE É.
SERÁ QUE ESSA EXPRESSÃO VAI SE TRANSFORMAR?



A) QUAL SENTIMENTO VOCÊ EXPRESSOU NA BRINCADEIRA DO "TELEFONE SEM FIO"?

Resposta pessoal.

B) A EXPRESSÃO DO ÚLTIMO DA FILA DEMONSTRA O SENTIMENTO QUE O PRIMEIRO PENSOU?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR22

Ao propor a criação de personagens por meio de caretas, sem sons ou palavras, os estudantes são estimulados a praticar a comunicação não verbal, ampliar o repertório expressivo e refletir sobre estereótipos relacionados a expressões emocionais.

66

6. AGORA QUE PRATICAMOS DIVERSAS EXPRESSÕES COM O NOSSO CORPO, VAMOS TENTAR MOSTRAR AOS COLEGAS UM SENTIMENTO OU SENSAÇÃO POR MEIO DA MÍMICA. EM DUPLAS, ESCOLHAM O QUE VOCÊS IRÃO EXPRESSAR E PENSEM COMO IRÃO FAZER ISSO. LEMBREM-SE DE QUE VOCÊS IRÃO REPRESENTAR E NÃO PODEM USAR PALAVRAS!

A) OS COLEGAS DESCOBRIRAM O QUE VOCÊS TENTARAM REPRESENTAR?

Resposta pessoal.

B) VOCÊ DESCOBRIU O QUE OS COLEGAS MOSTRARAM?

Resposta pessoal.

C) QUAIS FORAM OS SENTIMENTOS QUE MAIS APARECERAM NAS APRESENTAÇÕES?

Resposta pessoal.

D) COMO VOCÊ SE SENTE QUANDO FAZ AS BRINCADEIRAS CORPORAIS?

Resposta pessoal.

E) VOCÊ APRENDEU ALGUM NOVO SENTIMENTO QUE NÃO CONHECIA?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Divida os estudantes em duplas. Você pode deixá-los livres para que escolham as duplas com quem se sentem mais à vontade para interpretar, ou dividi-los pensando em unir os mais tímidos com os mais extrovertidos a fim de facilitar a criação. Como nesse exercício a intenção é se apresentar para os demais colegas, isso pode causar timidez e receio aos que não se sentem à vontade. É importante respeitar e ir trabalhando essa questão aos poucos, de modo que o estudante ganhe confiança e se sinta mais seguro para realizar esse tipo de exposição.

Oriente as duplas na escolha de dois sentimentos que devem nortear a cena. Cada dupla deve pensar em uma situação na qual esses sentimentos fazem parte e representá-la. Por exemplo, elas podem escolher irritação e tristeza e, com isso, criar uma cena em que a mãe está brava porque a criança não quer comer, fazendo com que ela fique triste e chore, por exemplo. A cena deve ser simples, curta, não precisa ser uma grande história, apenas uma pequena situação em que cada personagem possa expressar um sentimento.

É importante ressaltar que a ideia é fazer a cena sem nenhuma fala, por isso seria uma mímica do sentimento. Entretanto, não deixa de ser uma cena, uma vez que eles devem criar uma situação em duplas.

Oriente os estudantes para que usem o corpo todo para expressar o sentimento que escolheram. Eles podem exagerar a expressão do rosto e do corpo para que tenham mais chances de serem compreendidos.

Nesse momento, o que mais importa é escolher um sentimento e expressá-lo com o corpo. A construção de uma cena é algo secundário, que serve de apoio para que possam realizar a mímica do sentimento em duplas, além de ser um primeiro contato com a situação cênica de apresentação. Isso pode provocar diversos sentimentos, como medo, timidez, ansiedade, empolgação, alegria, entre outros. Aproveite para conversar mais uma vez sobre o que estão sentindo e busque promover um espaço seguro e acolhedor, de modo que tenham a possibilidade de reconhecer e expressar esses sentimentos.

Avaliação

Observe se os estudantes conseguem reconhecer e identificar diferentes sentimentos, relacionando-os às suas expressões corporais. Observe também se identificam as expressões dos colegas e as associam a diferentes sentimentos e situações.

Perceba se a turma se sente confortável para fazer explorações com as expressões do corpo ou se há algum tipo de constrangimento nesse momento. Perceba que, na cena, os sentimentos podem se misturar, ou seja, o sentimento escolhido para representar pode se confundir com o sentimento real do momento. Em outras palavras, eles podem representar o sentimento de raiva, mas seu corpo pode também expressar vergonha e ansiedade.

Foco na BNCC

EF15AR20

Esta atividade incentiva a criação coletiva e improvisada, usando gestos do cotidiano como forma expressiva de narração teatral.

UNIDADE 4

DESCOBRINDO SONS DO CORPO

Objetivos

- Observar e perceber a diversidade de sons corporais que podemos produzir.
- Identificar sons corporais voluntários e involuntários.
- Experimentar as diferentes possibilidades sonoras do corpo.
- Utilizar os sons corporais para improvisar.
- Entender a diferença entre sons graves e agudos.
- Refletir sobre os usos sociais da voz e os impactos da altura em diferentes contextos.
- Utilizar partes do corpo para gerar sons com timbres diversos, compreendendo de forma lúdica este conceito.
- Compor sequências rítmicas usando apenas o corpo.
- Construir um instrumento sonoro com materiais reutilizáveis.

Pré-requisitos

Para os estudantes realizarem as propostas desta unidade, é necessário que sejam capazes de perceber e compreender o próprio corpo, o outro e os elementos em seu entorno. Também é importante que reconheçam e diferenciem sons do cotidiano, tenham noções básicas de coordenação motora, frequentemente trabalhada com profundidade na Educação Infantil, como bater palmas, pés e movimentos corporais simples. Valorize as experiências prévias de exploração, como cantar músicas ou imitar sons do ambiente.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

APRESENTAÇÃO DE PERCUSSÃO CORPORAL BARBATUQUES, EM 2015.

Foco na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 2, 3, 4, 8 e 9.

Competências específicas de Linguagens: 2 e 3.

Competências específicas de Arte: 1, 2, 4 e 8.

Habilidades: EF15AR11, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17 e EF15AR23.

Dimensões da Arte: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão.

Sugestão de leitura

- HOSOI, A.; RASZL, C.; MAIA, F.; BARBA, F.; ALVES, G.; SIMÃO, J.; CESTARI, L.; MAAS, M. *Barbatuques*: músicas, jogos e brincadeiras. São Paulo: Editora Peirópolis, 2024.

O livro ensina a usar o corpo como instrumento musical. A obra oferece nove músicas do grupo Barbatuques acompanhadas de atividades lúdicas que promovem o desenvolvimento criativo e afetivo, além de serem uma ferramenta potente para a educação musical. Os leitores são incentivados a improvisar e explorar a sonoridade corporal, com o auxílio de um vocabulário visual e vídeos que podem ser acessados através de códigos QR.

Glossário dos termos do livro

Música corporal: criação e execução musical feita somente com sons produzidos pelo próprio corpo, como palmas, estalos de dedos, batidas no peito, nas pernas e nos pés, além de vocalizações.

Sonoridade corporal: o conjunto de sons que nosso corpo é capaz de emitir.



Rogério Vieira/Acervo Barbatuques

- VOCÊ JÁ REPAROU QUE NOSSO CORPO PRODUZ MUITOS SONS?
  Resposta pessoal.
- QUAIS SONS VOCÊ JÁ ESCUTOU E QUE FORAM PRODUZIDOS PELO SEU CORPO, SEM VOCÊ QUERER?
  Som da respiração, do coração, bocejo.
- VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL FAZER MÚSICA SÓ COM O CORPO?
  Resposta pessoal.

CONHECENDO

DESDE SUA FUNDAÇÃO, EM 1997, O **GRUPO BARBATUQUES** SE DEDICA A FAZER MÚSICA USANDO SOMENTE OS SONS PRODUZIDOS PELO CORPO. ALÉM DA VOZ, TAMBÉM SÃO UTILIZADOS ESTALOS, BATIDAS NO PEITO E NO ROSTO, PALMAS, ENTRE OUTROS INÚMEROS SONS, E O RESULTADO É [illegible]PREENDENTE.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

- Em relação à primeira pergunta, comente com os estudantes que o corpo humano é capaz de produzir muitos sons, tanto internamente quanto externamente. Por exemplo, o som que se escuta na barriga quando se está com fome ou após ingerir alimentos, o som dos batimentos cardíacos, do ronco, da respiração, são sons produzidos internamente pelo corpo humano. No entanto, também é possível criar sons usando o próprio corpo, quando batemos palmas, estalamos os dedos, batemos os pés no chão, fazemos barulhos com a boca, rimos, tossimos, espirramos, entre outros. Esses sons podem ser usados para brincar, se comunicar, fazer música ou até expressar sentimentos.
- Alguns sons que podem ser citados pelos estudantes são: o arroto, o espirro, o soluço, o ronco quando dormimos, a barriga roncando quando estamos com fome, os gases. Esses sons acontecem sozinhos e fazem parte do funcionamento do corpo humano.
- Embora a resposta seja pessoal, conduza os estudantes a observar atentamente a imagem de abertura. Convide-os a imaginar quais sons os movimentos dos integrantes do grupo Barbatuques estariam produzindo. Pergunte se eles já realizaram algum dos movimentos mostrados e em quais situações.

Orientações

Nesta unidade, iremos abordar os inúmeros sons produzidos pelo nosso corpo. Inicie uma reflexão com os estudantes partindo das duas primeiras perguntas para que possam buscar na memória sons que costumam produzir involuntariamente e fazem parte do nosso dia a dia.

A partir dessa conversa, é possível que cheguem à resposta para a terceira pergunta, que já entra na possibilidade de usar o corpo como um instrumento musical. Nesse momento, peça a eles que observem atentamente a imagem de abertura da unidade e percebam o que está acontecendo: O que as pessoas parecem estar fazendo? Na imagem, é possível observar algumas pessoas com as mãos no peito, na bochecha, algumas cantando. Em seguida, solicite que imitem os gestos observados na imagem e se consiguem produzir algum dos sons que podemos fazer com o corpo.

O grupo brasileiro Barbatuques é referência internacional de percussão corporal. Há mais de 25 anos, o grupo se dedica à pesquisa desse tipo de percussão, que começou com uma simples investigação pessoal do músico Fernando Barba (1971-2021) e se ampliou com a formação do grupo. Visite o *site* para conhecer o trabalho do grupo, disponível em: https://barbatuques.com/. Acesso em: 18 mar. 2025.

A percussão corporal é uma ferramenta muito potente para se trabalhar musicalização. No artigo "Percussão corporal e crianças pequenas: possibilidades musicais na educação infantil", de Mariana Gomes Maziero, fala-se que:

> A partir do século XX, alguns pensadores da educação musical abordaram o corpo como instrumento ou como um processo importante para se chegar a um instrumento convencional, como Émile Jaques-Dalcroze, Zontán Kodály e Carl Orff [...]. Nessa perspectiva, Granja [...] conclui que um dos principais objetivos das oficinas de percussão corporal é ensinar a linguagem musical com base nos sons possíveis de serem realizados com o próprio corpo, desenvolvendo assim percepções rítmicas, melódicas e harmônicas, bem como o estímulo à capacidade de criação e expressão musical, contato com o próprio corpo, o desenvolvimento motor, ampliando o autoconhecimento e a interação com o grupo.

MAZIERO, M. G. Percussão corporal e crianças pequenas: possibilidades musicais na educação infantil. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 1–18, jan./abr. 2020.

Orientações

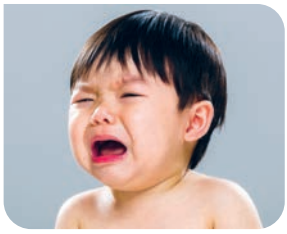
Abra uma roda de conversa com os estudantes a partir das imagens mostradas no Livro do Estudante. A maioria das imagens representa sons que são bem conhecidos, como o choro, a tosse e a batida de palma. Esses sons, normalmente, são mais altos e as pessoas ao redor também podem escutar. Além dos mostrados nas imagens, há o som do espirro, do nariz fungando, da gargalhada, do soluço, do ronco, do arroto, entre outros. Faça com que eles se lembrem também dos sons internos que, em geral, quem está em volta não escuta, como o coração batendo (que está representado na imagem); o som de quando engolimos, mastigamos ou bebemos água; os dentes batendo um no outro; o som de nossa respiração.



SENTIR E EXPERIMENTAR

OS SONS DO CORPO

NOSSO CORPO PRODUZ MUITOS SONS!



leungchopan/iStockphoto.com

CRIANÇA CHORANDO.



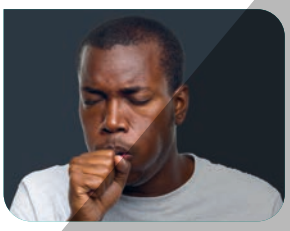
mactrik/iStockphoto.com

MULHER CANTANDO.



Rubens Chaves/Pulsar Imagens

PESSOAS BATENDO OS PÉS NO CHÃO.



dtbimages/iStockphoto.com

HOMEM TOSSINDO.



Bohdan Maltitskiy/Shutterstock.com

CRIANÇA BATENDO PALMAS.



KAMPUS/iStockphoto.com

MULHER ESCUTANDO O CORAÇÃO.

- OBSERVE AS IMAGENS ACIMA. EM TODAS ELAS É REPRESENTADO UM SOM. VOCÊ CONSEGUE PERCEBER ALGUMA DIFERENÇA ENTRE OS SONS PRODUZIDOS PELO SEU CORPO? Alguns são sons emitidos involuntariamente, já o canto e o som das palmas e dos pés batendo no chão são sons produzidos a partir do nosso comando, da nossa intenção.

MUITOS DELES SÃO SONS PRODUZIDOS INTERNAMENTE E NÃO CONTROLAMOS. ELES ACONTECEM POR CONTA DO FUNCIONAMENTO DOS ÓRGÃOS E/OU REAÇÕES, COMO O ESPIRRO, A TOSSE, O RISO ETC.

EM RODA COM OS COLEGAS, CONVERSEM SOBRE OS TIPOS DE SOM QUE OS CORPOS DE VOCÊS PRODUZEM E QUE COSTUMAM ESCUTAR NO DIA A DIA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

70

VOCÊ JÁ PERCEBEU QUE ALGUNS DESSES SONS SE MODIFICAM DE ACORDO COM NOSSOS MOVIMENTOS?

VAMOS FAZER UMA EXPERIÊNCIA PARA PERCEBERMOS ESSAS MODIFICAÇÕES.

PRIMEIRO, SENTE-SE EM RODA COM OS COLEGAS, FECHE OS OLHOS E COLOQUE AS MÃOS SOBRE O CORAÇÃO. PERCEBA SUA RESPIRAÇÃO, VOCÊ CONSEGUE ESCUTÁ-LA? SINTA TAMBÉM AS BATIDAS DE SEU CORAÇÃO. SÃO LENTAS OU RÁPIDAS?



Mathias Townsend

Resposta pessoal.

AGORA, VOCÊS IRÃO DANÇAR!

ASSIM QUE TERMINAR A MÚSICA, COLOQUE A MÃO NO CORAÇÃO E OBSERVE. SUA RESPIRAÇÃO E OS BATIMENTOS DO CORAÇÃO ESTÃO DIFERENTES DE COMO ESTAVAM ANTES DE DANÇAR?

ÁUDIO 3



Mathias Townsend

PARA SABER MAIS

O SILÊNCIO ABSOLUTO EXISTE?

SERÁ QUE CONSEGUIMOS ESCUTAR TODOS OS SONS DO NOSSO CORPO? EM 1951, UM COMPOSITOR ESTADUNIDENSE CHAMADO JOHN CAGE RESOLVEU ENTRAR EM UM TIPO DE SALA ONDE NÃO SE ESCUTA NENHUM SOM QUE VEM DE FORA. ELE FICOU SOZINHO E QUIETO, POIS QUERIA SABER COMO ERA O SILÊNCIO ABSOLUTO. MAS, MESMO DENTRO DESSA SALA ESPECIAL, ELE CONTOU TER ESCUTADO UM SOM AGUDO E UM SOM GRAVE. ERA O SOM DE SEU SANGUE CIRCULANDO PELAS VEIAS E DE SEU CORPO EM FUNCIONAMENTO. NESSE DIA, ELE DESCOBRIU QUE NUNCA CONSEGUIREMOS SABER O QUE É O SILÊNCIO ABSOLUTO, POIS O NOSSO CORPO ESTÁ SEMPRE PRODUZINDO ALGUM SOM.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Antes de iniciar a proposta feita no Livro do Estudante, certifique-se de que todos possuam condições físicas para a realização da atividade. Esteja atento a possíveis intercorrências que possam surgir. Peça que respondam à pergunta e guarde as respostas para compará-las após a atividade que será realizada. Oriente-os a ficarem quietos e em silêncio para tentar escutar suas respirações. Comente que as batidas do coração podem ser sentidas pelas mãos posicionadas no peito ou posicionando o ouvido no peito de um colega. Então, coloque o **Áudio 3** para acompanhar a proposta feita no Livro do Estudante. Você pode dançar com os estudantes e incentivar que pulem e façam movimentos que alteram significativamente a frequência cardíaca. Quando terminar a música, a ideia é que, novamente com as mãos no coração, os estudantes percebam a diferença na frequência dos batimentos cardíacos, que deve estar bem mais elevada, e na respiração, que deve estar mais sonora do que quando estavam em repouso. Oriente-os para que se atentem ao som da respiração quando estão mais descansados, que é quase imperceptível, diferente de quando ficamos mais ofegantes e o som aparece mais.

Depois de fazer a atividade de percepção dos sons de quando se altera a frequência cardíaca e a respiração, leia o experimento realizado pelo artista John Cage e convide os estudantes a refletir sobre os sons internos do nosso corpo: Será que existem outros sons que estão acontecendo agora dentro da gente e não sabemos? Incentive-os a refletir e permita que se expressem livremente, trazendo diversas possibilidades de sons sutis, como a respiração e os batimentos cardíacos.

Para aprofundar

A experiência feita por John Cage em 1951 na sala chamada câmara anecoica, mostrou que existem alguns sons fisiológicos, naturais do nosso corpo, que são tão sutis que só é possível escutá-los se estivermos em um ambiente verdadeiramente silencioso, à prova de som e que não produz eco. São sons internos e suaves que estão o tempo todo acontecendo dentro da gente, mas não somos capazes de perceber em nosso dia a dia.

Objeto digital

Para acompanhar a proposta da atividade, peça aos estudantes que acessem o áudio 3 pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 3. Música instrumental para acompanhar a atividade.

Orientações

A voz é um dos primeiros sons que fazemos, sem ninguém nos ensinar! Tanto no choro, numa risada ou quando damos um grito de susto, a voz pode sair de modo involuntário, como foi visto anteriormente.

Mas também podemos controlar o uso de nossa voz para falar ou cantar, quando quisermos. Pergunte aos estudantes se já experimentaram imitar sons, sejam eles produzidos por animais ou não. É possível que já tenham tido essa vivência, então, busque explorar as experiências trazidas por eles, de modo que compartilhem seus conhecimentos. Para que os estudantes observem como podemos mudar o timbre da voz, faremos esta atividade de cantar uma música brincando de imitar outros sons. Escolha uma canção como "O sapo não lava o pé", que tenha uma melodia bem conhecida por todos os estudantes. Inicie cantando a música normalmente com a letra.

Em seguida, coloque o **Áudio 4** que contém alguns sons de animais e oriente os estudantes a imitarem o som deles com a voz, conforme escutam cada um. É importante que você também participe da brincadeira e cante com eles a canção escolhida, mas agora no "idioma" desse animal.

Faça essa proposta com uns três ou quatro animais diferentes que os estudantes sugerirem. Agora, eles devem tentar imitar alguns instrumentos musicais. Coloque o **Áudio 5**, que contém alguns exemplos de sons de instrumentos, e oriente-os a imitar cada um deles conforme forem escutando. Depois, a ideia é tentar a canção imitando o som de alguns desses instrumentos.

Oriente-os a imitar da maneira que conseguirem os sons dos áudios. Não é necessário que eles reproduzam exatamente o som do animal ou do instrumento, mas que experimentem usar a voz de diferentes formas, explorando suas possibilidades vocais.

Foco na BNCC

EF15AR15 Ao experimentar diferentes timbres e intensidades vocais, os estudantes reconhecem a voz como fonte sonora expressiva e variada, ampliando sua escuta e percepção musical e reconhecendo os elementos constitutivos da música.

A VOZ

INFOGRÁFICO CLICÁVEL

E A VOZ?

VOCÊ ACHA QUE TAMBÉM É UM SOM INVOLUNTÁRIO COMO OS QUE VIMOS ANTERIORMENTE OU A GENTE SEMPRE CONSEGUE CONTROLAR?

A voz às vezes sai involuntariamente, mas, em geral, a gente controla.

VAMOS BRINCAR DE USAR A VOZ DE DIFERENTES MANEIRAS?

ESCOLHA COM A TURMA UMA CANÇÃO QUE TODOS SAIBAM CANTAR. DEPOIS DE CANTÁ-LA COM A LETRA, DA FORMA QUE SEMPRE CANTAMOS, EXPERIMENTE CANTÁ-LA IMITANDO UM MIADO DE GATO, UM MUGIDO DE VACA, UM VIOLINO E O QUE MAIS SUA IMAGINAÇÃO MANDAR!

ÁUDIO 4

ÁUDIO 5



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objeto digital

Para apoiar os estudantes na atividade de cantar imitando os animais ou os instrumentos musicais, peça a eles que acessem os áudios 4 e 5 pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Infográfico clicável

Para explicar como a voz é produzida, peça aos estudantes que acessem o infográfico clicável no ícone disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 4. Som 1: gato miando. Som 2: cachorro latindo. Som 3: vaca mugindo. Som 4: galo cantando. Som 5: leão rugindo.

Áudio 5. Som 1: violino. Som 2: tuba. Som 3: trompete. Som 4: guitarra com distorção. Som 5: gaita. Som 6: bateria. Som 7: chocalho.

OUTROS SONS QUE VÊM DA BOCA

SERÁ QUE TODOS OS SONS QUE SAEM DA NOSSA BOCA SÃO PRODUZIDOS PELA VOZ?

LEMBRE-SE DE OUTROS SONS QUE VOCÊ PODE PRODUZIR COM A BOCA E COMPARTILHE COM OS COLEGAS EM UMA RODA, PARA QUE TENTEM TE IMITAR. EXISTEM MUITOS SONS QUE PODEMOS PRODUZIR UTILIZANDO A LÍNGUA E OS LÁBIOS.

HÁ TAMBÉM SONS QUE PODEMOS FAZER PERCUTINDO AS BOCHECHAS E OS LÁBIOS COM AS MÃOS. VAMOS TENTAR? JUNTE OS QUATRO DEDOS, SEPARANDO UM POUCO O POLEGAR, DESTA FORMA:


Mathias Townsend

ABRA A BOCA COMO SE FOSSE FALAR "O" E, COM OS DEDOS BEM JUNTOS, BATA NOS LÁBIOS E NAS BOCHECHAS. EXPERIMENTE COM AS DUAS MÃOS, COM CALMA, UMA DE CADA VEZ. QUANTO MAIS ESTICADA ESTIVER A BOCHECHA, MELHOR PARA SE PRODUZIR O SOM.

ÁUDIO 6

ÁUDIO 7


Mathias Townsend

MÃOS NAS BOCHECHAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para aprofundar

A voz também é uma marca registrada de cada pessoa, assim como cada um tem uma impressão digital única e pessoal. Apesar de algumas vozes serem parecidas, elas nunca serão idênticas à de outra pessoa. A voz vai mudando durante todo o processo de crescimento, mas a partir de certo momento se estabiliza e só se altera em determinadas situações, por exemplo quando há algum problema de saúde temporário ou se houve alguma condição que a fez com que se modificasse.

Essa característica do som se chama **timbre**. O timbre está relacionado com a fonte sonora (de onde está sendo produzido o som) e o modo com que o som é produzido. É possível modificar o timbre da voz quando imitamos outros sons, por exemplo. Mas o timbre pessoal é aquele que se manifesta quando estamos conversando normalmente.

Objeto digital

Para ajudar os estudantes na atividade de fazer sons com os lábios e com as bochechas, peça a eles que acessem os áudios 6 e 7 pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 6. Som das mãos percutindo os lábios.
Áudio 7. Som das mãos percutindo as bochechas.

Orientações

Para iniciar, faça uma roda com os estudantes e escute as respostas deles para a pergunta que inicia este tópico. É possível que já comecem a experimentar e mostrar outros sons que conseguem fazer com a boca, sem utilizar a voz. Alguns são sons bem conhecidos, como o som do beijo, do estalo de língua e vários outros que envolvem atritos e vácuos feitos pela língua e pelos lábios. Além desses, existem os sons dos ventos que se produzem ao explorar o som das letras S, F, X quando não estão ligadas a alguma vogal. E existem os sons produzidos quando as mãos são percutidas nos lábios e nas bochechas.

Nesses casos, é necessário fazer um formato de "O" com a boca, para que as bochechas estiquem o máximo possível. Os lábios devem ficar um pouco recolhidos, e o buraco entre eles não deve estar muito aberto. Deve ser pequeno o suficiente para que os dedos que irão percuti-lo possam cobri-lo por inteiro. Coloque os áudios 6 e 7 para que eles ouçam e continuem explorando as possibilidades.

Para produzir esses sons, é importante que os estudantes se atentem às orientações e repitam algumas vezes, pois é comum que não soem nas primeiras vezes. É uma questão de encaixe entre a mão e o lábio, e cada um deve encontrar esse encaixe. Fique atento caso algum estudante use aparelho ortodôntico, pois não é indicado que se faça esse tipo de percussão nos lábios.

É importante dizer aos estudantes que, em nenhum momento, é necessário fazer força. Existe um tônus necessário para produzir os sons, mas nunca é usada a força. Avise-os que, caso estejam sentindo alguma dor ou incômodo, devem parar e avisá-lo para que o movimento seja ajustado.

Depois de tentarem, você pode colocar este vídeo da dupla Tiquequê, que ensina alguns sons do corpo, entre eles, o som dos lábios sendo percutidos com as mãos, por volta da minutagem 05'50". O vídeo pode ser acessado no *link* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VgUAO4R1ZGA (acesso em: 18 abr. 2025).

Orientações

Organize a turma em uma roda para explorar os sons do corpo.

Vocês podem começar batendo os pés no chão e irem percutindo as pernas com as mãos, subindo desde as canelas, depois as coxas, a barriga, o colo, até chegar nas palmas.

Faça o "jogo do eco", que é um jogo de improvisação e memória auditiva: cada estudante deve produzir um som com seu corpo ou sua voz, e, em seguida, todos devem imitá-lo como um eco. Incentive os estudantes a usar diferentes partes do corpo, resgatando o que já foi feito até aqui: som com os pés, com as mãos percutindo corpo e rosto, os diferentes sons usando a voz, a língua, os lábios e outros que eles gostam de fazer ou que irão descobrir com essa investigação.

Ao longo do jogo, incentive os estudantes a produzir sons diversificados, sem repetir os sons feitos pelos colegas. É interessante também, depois de uma primeira rodada do jogo, que todos percebam que, muitas vezes, um mesmo gesto, quando feito por duas pessoas, produz um timbre diferente, pois cada corpo tem formato e tamanho únicos.

Objeto digital

Para ajudar os estudantes a identificar os diversos tipos de palmas, peça a eles que acessem os áudios 8, 9 e 10 pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 8. Som de palma grave e palma estrela.

Áudio 9. Som de palma estalada e palma costas de mão.

Áudio 10. Som de palma pingo e estalos de dedos.

Para aprofundar

Diversas culturas ao redor do mundo utilizam a percussão corporal em suas manifestações, e muitas vezes ela está diretamente relacionada à dança, como no flamenco espanhol, em que se usam o sapateado e as palmas. Isso também é observado no *hambone* norte-americano, no *gumboot* sul-africano, no *zapateo* peruano, entre muitas outras manifestações. O artigo *A percussão corporal como recurso musical* apresenta um apanhado de diferentes manifestações artísticas de diferentes lugares do mundo que utilizam a percussão corporal. Você pode consultar mais informações no *link* disponível em: https://fritosbr.wordpress.com/2012/04/20/a-percussao-corporal-como-recurso-musical-2/ (acesso em: 24 abr. 2025).

Aqui no Brasil, a catira no Sudeste e Centro-Oeste e o coco no Nordeste são alguns exemplos. Se possível, pesquise na internet vídeos das manifestações citadas para mostrar para os estudantes, assim como vídeos do grupo Barbatuques, que foi citado na abertura da unidade. No vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsH7jqnc (acesso em: 24 abr. 2025), o grupo Palavra Cantada ensina uma brincadeira utilizando sons do corpo que pode ser feita com os estudantes.

Esses vídeos enriquecerão a pesquisa e o conhecimento dos estudantes, que descobrirão outros sons possíveis de serem produzidos pelo corpo. Conscientizar os estudantes de que o corpo também produz sons é fundamental para o desenvolvimento e a ampliação da consciência corporal.

Foco na BNCC

EF15AR14 Ao experimentar possibilidades sonoras de forma livre e criativa, os estudantes ampliam sua escuta musical, explorando as variações de timbre, ritmo, intensidade e altura.

A PERCUSSÃO CORPORAL

ALÉM DOS SONS INTERNOS DO NOSSO CORPO, HÁ OUTROS SONS QUE PRODUZIMOS INTENCIONALMENTE. ESTES SONS SÃO PRODUZIDOS QUANDO TEMOS VONTADE; POR EXEMPLO, PODEMOS BATER PALMAS, ESTALAR OS DEDOS, BATER OS PÉS NO CHÃO, BATER AS MÃOS NOS LÁBIOS E BOCHECHAS, TRANSFORMANDO NOSSO CORPO EM UM INSTRUMENTO MUSICAL!

PENSE EM UM SOM BEM DIFERENTE QUE VOCÊ CONSEGUE PRODUZIR COM SEU CORPO E MOSTRE AOS COLEGAS PARA QUE TODOS TENTEM FAZER TAMBÉM. VOCÊ SABIA QUE, SE MUDARMOS O FORMATO DAS MÃOS PARA BATER PALMAS, PODEMOS TIRAR SONS DIFERENTES? VAMOS EXPERIMENTAR!

ÁUDIO 8 ÁUDIO 9 ÁUDIO 10



PALMAS GRAVES. PALMAS ESTRELA.

PALMAS ESTALADAS. PALMAS COSTAS DE MÃO.

PALMAS PINGO.

Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

JOGO DA FLECHA



CRIANÇAS BRINCANDO DE "JOGO DA FLECHA".

VOCÊ JÁ DESCOBRIU DIVERSOS SONS QUE PODEM SER FEITOS COM SEU CORPO.

VAMOS PRATICAR COM UM JOGO?

O PROFESSOR ESCOLHERÁ ALGUÉM PARA COMEÇAR. ELE VAI OLHAR PARA UM COLEGA E "ENVIAR" UM SOM DE PALMA, QUE SERÁ A NOSSA FLECHA. OBSERVE SEUS COLEGAS COM ATENÇÃO. QUANDO RECEBER A FLECHA, ESCOLHA OUTRA PESSOA E MANDE A FLECHA PARA ELA. LEMBRE-SE DOS DIFERENTES TIMBRES DE PALMAS QUE PODEMOS PRODUZIR MODIFICANDO O FORMATO DAS MÃOS E BUSQUE VARIAR O TIPO DE PALMA QUANDO FOR MANDAR A FLECHA!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

Você pode adaptar o jogo mantendo a ideia da flecha; por exemplo, propondo outro som em vez da palma, como uma pisada no chão ou um estalo de dedos. Se considerar adequado, pergunte aos estudantes quais outros sons gostariam de usar na brincadeira e permita que essas sugestões sejam praticadas.

Foco na BNCC

EF15AR17 Ao compreender o que é percussão corporal e, posteriormente, criar sons com o corpo, os estudantes experimentam e improvisam composições sonoras de modo individual e colaborativo.

Avaliação

Durante a atividade, observe alguns pontos, como o envolvimento dos estudantes no processo criativo e coletivo, a participação ativa na roda, se demonstram atenção ao colega ao "receber e enviar a flecha", o engajamento na experimentação de diferentes timbres de palmas, explorando variações no formato das mãos. Também é importante perceber se o estudante interage com respeito e cooperação para o jogo coletivo.

Ao final da proposta, realize uma roda de conversa sobre a experiência com perguntas, como: Qual som de palma você mais gostou de fazer? Foi fácil ou difícil perceber a flecha chegando até você? Esse momento favorece a reflexão sobre as vivências individuais e amplia a consciência do processo criativo. Busque observar e valorizar a escuta ativa, a expressão corporal e a interação em grupo.

Orientações

Antes de dar início à atividade, observe a turma e atente para que não ocorram situações de constrangimento durante a dinâmica proposta. Por exemplo, estudantes estrábicos ou com outras condições podem apresentar dificuldades ou se sentirem desconfortáveis durante a realização do jogo. Em casos assim, busque alternativas, como estabelecer uma distância considerável entre os estudantes, pedir que façam um som com outro membro ou parte do corpo etc.

Ao propor à turma o jogo da flecha, organize os estudantes em um círculo. Eles devem observar os colegas para perceber quando a flecha é enviada. É importante avisá-los que quem envia a flecha deve olhar nos olhos do colega que escolheu para recebê-la. Vale lembrar que a "flecha" em questão é o som de uma palma – o tipo de palma fica à escolha do estudante. Um estudante da roda bate uma palma e a direciona com o olhar para qualquer outro da roda. Quem recebe a palma a reenvia na direção de outro colega, e assim por diante. Esse processo de contato visual-sonoro segue indefinidamente, durante o tempo que você considerar necessário. É interessante prestar atenção aos diferentes timbres das palmas de cada um e aos diferentes formatos que cada um fez com as mãos para produzir seu som.

Chame a atenção deles para o fato de que, como viram na página anterior, dependendo do formato das mãos, o timbre da palma se modifica. Experimentar várias maneiras de bater palmas também é uma proposta interessante, que aguça a escuta, a criatividade e a concentração.

O jogo da flecha é um exercício de comunicação com o outro por meio do olhar, do som e do gesto. O objetivo é conseguir que haja uma fluência nesse passar de palmas, o que promove a concentração e a conexão do grupo, trabalha a percepção do coletivo, além de ser uma maneira de praticar o som das palmas e de outros sons corporais.

Orientações

Antes de dar início à atividade, comente que, para a roda dar certo, é preciso que todos fiquem sentados no chão, com as pernas cruzadas e que se toque joelho com joelho dos vizinhos. Dessa forma, todos olham para o centro da roda e ninguém vê as costas de ninguém. A palma de ambas as mãos é voltada para cima. Inicialmente, peça que coloquem o dorso das mãos sobre os próprios joelhos e marquem um ritmo comum, movendo apenas a mão direita, batendo palma na esquerda que estará imóvel. Cante alguma canção que você lembra da sua infância para o início da brincadeira.

Observe a turma e atente para que não ocorram situações de constrangimento durante a proposta. Se houver estudantes com dificuldades de movimento, você ou outro colega pode se sentar atrás dele para ser seu tutor e manipular o corpo do estudante durante a prática. Faça as adaptações necessárias para que todos se sintam incluídos.

Com o grupo pronto, os estudantes vão, um por vez, bater com gentileza a palma de sua mão na palma da mão do colega que está à esquerda. Coloque o **Áudio 11** para acompanhar a brincadeira; as palmas devem ser passadas a cada sílaba, seguindo a música. Na última sílaba do último verso, o estudante que vai receber a palma deve tentar evitar, tirando a mão apenas nesse momento para não ser "queimado".

Em vez de tirar da roda o estudante que foi "queimado", peça a ele que se sente no centro da roda e aguarde o próximo colega entrar. Ao reiniciar, as duas rodas podem começar juntas. A de fora com quem venceu e a de dentro com quem acabou de chegar. Quando a roda de dentro ficar maior que a de fora, inverta as posições do grupo e siga a brincadeira até sobrarem apenas dois estudantes finalistas no centro. Nesse momento, a roda de fora não faz as palmas, mas canta a música e observa os finalistas do jogo, que devem se cumprimentar no final.

Converse com os estudantes sobre como foi realizar essa brincadeira e observe com eles como essa atividade pode contribuir para que a turma se atente aos movimentos do grupo todo. Mostre que, ao acompanhar os movimentos dos colegas, eles também estão aprendendo a ouvir e a se mover no mesmo ritmo.

JOGOS DE MÃO E PÉ

OS JOGOS DE BRINCAR COM AS MÃOS E OS PÉS SÃO MUITO ANTIGOS E EXISTEM EM VÁRIOS LUGARES DO MUNDO.

VOCÊS CONHECEM UMA BRINCADEIRA CHAMADA "ADOLETA"?

ELA É UMA BRINCADEIRA DE PALMAS, NA QUAL CANTAMOS UMA MÚSICA E FAZEMOS MOVIMENTOS COM AS MÃOS, UM DE CADA VEZ.

ÁUDIO 11

QUE TAL BRINCAREM JUNTOS?

QUEM SABE A BRINCADEIRA PODE ENSINÁ-LA A QUEM NÃO SABE.



Monkey Business Images/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MENINAS BRINCANDO DE "ADOLETA".

Objeto digital

Para acompanhar a brincadeira da Adoleta, peça aos estudantes que acessem o áudio 11 pelo ícone clicável disponível no Livro Digital do Estudante.

Transcrição

Áudio 11. Música "Adoleta".

Adoleta, le petit, petit polá
Le café com chocolá
Adoleta, puxa o rabo do tatu
Quem saiu foi tu
Adoleta, puxa o rabo da pantera
Quem saiu foi ela
Adoleta, tapa o furo do pneu
Quem saiu foi eu.

Cantiga popular.

Atividade complementar

Você pode desafiar a turma no jogo do adoleta, propondo, por exemplo, que os estudantes façam a brincadeira com os olhos fechados, abrindo apenas quando chegar na última sílaba do último verso, ao final da música.

BRINCADEIRAS COM O CORPO TODO

A "AMARELINHA" É UMA BRINCADEIRA MUITO ANTIGA!

NO BRASIL, É COMUM DESENHAR NO CHÃO UM CAMINHO RETO COM QUADRADOS NUMERADOS DE 1 A 10.

O JOGADOR JOGA UMA PEDRINHA NO QUADRADO 1, PULA COM OS DOIS PÉS NAS CASAS 2 E 3, COM UM PÉ NA CASA 4, E SEGUE ASSIM ATÉ O FIM. NA VOLTA, É PRECISO PEGAR A PEDRINHA SEM PISAR NO QUADRADO ONDE ELA ESTÁ. SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUE COMPLETAR O JOGO?

DEPOIS DE BRINCAR DESSA FORMA, O PROFESSOR VAI MOSTRAR A AMARELINHA AFRICANA. EXPERIMENTE BRINCAR NO RITMO DE UMA MÚSICA!



Africa Studio/Shutterstock.com

MENINO BRINCANDO DE AMARELINHA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A brincadeira da amarelinha trabalha os movimentos globais do corpo, ajudando no desenvolvimento do equilíbrio, do controle da velocidade, da concentração e da socialização.

Mostre um modelo simples de como a amarelinha deve ser desenhada: com linhas retas para formar quadrados e os números, de 1 a 10, desenhados dentro desses quadrados, sempre intercalando um quadrado simples e dois, lado a lado.

Diga que a brincadeira começa quando um dos participantes joga uma pedra ou qualquer objeto pequeno no quadrado com o número 1. É preciso pular nas casas, sem pisar onde a pedra está, até chegar ao final. Na volta, o jogador deve fazer o caminho inverso para pegar a pedra. Ele não pode pisar nas linhas e nem pisar na casa onde está a pedra, equilibrando-se com um pé só na volta, para pegar a pedra. Nas casas lado a lado, os estudantes podem colocar um pé em cada quadrado, pulando com os dois pés. Explicada a brincadeira, peça a eles que encontrem um espaço seguro no chão, como uma área no pátio ou na quadra da escola, para desenhar a amarelinha com giz. Verifique antes de realizar a proposta se é possível que a turma utilize a quadra da escola.

Comente que todos devem participar da confecção do desenho da amarelinha, e que cada um terá a sua vez de jogar. Essa é uma estratégia para dinamizar as trocas no grupo. Observe a turma e só interfira se houver necessidade.

Se houver estudantes com dificuldades de locomoção ou equilíbrio, avalie a necessidade de adaptações. A depender do grau de comprometimento, crie duplas em que um colega possa ajudar o outro, seja segurando sua mão ou jogando a pedra por ele. Uma amarelinha mais segura pode ser feita com quadrados maiores para facilitar os movimentos e diminuir os riscos de desequilíbrio. Você também pode sugerir aos estudantes que caminhem normalmente entre os quadrados, sem a necessidade de pulá-los, ou que possam mover um objeto (como a pedra) com as mãos em vez de jogá-lo. Caso seja um estudante cadeirante, desenhe uma versão da amarelinha em um papel ou quadro. O estudante pode brincar com os dedos, "pulando" de número em número usando as mãos.

Chame a atenção deles para o fato de a atividade ser pulada individualmente, mas que a grande vitória é do coletivo, é daqueles que brincaram de amarelinha como um desafio cooperativo, em que todos completam o trajeto juntos, ajudando quem tem dificuldades.

Desafie os estudantes, após completarem o jogo, a pular em duplas. Isso amplia a conexão entre eles e pode tornar a atividade ainda mais significativa.

Procure também outros exemplos de como se brinca de amarelinha em diferentes partes do Brasil.

Proponha aos estudantes que realizem a brincadeira com os familiares e, depois, compartilhem a vivência com os colegas.

Atividade complementar

Você pode desafiar a turma a pesquisar e brincar de amarelinha africana, conhecida também por teca-teca, em que não há números. O tabuleiro é composto de uma área retangular com quatro linhas e quatro colunas, formando uma área com 16 quadrados, onde os estudantes saltam sempre com os dois pés no chão. Cada estudante deve se posicionar em uma das extremidades do quadrado e saltar entre os quadrados, juntos, se deslocando para o lado e para frente, de modo a explorar todos os 16 quadrados do retângulo.

É fácil de fazer sozinho, mas o desafio está em conseguir brincar com outras pessoas, e não sair do ritmo da música. Encoraje-os a praticar até conseguirem fazer com o maior número de pessoas.

Para obter mais informações, acesse o *link* da Estação Conhecimento Arari, disponível em: https://estacaoconhecimentoarari.org/baudepraticas/amarelinha-africana/. Acesso em: 24 abr. 2025.

Orientações

Os objetivos dessa atividade são trabalhar a percepção auditiva e a concentração do grupo pelo movimento. A atividade pode ser feita na sala de aula sem as carteiras, mas é melhor utilizar um espaço aberto. Como material, será necessário uma venda para tapar os olhos do estudante que será o morcego.

Peça ao grupo que forme uma roda, um círculo de três a quatro metros de diâmetro. Convide um estudante para ser o morcego. Peça-lhe que vá até o centro do círculo e coloque a venda em seus olhos. Dependendo do tamanho da turma, convide de três a cinco estudantes para serem as mariposas e peça-lhes que também entrem no círculo. O morcego deve tentar pegar as mariposas da seguinte forma: todas as vezes que o morcego disser: "morcego!", as mariposas devem responder com prontidão: "mariposa!" e fugir do morcego. O morcego localiza as mariposas quando ouve suas respostas e tenta capturá-las. Basta tocar no estudante mariposa para capturá-lo.

Se for necessário ajudar o morcego, feche um pouco o círculo, pedindo aos estudantes da roda que deem um passo à frente. Use esse artifício se o morcego for muito tímido, ou depois que a maioria das mariposas estiverem pegas. Outra dica para que as mariposas sejam pegas mais facilmente é orientar o pegador a dizer "morcego" mais vezes, com intervalos menores entre uma fala e outra.

Depois que as mariposas forem pegas, pergunte se alguém notou alguma característica que [illegible] elas sobrevivessem por mais tempo. Alguns exemplos disso [illegible] porque as mariposas foram mais velozes, agacharam ou porque emitiram sons mais baixos, desviando, dessa forma, do foco do morcego.

MORCEGO E MARIPOSA

VOCÊ SABIA QUE OS MORCEGOS USAM OS OUVIDOS PARA "VER"? ESTA É UMA HABILIDADE SUPERDESENVOLVIDA NESSA ESPÉCIE, TANTO QUE ELES CONSEGUEM PEGAR AS MARIPOSAS NO AR.

PARA DESENVOLVER A AUDIÇÃO E A LEITURA DO ESPAÇO, SENTIDOS QUE NOS AJUDAM NAS PRÁTICAS DE MÚSICA E DANÇA, VAMOS BRINCAR DE MORCEGO E MARIPOSA?

O PROFESSOR VAI EXPLICAR AS REGRAS PARA O GRUPO. DEPOIS DISSO, BASTA AFINAR SEUS SENTIDOS E SE DIVERTIR COM A BRINCADEIRA.



Mathias Townsend

CRIANÇAS BRINCANDO DE "MORCEGO E MARIPOSA".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Articulação interdisciplinar

Ciências

Ao realizar a brincadeira morcego e mariposa, convide o professor de Ciências para aprofundar com a turma os conceitos de adaptação, predador e presa, e seleção natural. A dinâmica, que exige atenção auditiva e concentração, pode ser relacionada à forma como os morcegos usam a ecolocalização para capturar suas presas. Durante ou após a atividade, proponha uma conversa com os estudantes sobre os comportamentos que ajudam os animais a sobreviver, explicando que, na natureza, esses comportamentos bem-sucedidos fazem parte de um processo chamado seleção natural.

UMA DANÇA ANIMAL

AGORA, COM TODO O CORPO BEM AQUECIDO, VAMOS FAZER UMA DANÇA DIFERENTE.

PRIMEIRO, EXPERIMENTE FAZER SONS E MOVIMENTOS DE VÁRIOS ANIMAIS. A SEGUIR, FORME 4 GRUPOS DE ANIMAIS DA MESMA ESPÉCIE. POR EXEMPLO, CACHORROS, GATOS, PASSARINHOS E ELEFANTES. CAPRICHEM NA MOVIMENTAÇÃO DA SUA ESPÉCIE.

O PROFESSOR VAI COLOCAR UMA MÚSICA E SER O REGENTE. O GRUPO SÓ PODE SE MANIFESTAR QUANDO O PROFESSOR APONTAR PARA VOCÊS.

LEMBREM-SE DE EXPLORAR DIFERENTES MOVIMENTOS E DIVIRTAM-SE NESSA DANÇA, QUE VAI SOAR COMO UMA DANÇA ANIMAL.



MathiasTownsend

MENINO BRINCANDO COM UMA [illegible]

Avaliação

Durante a atividade, esteja atento à participação de todos os estudantes, considerando diferentes formas de expressão e mobilidade.

Observe também como os estudantes se organizam em grupo, sua escuta em relação ao seu comando, a coordenação motora e a capacidade de criar movimentos com intenção. Esses aspectos ajudam a identificar as habilidades corporais que já estão desenvolvidas e quais ainda precisam de maior atenção ao longo das aulas.

Atividade complementar

A atividade deve ser feita, primeiramente, na sala de aula sem as carteiras, para concentrar o som. Depois, o espaço aberto apresentará novas inspirações para os estudantes. Procure outras músicas instrumentais características da sua região. Após brincarem, peça aos estudantes que comparem as sensações. Por fim, experimente fazer sem uma música de fundo, apenas com as vozes e os movimentos dos estudantes.

Orientações

Esta atividade pode ser feita logo após a brincadeira do morcego e mariposa, assim o corpo já estará aquecido e atento. Esta atividade, além da concentração do grupo, aprofunda as capacidades expressivas do corpo pelos sons. Como material, será necessário um aparelho de som para tocar a música de fundo da dança. A música sugerida é "Alley Cat", de Bent Fabric (Danish Jazz Export Vol. 15), disponível nos serviços de *streaming* de música e buscadores da internet.

Sem chamar a atenção dos estudantes, crie uma entrada diferente pelo batente da porta da sala de aula. Peça a todos que saiam da classe e formem uma fila. Diga que, como senha de entrada, cada um terá que dizer no seu ouvido o nome de um animal que admira. Assim que passarem pela porta, eles se transformarão no animal e andarão pelo espaço da classe fazendo seus movimentos e sons característicos.

Assim que todos estiverem na sala, crie um código para se estabelecer silêncio, assim como apagar a luz pode indicar a hora de dormir. Depois, incentive os estudantes a explorar livremente sons e gestos de diferentes espécies, e oriente a formação de quatro grupos de acordo com os animais escolhidos. Explique que cada grupo deverá criar uma movimentação coletiva representando sua espécie. Coloque a música e, como regente, aponte para os grupos de forma alternada, sinalizando quando cada um deve entrar em cena com seus sons e movimentos.

Caso haja estudantes com deficiência (PCD), estimule o grupo a adaptar os movimentos de modo inclusivo, acolhendo e valorizando as contribuições de cada um. Reforce que a diversidade de corpos e formas de se expressar enriquece a brincadeira e torna a dança ainda mais criativa.

Foco na BNCC

EF15AR11 Ao estimular os estudantes a explorar sons e movimentos inspirados em animais, improvisando livremente por meio do estímulo sonoro, a proposta favorece a escuta e a criatividade corporal.

Orientações

Encaminhe o passo a passo da criação da caixa com a turma. O furo no centro da caixa é importante, porque amplifica mais o som, mas também é possível fazer a experiência sem o furo se isso for mais fácil para os estudantes. As caixas de fósforo fazem a função de cavaletes, ou seja, são responsáveis por afastar as cordas (o elástico) do corpo do instrumento (a caixa) para que possam vibrar. Se as cordas ficarem totalmente encostadas na caixa, não irão vibrar e, consequentemente, não irão soar. É interessante mostrar aos estudantes o som da corda esticada sem estar apoiada na caixa de fósforo e a corda apoiada nesse cavalete, para que comparem. Com o cavalete, as cordas produzem sons com diferentes alturas (afinação e não volume) e o furo emite o som para fora do instrumento (a caixa).

Para aprofundar

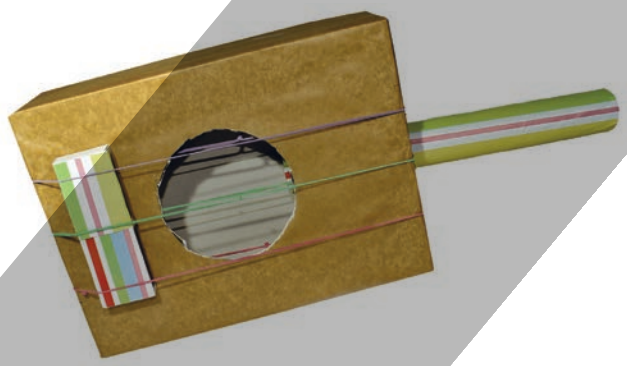
Som é **vibração**, é movimento. A vibração de uma fonte sonora causa uma onda. Há um movimento ondulatório que parte da fonte e se propaga no ar em todas as direções. É um fenômeno da física ainda complexo para o entendimento dos estudantes de 1º ano, pois, entre outras características, essas ondas sonoras são invisíveis. Além disso, não é possível perceber a vibração de muitas fontes sonoras, como quando o corpo é percurtido. Por isso, a proposta é construir um tipo de violão com elásticos, em que os estudantes poderão perceber a relação entre o movimento das cordas e a produção do som, e a variação da vibração da corda ao emitir um som mais grave e um som mais agudo. Aproveite e proponha uma parceria ao professor de Ciências.

GIRAMUNDO

O QUE É O SOM?

SOM É TUDO QUE SOA, TUDO QUE NOSSOS OUVIDOS PERCEBEM.

QUE TAL FAZER SONS GRAVES E AGUDOS USANDO UM OBJETO SONORO QUE VAMOS CRIAR?



Beto Celli

MATERIAL:

- CAIXA DE PAPELÃO (PODE SER DE SAPATO, DE LEITE OU OUTRA QUE VOCÊ TENHA EM CASA);
- DUAS CAIXAS DE FÓSFORO VAZIAS;
- ELÁSTICOS;
- TESOURA SEM PONTA;
- ROLO DE PAPEL-TOALHA;
- COLA.

PEÇA AJUDA A UM ADULTO QUE MORA COM VOCÊ PARA ENCONTRAR EM CASA UMA CAIXA LIMPA E SEM [illegible] DEPOIS, AGRADEÇA A ELE!

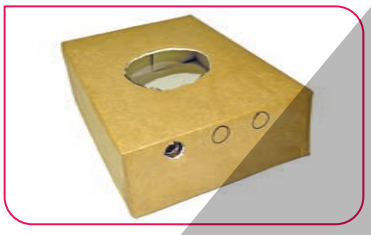
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

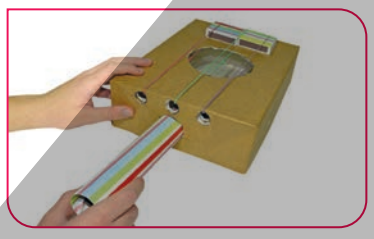
COMO FAZER

1. COM A AJUDA DE UM ADULTO, FAÇA UM RECORTE REDONDO NA CAIXA.
2. FAÇA TRÊS FUROS NA LATERAL PARA PASSAR OS ELÁSTICOS.
3. COLE AS CAIXAS DE FÓSFORO EM UMA DAS EXTREMIDADES DA CAIXA. ENTÃO, PASSE OS ELÁSTICOS NA CAIXA, POR CIMA DO CÍRCULO, E DÊ UM NÓ NA PONTA, PARA ELES NÃO SAÍREM.
4. COLE O ROLO DE PAPEL-TOALHA PARA COMPLETAR O SEU VIOLÃO.
5. POR ÚLTIMO, CRIE UM ESTILO PARA ELE COMO PREFERIR!



Beto Celli





TOQUE OS ELÁSTICOS COMO SE ESTIVESSE TOCANDO UM VIOLÃO. SE O ELÁSTICO ESTIVER MAIS FROUXO, O MOVIMENTO DELE SERÁ MENOR E O SOM FICARÁ MAIS GRAVE. SE VOCÊ ESTICAR MUITO O ELÁSTICO, ELE SE MOVIMENTARÁ MAIS RÁPIDO E FARÁ UM SOM MAIS AGUDO.

1. VOCÊ SABE DIZER QUAL FOI O SOM MAIS AGUDO QUE VOCÊ JÁ ESCUTOU? E O MAIS GRAVE?

Resposta pessoal.

2. QUAIS INSTRUMENTOS MUSICAIS PRODUZEM SONS GRAVES? E QUAIS PRODUZEM SONS AGUDOS?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

Proponha aos estudantes que convidem alguém da sua família para conhecer os sons que o instrumento criado por eles pode fazer. Oriente os estudantes a mostrar a seus familiares como ele funciona. Peça ainda que expliquem como o instrumento foi construído e as diferentes formas de tocá-lo. Se julgar adequado, o envolvimento da família pode ser ampliado por meio de uma vivência coletiva na qual as famílias construam seus próprios objetos.

Orientações

Sentados em círculo, com o instrumento pronto, convide-os a explorar as diferentes sonoridades das cordas e compartilhar o que observaram com os colegas. Eles podem experimentar deslizar os cavaletes por baixo das cordas para perceber se ocorre alguma alteração no som, por exemplo. Outra experiência é encostar a parte de baixo da caixa no ouvido. Quando encostamos a caixa no ouvido, o som se amplifica e o timbre fica completamente diferente do que escutamos quando ele está na nossa frente.

É bem fácil observar o movimento dos elásticos quando dedilhados; podemos perceber que, quando o elástico está menos esticado, os movimentos (como ondas) são maiores e mais lentos, emitindo um som grave. A frequência de ciclos das ondas sonoras por segundo (ou o número de ciclos), nesse caso, é baixa.

Quando os elásticos estão mais esticados, os movimentos são mais curtos e rápidos, emitindo um som agudo. Nesse caso, a frequência de ciclos das ondas sonoras por segundo é alta.

Depois da investigação ao redor do instrumento e da produção de sons, faça o jogo do eco, como na atividade de percussão corporal. Cada estudante, um por vez, deve inventar uma maneira de tocar o violão e os outros devem repetir, como um eco. Cada som ou sequência de sons criada deve ser livre e não muito longa, para todos memorizarem e conseguirem repetir. Eles podem explorar as sonoridades do instrumento todo, inclusive percutindo a caixa, brincando com os sons das cordas, buscando, dessa forma, criar ritmos.

Na **atividade 1**, espera-se que os estudantes compartilhem suas ideias. Acolha todas as respostas e, se necessário, oriente-os sobre as características dos sons citados. Em relação à resposta da **atividade 2**, os instrumentos maiores produzem sons graves: contrabaixo, surdo ou tambor grande, tuba, trombone. Instrumentos menores produzem sons agudos: chocalho, violino, cavaquinho, reco-reco, tamborim.

Orientações

O som da voz é um dos sons mais escutados no dia a dia. Estamos sempre falando com alguém, ou escutando pessoas falando no rádio, assistindo a pessoas falando na televisão, escutando música, ou seja, a voz está por todos os lados.

No tópico sobre a voz, foram exploradas algumas características dela, como o timbre, quando imitamos algum animal ou instrumento musical, por exemplo; a altura, quando falamos com a voz mais grave imitando um gigante, ou com a voz aguda, imitando um bebê; e a intensidade, quando sussurramos ou gritamos.

Agora, iremos falar sobre como os gritos podem atrapalhar em determinados ambientes.

Inicie uma conversa com os estudantes a respeito do grito e faça alguns questionamentos: O que vocês entendem como um grito? Em que situações vocês costumam escutar gritos? Para que acham que servem os gritos?

Além dos exemplos que estão no Livro do Estudante, pode ser que se lembrem de alguma situação em que uma pessoa precisou gritar para ser escutada. É importante refletir com a turma que o grito nunca deveria ser usado como estratégia para ser escutado; precisamos estar sempre atentos às solicitações dos outros para que não seja necessário levantar a voz. E mesmo se em alguma situação alguém precisar falar e perceber que os outros não estão atentos, o grito não deve ser um recurso utilizado, é importante encontrar outras maneiras de ser escutado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

O SOM DA VOZ É SEMPRE AGRADÁVEL?

VIMOS HÁ POUCO QUE PODEMOS USAR NOSSA VOZ DE VÁRIAS MANEIRAS: FALANDO, CANTANDO, IMITANDO ANIMAIS OU INSTRUMENTOS.

OUTRA MANEIRA DE USAR A VOZ É GRITANDO.

MAS O QUE É O GRITO?

CHAMAMOS DE GRITO QUANDO USAMOS NOSSA VOZ COM MAIS FORÇA DO QUE O NORMAL, GERALMENTE COM UM SOM MAIS AGUDO DO QUE COSTUMAMOS FALAR.



LUNAMARINA/iStockphoto.com

CRIANÇA GRITANDO.

O GRITO PODE SAIR SEM QUERER, COMO QUANDO NOS ASSUSTAMOS OU ESTAMOS COM DOR, E NESSAS SITUAÇÕES PODE NOS AUXILIAR A PEDIR AJUDA, OU ÀS VEZES ATÉ A ALIVIAR A DOR QUE ESTAMOS SENTINDO.

TAMBÉM PODEMOS GRITAR QUANDO QUEREMOS CHAMAR ALGUÉM QUE ESTÁ MAIS LONGE, QUANDO FICAMOS BRAVOS, QUANDO FICAMOS MUITO FELIZES OU QUANDO NOSSO TIME FAZ UM PONTO EM ALGUM JOGO, POR EXEMPLO.

MAS SERÁ QUE PODEMOS GRITAR EM QUALQUER SITUAÇÃO?

HÁ SITUAÇÕES EM QUE O SOM FORTE DE NOSSA VOZ ATRAPALHA AS PESSOAS AO REDOR E, NESSES CASOS, DEVEMOS CONTROLAR MELHOR A INTENSIDADE DELA.

VOCÊ JÁ VIVEU ALGUMA SITUAÇÃO EM QUE ESTAVA GRITANDO E OUTRAS PESSOAS SE INCOMODARAM? O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO DISSO? COMPARTILHE COM OS COLEGAS.

E, NA ESCOLA, VOCÊ ESCUTA MUITOS GRITOS? VOCÊ SE INCOMODA QUANDO OS COLEGAS ESTÃO GRITANDO? EM QUE MOMENTOS VOCÊ ACHA QUE OS GRITOS SÃO ACEITÁVEIS? Respostas pessoais.

VAMOS FAZER UM TESTE DENTRO DA SALA DE AULA. DIVIDAM-SE EM PEQUENOS GRUPOS E COMECEM A CONVERSAR COCHICHANDO, COMO SE OS OUTROS NÃO PUDESSEM ESCUTAR. DEPOIS, COMECEM A FALAR NORMALMENTE. EM SEGUIDA, FALEM UM POUCO MAIS ALTO. AGORA, SIGAM A CONVERSA GRITANDO.

EM RODA COM OS COLEGAS, CONVERSEM SOBRE O QUE SENTIRAM ENQUANTO FAZIAM ESSA EXPERIÊNCIA.



PeopleImages.com-Yuri A/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
CRIANÇA
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Continue a reflexão pedindo que respondam às questões que estão no Livro do Estudante e, em seguida, escutando as respostas que eles darão. Peça que, caso já tenham vivido alguma situação na qual os gritos incomodaram outras pessoas, compartilhem onde era, como foi e como se sentiram. Faça a seguinte provocação: Como seria o ambiente de um restaurante se todas as pessoas lá dentro estivessem conversando aos gritos? Então, passe para o ambiente escolar. É possível que respondam que escutam gritos com frequência, por exemplo, na hora do intervalo, enquanto estão brincando, ou nas aulas de educação física, quando estão praticando algum jogo. Nessas horas, os gritos acabam fazendo parte das dinâmicas. Em geral, quando estão em ambiente externo, o som acaba não incomodando tanto. Dessa forma, o grito também faz parte do brincar!

Mas talvez possam responder que escutam gritos dentro da sala de aula. Então, antes de abrir a conversa sobre isso, faça o experimento que está proposto no Livro do Estudante.

Organize a turma em pequenos grupos. Em seguida, os estudantes devem começar a conversar sobre algum tema que você irá propor, por exemplo, contar algo sobre a família, inicialmente cochichando. Nesta atividade, você será como um maestro e irá conduzir a mudança na intensidade da voz dessas conversas.

Depois de um tempo cochichando, você irá começar a falar normalmente, sem cochichar nem gritar, pedindo a eles que também parem de cochichar e falem como você, em um tom de voz normal. Com um pouco mais de intensidade, peça a eles que elevem o tom de voz na conversa, até a última fase, que é gritando. Não é necessário deixar por muito tempo a conversa gritada. Logo, você encerra, pedindo que todos fiquem em silêncio.

Caso sua sala esteja próxima a outras, avise aos colegas das salas próximas que durante esta aula haverá uma atividade na qual os estudantes experimentarão o grito, mas que faz parte do trabalho e que não durará por muito tempo.

Após a experimentação, abra uma roda de conversa para que os estudantes possam compartilhar as sensações e observações que tiveram ao longo dela. Pergunte se acharam agradável ou desagradável: Se foi desagradável em algum momento, o que mais incomodou?

É possível que falem que doeram os ouvidos, ou até mesmo a garganta de tanto gritar, ou que não dava para entender o que o colega estava dizendo por conta do ruído excessivo. É interessante que eles atentem para situações como essa, de modo a pensar em ações para o ambiente não ficar desagradável a todos. Se sua sala costuma ser muito ruidosa, com muitas conversas e gritos fora de hora da parte dos estudantes, pode ser um bom momento para fazer juntos uma autoavaliação e pensar em estratégias para cuidar do ambiente sonoro da sala de aula.

Uma proposta interessante pode ser a de, quando a sala estiver muito ruidosa e precisar chamar a atenção dos estudantes, você apenas levantar a mão. O estudante que perceber que você está com a mão levantada também levantará a mão e ficará em silêncio até que todos estejam de mãos levantadas, em silêncio. É uma boa estratégia para conseguir silêncio sem gritar.

Orientações

Nesta unidade, percebemos que nosso corpo e nossa voz produzem inúmeros sons. Que existem sons involuntários, que estão relacionados tanto ao funcionamento interno dos órgãos quanto a algumas reações espontâneas, como risada, choro, tosse, espirro etc. E que também podemos transformar nosso corpo em um instrumento musical quando resolvemos percuti-lo, por exemplo, batendo palmas, batendo a mão no peito, nas bochechas, os pés no chão, entre outros.

Depois de preencherem o quadro, como pedido no Livro do Estudante, peça que compartilhem suas respostas com os colegas, observando as muitas fontes sonoras das quais se lembraram. Caso tenham dificuldade em iniciar a tarefa, dê alguns exemplos: o som do coração é um som natural involuntário, enquanto o som da batida de palmas é um som intencional.

Ao verificar as respostas, observe se os estudantes escolheram sons semelhantes ou diferentes e se algum som se repetiu. Converse sobre essas escolhas e pergunte, por exemplo: Quais desses sons são mais fortes? E quais são mais fracos?

REVENDO O QUE APRENDI

1. NESTA UNIDADE, FIZEMOS MUITAS DESCOBERTAS A RESPEITO DOS SONS DO NOSSO CORPO! PERCEBEMOS QUE NOSSO CORPO PRODUZ VÁRIOS SONS.
ALGUNS SONS NOSSO CORPO PRODUZ SOZINHO, E OUTROS PODEMOS PRODUZIR QUANDO QUEREMOS TRANSFORMAR NOSSO CORPO EM UM INSTRUMENTO MUSICAL.
REGISTRE A SEGUIR:

- ALGUNS SONS QUE NOSSO CORPO PRODUZ SEM O NOSSO COMANDO;
- ALGUNS SONS QUE PODEMOS PRODUZIR COM NOSSO CORPO.

SONS QUE O CORPO PRODUZ SOZINHO	SONS QUE PODEMOS FAZER COM O CORPO
O estudante pode responder: ronco, soluço, espirro, tosse, entre outros.	O estudante pode responder: bater palmas, estalar os dedos, estalar a língua, entre outros.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

84

2. NÓS TAMBÉM BRINCAMOS BASTANTE COM A VOZ, CANTAMOS ATÉ UMA MÚSICA COM SONS DE ANIMAIS. SERÁ QUE CONSEGUIMOS TOCAR ESSA MESMA MELODIA USANDO ALGUM SOM DO CORPO? VAMOS EXPERIMENTAR!

VOCÊS IRÃO ESCOLHER UM SOM; POR EXEMPLO, DE PALMA.

AGORA, EM VEZ DE CANTAR COM A VOZ, IRÃO IMAGINAR QUE QUEM ESTÁ CANTANDO É A PALMA.

DEPOIS, ESCOLHAM OUTROS SONS E PERCEBAM COMO A MÚSICA FICA DIFERENTE DESSA FORMA.

GLOSSÁRIO

MELODIA: É UMA SEQUÊNCIA DE NOTAS MUSICAIS COM UM RITMO DEFINIDO. NAS CANÇÕES, É A PARTE QUE TEM A LETRA E QUE A GENTE PODE CANTAR.



Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para a realização dessa atividade, escolha uma canção conhecida de todos. O importante é que a melodia seja simples e que todos a conheçam. Cante com a turma uma vez e, em seguida, peça que cantem novamente, mas com a boca fechada, sem falar as palavras. O que foi cantado se chama **melodia**, e toda melodia tem um ritmo inserido nela. Nas canções que contêm letra também é comum que o ritmo esteja diretamente relacionado a cada sílaba dos versos que estamos cantando. Agora, a ideia é que eles façam o ritmo presente na melodia que acabaram de cantar, utilizando diferentes partes do corpo como palmas, batidas de pés no chão, batidas de mãos no peito, batidas de mãos nos lábios etc. Cada estudante escolhe um som e todos fazem o ritmo juntos.

Orientações

Faça uma revisão dos sons do corpo da seguinte forma: vá relembrando os diferentes gestos, como palmas, batidas de pé no chão, batidas de mãos no peito, nas pernas, bochechas etc., enquanto os estudantes acompanham. Eles podem sugerir outros sons que lembrarem.

Peça que formem duplas e, em cada dupla, um estudante escolhe um som do corpo ou alguma imitação de animal, instrumento ou outro som que queria imitar com a boca ou a voz (por exemplo, vento, água etc.). O outro deve adivinhar que som o colega está fazendo e repeti-lo. Então, é a vez de o estudante que adivinhou fazer seu som para o colega tentar adivinhar, e assim seguem se revezando. A ideia deste jogo é apurar a escuta atenta, já que um dos estudantes está apenas escutando o som e terá que reproduzi-lo, sem ver.

3. AGORA VAMOS BRINCAR DE PRODUZIR SONS COM NOSSO CORPO E NOSSA VOZ. O PRIMEIRO PASSO É PRATICAR SOZINHO. VAMOS RELEMBRAR ALGUNS SONS?

BATER PALMAS.

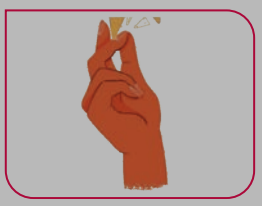




BATER OS PÉS.

ASSOVIAR.





ESTALAR OS DEDOS.

PODEMOS FAZER O SOM DAS PALMAS, DOS ESTALOS DE DEDOS, BATIDAS DE MÃOS NAS PERNAS, NA BARRIGA, NO PEITO, NAS BOCHECHAS, NOS LÁBIOS, SAPATEAR COM OS PÉS NO CHÃO; ALÉM DE MUITOS OUTROS SONS COM A LÍNGUA, COM OS LÁBIOS E TAMBÉM COM A VOZ!

FORME DUPLA COM UM COLEGA E FAÇA OS SONS SEM QUE ELE VEJA. A IDEIA É QUE ELE TENTE ADIVINHAR QUAL SOM VOCÊ ESCOLHEU. EM SEGUIDA, SERÁ VOCÊ QUE TENTARÁ ADIVINHAR O SOM PRODUZIDO PELO SEU COLEGA. POR FIM, REGISTREM NO QUADRO ABAIXO OS SONS FEITOS POR CADA UM.

Respostas pessoais.

SONS QUE EU FIZ	SONS QUE MEU COLEGA FEZ

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

86

4. AGORA VOCÊ E OS COLEGAS IRÃO SONORIZAR UMA HISTÓRIA USANDO SONS COM O CORPO E A VOZ. SONORIZAR É ACRESCENTAR SONS PARA DEIXAR UMA HISTÓRIA MAIS INTERESSANTE!
ESCOLHAM UMA HISTÓRIA OU INVENTEM UMA COLETIVAMENTE.
PLANEJEM OS SONS RESPONDENDO:

- ONDE A HISTÓRIA SE PASSA?
- QUAIS SONS EXISTEM LÁ?
- COMO REPRODUZI-LOS?

TODOS DEVEM REPRESENTAR UM SOM. DEFINIDOS OS SONS, O PROFESSOR IRÁ CONTAR A HISTÓRIA E OS SONS DEVEM APARECER NO MOMENTO COMBINADO.

5. POR ÚLTIMO, CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR SOBRE O QUE VOCÊ SENTIU AO FAZER ESSA ATIVIDADE. ESCOLHA UM SENTIMENTO QUE REPRESENTE COMO VOCÊ SE SENTIU E O DESENHE ABAIXO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

EF15AR17 Na atividade 4, ao criar os efeitos sonoros, os estudantes são convidados a explorar sons convencionais e não convencionais e a desenvolver sua expressividade e escuta ativa.

Orientações

Depois de explorarem os sons do corpo, você pode fazer o jogo do eco novamente, mas agora, em vez de o estudante fazer apenas um som, deve inventar uma combinação de sons corporais e vocais para o resto da turma repetir, como um eco. Lembre-se de que a sequência não deve ser muito longa, para não ficar complicado para os outros repetirem. Aqui também é importante lembrá-los de fazer a maior diversidade de sons possível. Ao fazer a proposta, relembre com os estudantes o que foi trabalhado a respeito dos sons do corpo.

No vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2uT2f4LBdCA (acesso em: 25 abr. 2025), o grupo Barbatuques mostra o jogo do eco a partir da canção "Que som?" presente no álbum Tum Pá (2012). A canção foi inspirada nas brincadeiras cantadas de pular corda, e diz: "Que som, João agora vai fazer, faça um som do corpo pra que eu possa aprender", e na sequência o João faz um som para que todos imitem. Se for possível assistir ao vídeo, você pode fazer o jogo dessa forma chamando cada estudante para fazer sua sequência de sons.

Orientações

Esta proposta convida os estudantes a revisitarem, de forma lúdica e colaborativa, os conteúdos trabalhados ao longo do ano nas quatro linguagens artísticas. Embora ensinadas separadamente, essas linguagens se manifestam de forma integrada na vivência da criança. A música, por exemplo, não acontece de forma isolada, ela aparece acompanhada de movimento que pode se transformar em dança, ter intenção cênica e dialogar com formas visuais e esculturais.

Com a turma organizada em grupos de até quatro estudantes, oriente-os para que recortem as cartas das páginas indicadas e sorteiem quatro cartas por grupo. Cada carta representa e enfatiza um elemento artístico de uma das linguagens. A cena criada deve integrar esses elementos de forma criativa.

Sugira que os grupos usem livremente a imaginação para compor um roteiro inusitado ou partam de uma situação cotidiana, incorporando os sons, expressões, cores e movimentos. Incentive o uso de gestos, objetos e cenários durante a criação. Ao final, promova uma roda de conversa em que cada grupo compartilhe o que foi mais fácil e o que foi mais difícil de expressar.

Avaliação

Nesta atividade final, os estudantes têm a oportunidade de mobilizar os conhecimentos construídos ao longo da unidade, articulando sons do corpo, movimentos, expressões e elementos visuais na criação de uma cena coletiva. A proposta permite observar como os estudantes integram as diferentes linguagens artísticas exploradas (música, dança, teatro e artes visuais) e aplicam, de forma criativa e colaborativa, o que vivenciaram nas aulas anteriores. Ao planejar e apresentar uma cena a partir das cartas sorteadas, eles exercitam a escuta, a cooperação, a organização de ideias e a capacidade de transformar sensações e experiências em ações expressivas.

Considere o envolvimento dos estudantes no processo criativo, a disponibilidade de cada um para experimentar diferentes formas de expressão e a escuta ativa que envolve, também, o acolhimento das contribuições dadas pelos colegas durante o trabalho em grupo.

6. FIZEMOS MUITAS COISAS JUNTOS NESSE CAMINHO, NÃO É MESMO? AGORA, VAMOS JOGAR UM JOGO QUE NOS AJUDARÁ A LEMBRAR DOS ASSUNTOS QUE VIMOS ATÉ AQUI.

- RECORTE AS CARTAS DAS PÁGINAS 91 E 93. CADA UMA DELAS REPRESENTA EXPERIÊNCIAS QUE VIVEMOS AO LONGO DO ANO EM ARTES VISUAIS, DANÇA, MÚSICA E TEATRO.
- EM GRUPOS DE ATÉ 4 COLEGAS, PENSEM EM UMA CENA COMUM NO DIA A DIA DE VOCÊS. AGORA, TIREM UMA SEQUÊNCIA DE 4 CARTAS. ELAS VÃO AJUDAR A DECIDIR COMO SERÁ A CENA QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS VÃO FAZER.
- IMAGINE, POR EXEMPLO, QUE SEU GRUPO TIROU AS SEGUINTES CARTAS: **SONS DO CORPO – EXPRESSÕES DE FELICIDADE – MUITAS CORES – MOVIMENTO COM OS BRAÇOS**. ISSO SIGNIFICA QUE VOCÊS DEVEM CRIAR UMA PEQUENA CENA EM QUE APAREÇAM OS SONS DO CORPO, FAZENDO EXPRESSÕES DE FELICIDADE, MOVIMENTANDO OS BRAÇOS E USANDO MUITAS CORES.
- VOCÊS PODEM ESCOLHER O QUE MAIS SE SOBRESSAI NA CENA E DAR DESTAQUE A ISSO CRIANDO CENÁRIOS, GESTOS, EXPRESSÕES OU UTILIZANDO OBJETOS.
- AO FINAL, EM UMA RODA, CADA GRUPO DEVERÁ COMPARTILHAR O QUE FOI MAIS FÁCIL E O QUE FOI MAIS DIFÍCIL DE EXPRESSAR NA CENA.



Victoria Antre/Shutterstock.com

CRIANÇAS EM RODA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco na BNCC

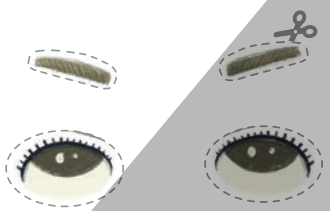
EF15AR23 A atividade estimula a articulação entre música, teatro, corpo e expressão visual, evidenciando as relações entre as linguagens artísticas em um processo criativo colaborativo.

88

MATERIAL COMPLEMENTAR

ENCARTE DAS PÁGINAS 52 E 53

CORTAR

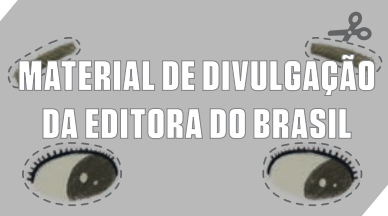














Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

89

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

ENCARTE DA PÁGINA 88

CORTAR

SONS DO CORPO

EXPRESSÕES DE FELICIDADE

FORMAS REDONDAS

MUITAS CORES

MOVIMENTOS COM OS BRAÇOS

VOZES BAIXAS

EXPRESSÕES DE SURPRESA

SONS DOS ANIMAIS

Ilustrações: Mathias Townsend

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

91

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

CORTAR

MOVIMENTOS RÁPIDOS

MELODIAS COM A BOCA

FORMAS RETAS

MOVIMENTOS COM AS PERNAS

VOZES ALTAS

JOGOS E BRINCADEIRAS

SONS DOS OBJETOS

EXPRESSÕES DE SONO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ilustrações: Mathias Townsend

93

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. DE; GODOY, K. M. A. DE. *DANÇA COM CRIANÇAS*: PROPOSTAS, ENSINO E POSSIBILIDADES. CURITIBA: APPRIS, 2018.

AS AUTORAS PROPÕEM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA DANÇA COM BASE EM UM QUADRO DE REFERÊNCIAS DAS TEMÁTICAS QUE COMPÕEM OS ELEMENTOS E OS EIXOS QUE ESTRUTURAM A LINGUAGEM CORPORAL.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR*. BRASÍLIA, DF: MEC, 2018. DISPONÍVEL EM: HTTP://BASENACIONALCOMUM.MEC.GOV.BR/IMAGES/BNCC_EI_EF_110518_VERSAOFINAL_SITE.PDF. ACESSO EM: 27 JAN. 2025.

A BNCC É O DOCUMENTO PUBLICADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO QUE DEFINE AS APRENDIZAGENS, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES QUE TODOS OS ALUNOS DO BRASIL DEVEM DESENVOLVER EM CADA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

COLL, C.; TEBEROSKY, A. *APRENDENDO ARTE*: CONTEÚDOS ESSENCIAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. SÃO PAULO: ÁTICA, 2000.

LIVRO QUE ABORDA OS ELEMENTOS DA LINGUAGEM E MATERIALIDADES EM TODAS AS LINGUAGENS DA ARTE.

CORNELL, J. *VIVÊNCIAS COM A NATUREZA*: GUIA DE ATIVIDADES PARA PAIS E EDUCADORES. INSTITUTO ROMÃ, 2021.

ESTE LIVRO REÚNE UMA VALIOSA SELEÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS QUE ESTIMULAM OS ESTUDANTES A EXPLORAREM A RELAÇÃO ENTRE CORPO, NATUREZA E CONVIVÊNCIA, PROMOVENDO A PERCEPÇÃO SENSÍVEL DOS ESPAÇOS NATURAIS E INCENTIVANDO VALORES COMO RESPEITO E AMIZADE EM RELAÇÃO AOS SERES VIVOS QUE DIVIDEM O PLANETA CONOSCO. ESSA ABORDAGEM DIALOGA COM AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA LINGUAGEM DAS ARTES AO INTEGRAR EXPRESSÃO CORPORAL, CRIATIVIDADE E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL.

DIEGUES, I.; FORTES, M.; KERTI, M.; LOPES, P. *ARTE BRASILEIRA PARA CRIANÇAS*. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2016.

ESSE LIVRO APRESENTA ARTISTAS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS E VÁRIAS ATIVIDADES PENSADAS COM BASE EM SEUS TRABALHOS.

GODOY, K. M. A. DE (ORG.). *ESTUDOS E ABORDAGENS SOBRE METODOLOGIAS DE PESQUISA E ENSINO*: DANÇA, ARTE E EDUCAÇÃO. CURITIBA: APPRIS, 2020.

O LIVRO É COMPOSTO DE TEXTOS QUE RELATAM METODOLOGIAS VOLTADAS PARA O ENSINO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR VÁRIOS PESQUISADORES NAS ÁREAS DE DANÇA, ARTE E EDUCAÇÃO.

MUNDURUKU, D. *COISAS DE ÍNDIO*. SÃO PAULO: CALLIS, 2012.

UM PANORAMA DA DIVERSIDADE DA CULTURA INDÍGENA NO BRASIL, PASSANDO POR VÁRIOS ELEMENTOS COMO MITOLOGIA, HISTÓRIA, AS LÍNGUAS, COM REFLEXÕES A RESPEITO DE TODAS ELAS.

ROCHA, R.; FLORA, A. *MEU CORPO*. 2. ED. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 2017.

AS AUTORAS APRESENTAM OS ELEMENTOS QUE COMPÕEM O CORPO E OS RELACIONAM ÀS SUAS FUNÇÕES.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. *O CORPO FALA*: A LINGUAGEM SILENCIOSA DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL. PETRÓPOLIS: VOZES, 2015.

O LIVRO ABORDA A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL, OFERECENDO DIVERSOS EXEMPLOS PRÁTICOS DE COMO O NOSSO CORPO SE EXPRESSA E SE COMUNICA POR MEIO DE GESTOS E POSTURAS. AUXILIA O LEITOR A FAZER LEITURA CORPORAL.

NUÑEZ PEREIRA, C.; VALCÁRCEL, R. R. *EMOCIONÁRIO*: DIGA O QUE VOCÊ SENTE. RIO DE JANEIRO: EDITORA SEXTANTE, 2018.

O LIVRO É UM DICIONÁRIO DAS EMOÇÕES QUE AJUDA AS CRIANÇAS A CONHECEREM E RECONHECEREM OS PRÓPRIOS SENTIMENTOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

96

Manual do Professor

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CARO PROFESSOR,

Bem-vindo à jornada que faremos juntos, ao longo de cinco anos, passando pelas linguagens das artes e nos deixando ser atravessados por elas.

Com frequência, nós, autores da área de Arte, pensamos em práticas e escrevemos textos para auxiliá-lo em seu planejamento e na elaboração de propostas para a sala de aula. É um exercício reflexivo que envolve a busca das melhores proposições e leva nosso pensamento para dentro de seu contexto escolar. É importante que você se sinta à vontade para adaptar as proposições à sua realidade em sala de aula, levando em conta a sua comunidade. Do mesmo modo, incorpore as referências de vida, familiar e cultural às discussões. As experiências dos estudantes com arte serão ainda mais significativas se se entrelaçarem com a sua trajetória.

Cada livro está fundamentado em um tema norteador, trabalhado por meio dos elementos e de cada linguagem da arte e na materialidade dela, percorrendo obras de diferentes artistas e manifestações culturais.

Os livros estão acompanhados de orientações para você, com o objetivo de auxiliá-lo na realização das práticas, na compreensão de conteúdos e na identificação das competências gerais, competências específicas e habilidades desenvolvidas. Outro cuidado que tivemos foi proporcionar a você apoio para a avaliação diagnóstica no início de cada ano, para a avaliação de percurso durante o ano letivo e para a avaliação de resultados no final.

Nas orientações, buscamos propiciar e fortalecer seu papel de provocador de novas experiências para os estudantes e envolvê-lo na descoberta de sua própria singularidade criativa. Seu olhar como docente e como fruidor de arte é parte fundamental neste processo.

Boa leitura!

As autoras



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mathias Townsend

CONHEÇA SEU MANUAL

Seu manual se organiza em: orientações gerais da coleção e orientações específicas para cada página na lateral e no rodapé da página.



As orientações gerais da coleção são dedicadas a **informações relevantes** sobre os principais documentos que norteiam a coleção, textos que contribuem para a prática docente e apresentação da proposta metodológica e da estrutura da coleção.



Nas orientações específicas, você encontrará a indicação das habilidades da BNCC exploradas em cada unidade.



No manual em **formato U**, nas aberturas de unidade, você encontrará os objetivos da unidade e o boxe **Foco na BNCC** (com as competências gerais e as competências específicas, as habilidades e as dimensões da Arte trabalhadas na unidade). Você encontrará também orientações e respostas das atividades propostas.

SUMÁRIO

Orientações gerais VI

I. Introdução VI

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Anos Iniciais do Ensino Básico VI

II. Pressupostos teórico-pedagógicos XI

Transição da Educação Infantil XI

Um estudante protagonista XII

As manifestações culturais e o hibridismo em Arte XIII

As linguagens da Arte e os Anos Iniciais XIV

Práticas... Processo de criação XV

Esta coleção e os Anos Iniciais do Ensino Básico XVI

As "cinco peles" e as linguagens da Arte XVII

III. Concepção de aprendizagem XIX

O papel do professor XIX

Diferentes formas de organização das turmas XIX

IV. A inclusão de estudantes com deficiência XX

V. Avaliação XXI

Avaliação: revisitar o que foi experimentado XXI

VI. Matriz de planejamento de rotina e de sequência didática XXIII

VII. Organização da coleção XXIV

A proposta pedagógica e a estrutura da coleção XXIV

Orientações específicas XXVI

Chegando ao Ensino Fundamental XXVI

VIII. Plano de desenvolvimento XXVII

Referências XXXI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Mathias Townsend

I. INTRODUÇÃO

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO BÁSICO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do componente curricular Arte propõe uma abordagem em que as quatro linguagens desse componente sejam trabalhadas em conjunto com as seis dimensões do conhecimento. Essa estrutura, mediada pelo professor, possibilita ao estudante perceber sua própria singularidade em relação às múltiplas dimensões da Arte, por meio de experiências e vivências, ao mesmo tempo que são trabalhados os conteúdos específicos de cada objeto de conhecimento, com base em suas respectivas habilidades.

Essa relação pode ser ampliada na educação integral, na qual a Arte pode ter um papel central ao propiciar diferentes propostas de práticas, possibilitando ao estudante diversas atividades encadeadas, e, assim, distanciar-se do simples "fazer artístico".

Essa abordagem propõe elos em uma aprendizagem ampla ao relacionar dimensões do conhecimento, como criação e expressão, aos **elementos das linguagens**, com seus constituintes específicos presentes nos livros; às **materialidades**, explícitas nas linguagens das artes visuais e da música, conforme a BNCC, mas presentes também nas manifestações contemporâneas da dança e do teatro; e aos **processos de criação**, compreendendo aqui a estesia (sensibilidade) diante da expressão e da criação, além da reflexão e da crítica frente ao processo desenvolvido.

Os objetos de conhecimento **contextos e práticas, matrizes estéticas e culturais** e **patrimônio cultural** enfatizam a importância de variadas dimensões da arte: fruição, estesia, reflexão e crítica diante de manifestações culturais das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais presentes no livro como o Bumba Meu Boi, o Carnaval, o maracatu, a guitarrada, entre outras. A proposta é cultivar no estudante a percepção, o imaginário e a ampliação do seu repertório imagético, propiciando a compreensão da diversidade cultural também se expressa no patrimônio cultural, tanto imaterial como material, presente nos sistemas institucionais das linguagens, nas tradições familiares e em todos os espaços públicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com relação à ampliação das possibilidades das materialidades, a BNCC traz o objeto **arte e tecnologia**, ligado à unidade temática **artes integradas**, que envolve a potencialidade do mundo digital – de acordo com a visão de que a tecnologia sempre esteve presente nas manifestações artísticas, conforme cada período da história. Da mesma forma, a BNCC apresenta o objetivo da **notação e registro musical** como uma ação híbrida que envolve "desenhar" os sons.

O objeto de conhecimento **sistemas institucionais** está ampliado nesta coleção, extrapolando a proposta da BNCC de ser abordado em relação apenas às artes visuais, ressaltando espaços e manifestações para se apreciar e experimentar atividades em outras linguagens da arte. A coleção apresenta espaços formais e informais dos sistemas institucionais.

A seguir apresentamos as Competências Gerais da Educação Básica, as Competências Específicas de Arte e as Habilidades de Arte do 1º ao 5º ano.

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(Brasil, 2018, p. 9)

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ARTE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, de modo a reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições articulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

(Brasil, 2018, p. 198)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADES TEMÁTICAS OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES

A BNCC organiza os conteúdos escolares em três grandes componentes estruturais: **unidades temáticas**, **objetos de conhecimento** e **habilidades**. As unidades temáticas são blocos de conteúdo que orientam a organização do ensino em cada componente curricular. Dentro de cada unidade, encontram-se os objetos de conhecimento; são eles que especificam os conteúdos, os conceitos e as práticas que devem ser abordados em sala de aula. As habilidades, por sua vez, indicam aquilo que se espera que os estudantes sejam capazes de desenvolver ao longo do processo de aprendizagem, articulando conhecimentos, competências e atitudes.

A BNCC destaca a relevância dessa abordagem integrada ao afirmar que: "[...] o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais" (Brasil, 2018, p. 199). Dessa forma, esta coleção contempla as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades das quatro linguagens da Arte de forma progressiva. A proposta pedagógica visa proporcionar vivências artísticas que promovam o desenvolvimento sensível, expressivo, criativo e crítico dos estudantes desde os anos iniciais da escolarização.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Artes visuais	Contextos e práticas	**EF15AR01** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
	Elementos da linguagem	**EF15AR02** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
	Matrizes estéticas e culturais	**EF15AR03** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
	Materialidades	**EF15AR04** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Processos de criação	**EF15AR05** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. **EF15AR06** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Sistemas da linguagem	**EF15AR07** Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
Dança	Contextos e práticas	**EF15AR08** Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
	Elementos da linguagem	**EF15AR09** Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. **EF15AR10** Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Dança	Processos de criação	**EF15AR11** Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. **EF15AR12** Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Música	Contextos e práticas	**EF15AR13** Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Elementos da linguagem	**EF15AR14** Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
	Materialidades	**EF15AR15** Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Notação e registro musical	**EF15AR16** Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Processos de criação	**EF15AR17** Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
Teatro	Contextos e práticas	**EF15AR18** Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
	Elementos da linguagem	**EF15AR19** Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
	Processos de criação	**EF15AR20** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. **EF15AR21** Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. **EF15AR22** Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Artes integradas	Processos de criação	**EF15AR23** Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
	Matrizes estéticas culturais	**EF15AR24** Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
	Patrimônio cultural	**EF15AR25** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
	Arte e tecnologia	**EF15AR26** Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS

O pedagogo Jurjo Torres Santomé, na obra *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado* (1998, p. 67) expressa que a interdisciplinaridade: "[...] não pode ser só uma teoria, mas sobretudo uma prática. [...] na medida em que são feitas experiências reais de trabalho e equipe, exercitam-se suas possibilidades, problemas e limitações".

De acordo com essa perspectiva, a interdisciplinaridade nos Anos Iniciais se fundamenta em ações práticas centradas nas experimentações e nas investigações realizadas pelos estudantes em seu cotidiano, dentro e fora da escola. Essa abordagem possibilita a articulação de diferentes saberes em torno de um mesmo tema, promovendo a construção de um pensamento em rede desde os primeiros anos escolares. Vale considerar que o pensamento em rede é uma característica marcante da cultura digital, plugada e não plugada e permite valorizar a pluralidade das contribuições da turma, favorecendo, dessa forma, a integração dos conteúdos propostos nesta coleção de Arte com os demais componentes curriculares.

Quando observada em um trabalho coletivo que integra diferentes componentes curriculares, por exemplo, a interdisciplinaridade, parte de um tema ou assunto comum, previamente acordado, permitindo que cada área envolvida contribua com seus saberes específicos. Não é a simples junção de disciplinas que caracteriza a interdisciplinaridade, mas sim a forma como cada uma se articula para colaborar na resolução de um desafio, como indicado em vários momentos no Livro do Estudante e nas orientações específicas deste Manual. Uma metáfora que ilustra essa ideia é a de uma orquestra se apresentando: ouvimos diversos sons produzidos por instrumentos distintos, alguns solos, outros em conjunto, e o que os une é a música previamente escolhida. Dessa mesma forma, podemos pensar a interdisciplinaridade, sendo o tema/assunto tratado o ponto central que guia a atuação integrada de cada componente.

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) se aproximam de diferentes áreas do conhecimento e conversam com elas de forma integrada e conectada com as situações vivenciadas pelos estudantes em sua realidade, contribuindo para a atribuição de contexto e contemporaneidade. Trabalhamos, no livro, os seguintes TCTs: Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia.

Ao adotarmos essa abordagem, garantimos aos estudantes o acesso aos conhecimentos que possibilitam a revisão da formação cultural em seu contexto, a formação cidadã alinhada às possibilidades de trabalho, o respeito às características regionais e locais da cultura, da economia e da população que frequenta a escola.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

II. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-PEDAGÓGICOS

TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para dar início a um ano letivo significativo, é fundamental reconhecer e compreender este primeiro desafio: o estudante que agora chega à sua sala encerrou o ciclo anterior ainda como uma criança da Educação Infantil e, a partir deste momento, inicia sua trajetória no Ensino Fundamental.

Essa é uma transição marcante que pode ser tratada com respeito e acolhimento. Como, então, transformá-la em um ritual de passagem?

Apesar de estar iniciando no Ensino Fundamental e adquirindo novas habilidades, é importante considerar que esse estudante ainda é uma criança e, como tal, continua a descobrir o mundo por meio do brincar. A **brincadeira**, linguagem própria da infância, é também um dos eixos identificados pela BNCC para a Educação Infantil, e tem seu complemento com as **interações**, ambas fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Nesse contexto, é relevante considerar a reflexão proposta pelo filósofo e antropólogo Gilles Brougère ao apontar que "diante da indeterminação da brincadeira, a única ação que se pode conciliar com o respeito por essa atividade parece ser a intervenção sobre o contexto, seja por meio do ambiente material, seja pela própria cultura da criança" (Brougère, 2010, p. 113).

Essa perspectiva reforça a importância do papel do educador em criar ambientes instigantes, culturalmente significativos e propícios ao aprendizado, nos quais a criança se sinta confortável para se expressar, experimentar e aprender, preservando o caráter espontâneo e imaginativo do brincar mesmo no contexto do Ensino Fundamental.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Mathias Townsend

O eixo das interações, portanto, se constrói gradualmente pela criança, enquanto o educador observa e interpreta esse processo. É quando ela conquista maior espaço e autonomia nas relações, tanto com colegas quanto com adultos, que surge, ainda de forma sutil, o protagonismo juvenil. É nessa fase inicial, muitas vezes imperceptível, que as crianças se preparam para as demandas de autonomia que virão nos anos seguintes.

UMA NOVA ESCOLA, UMA NOVA VIVÊNCIA

Que tal transformar o conhecimento e a exploração do espaço físico da nova escola e da sala de aula em um ritual de passagem? Convide os estudantes a conhecer onde estão e a explorar esse novo espaço: Como é esta nova escola? Em quais espaços eles vão brincar e estudar?

É um momento novo, com sentido inaugural. É hora de o estudante conhecer esse novo lugar, mas, principalmente, de você incentivá-lo a perceber-se nele. O estudante precisa começar a construir interações com a novidade do ambiente.

Se na **escola** houver uma biblioteca, apresente-a a eles. Mostre os livros com imagens de manifestações culturais, os de literatura e todos os outros voltados à faixa etária deles. Se na sala de aula houver um "cantinho" com instrumentos musicais, deixe-os vivenciá-los livremente. As áreas livres, onde vocês também vão se reunir e realizar práticas, são muito importantes, até porque eles estão acostumados às brincadeiras no pátio, na pracinha, em muitos outros lugares além da sala de aula.

Além de introduzi-los aos espaços, é importante construir o sentimento de acolhimento. Nesse processo, disponibilize tempo para a exploração do espaço e para conhecerem, pouco a pouco, também, uns aos outros.

É importante lembrar que o estudante, que tem na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, traz uma bagagem de conhecimento construída por meio do aprendizado nas brincadeiras, nas investigações e nos momentos lúdicos, como desenho e construção de narrativas que explicam como percebe seu entorno e o que os impulsos de sua curiosidade nata o levam a descobrir.

UM ESTUDANTE PROTAGONISTA

Ser professor dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental propicia conviver com um estudante curioso e investigativo por natureza. Nas crianças, a curiosidade se desenvolve como uma pulsão espontânea, que embasa suas primeiras descobertas. Para o psicólogo, educador e economista George Loewenstein (1994, p. 75), a curiosidade tem sido compreendida como uma força que impulsiona o desenvolvimento infantil, sendo igualmente um dos mais importantes estímulos para que as pessoas busquem altos níveis de educação e realizem descobertas científicas ou produções artísticas.

As educadoras Angela Rizzi e Joyce Rosset (Rosset; Webster; Rizzi, 2016, p. [1]) complementam essa ideia ao citar a pedagoga Gisela Wajskop, que destaca o valor da curiosidade, do ato de perguntar:

> Por meio do temperamento curioso, a criança interessada se aproxima dos elementos da natureza e da cultura para aprender os conhecimentos acumulados pela humanidade. Pela mediação do professor, as crianças vão desenvolvendo competências para fazer perguntas de maneira a aprofundar seus saberes, comparando-os, registrando, comunicando, avaliando e desenvolvendo o pensamento científico e criativo.

As autoras pontuam que a curiosidade tem um fluxo que traz a experiência na aprendizagem e, para evidenciar essa perspectiva, identificam um movimento constante e com aprofundamento em espiral, como mostra o esquema a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Esquema sobre o ciclo de aprendizagem.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Ciclo da curiosidade e da aprendizagem... na prática! *Tempo de Creche*, [São Paulo], 29 jan. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/ciclo-da-curiosidade-e-da-aprendizagem-na-pratica-2/. Acesso em: 4 maio 2025.

Essa expressão da curiosidade leva o estudante a vivenciar as ações do verbo cognitivo mais presente na BNCC de Arte: **experimentar**, que integra o direito do estudante de interagir, expressar e aprender. Se olharmos para a experiência como um momento de ludicidade, a aprendizagem será ainda maior. A criança, desde os primeiros anos de vida, utiliza as linguagens visual, gestual e oral ao se expressar. Propor uma diversidade de experiências nessas linguagens é dar subsídio ao seu desenvolvimento.

A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE

A imaginação é uma ferramenta de aprendizagem e experimentação. Com ela, o estudante move-se em seu processo de criação, muitas vezes, impulsionado por aquilo que observa em seu mundo. Desde a infância, ao perceber algo novo no cotidiano, ele vislumbra possibilidades únicas e sente a necessidade de se conectar com a emoção imaginativa. A vivência da imaginação se concretiza por meio de brincadeiras, de histórias trazidas pela diversidade cultural, das experiências com a arte e com a natureza e é fundamental para o desenvolvimento de uma postura ativa e protagonista.

Para o renomado psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934), em *Imaginação e criação* na infância (Vygotsky, 2019), não existe ato criador (fazer existir) sem a imaginação. A realidade na qual estamos inseridos é fruto da imaginação humana e da criação baseada nessa imaginação. A atividade criadora, para ele, não se revela apenas nas grandes invenções e na genialidade, mas também em toda atividade humana movida pela imaginação.

A imaginação, no entanto, somente existe em um ambiente de liberdade e, neste ponto, o incentivo à expressividade do indivíduo, seja emocional, verbal, corpórea, é uma metodologia que segue técnicas para ser efetiva. É fundamental, portanto, a realização de atividades didáticas que estimulem os estudantes a se expressarem criativamente sobre assuntos diversos por meio de sua imaginação ou observação, gerando momentos de protagonismo. Ou seja, fomentar um processo de aprendizagem que passa pela fala, escuta, narração, reflexão, imaginação e argumentação. Essas ações dão continuidade ao protagonismo intuitivo da criança da Educação Infantil e ampliam o desenvolvimento com propostas de investigação diversificadas.

UM TEMPO PARA A ESCUTA

Outro sólido aprendizado que o estudante traz da Educação Infantil é o da dinâmica das conversas em roda. Se bem trabalhado, esse recurso contribuirá para as primeiras oportunidades de se expressar em grupo e de aprender a respeitar o momento de fala de cada colega. Entre essas significativas vivências, destacamos o relevante papel de usar a fala como recurso para expressar sentimentos, vontades, opiniões, interesses, narrar acontecimentos etc. O estudante precisa apenas de espaço e tempo para formar suas narrativas, dentro de sua lógica. A ação de ouvir o outro, então, vem como complemento dessa expressividade criadora.

Com relação à escuta do professor, ela necessita ser atenta, porque cada estudante é um indivíduo singular e, muitas vezes, não tem a mesma percepção do colega; não existe um único sentido no que foi experimentado. Na fruição de uma ação, cada estudante articula uma construção de sentidos única, que pode gerar novas percepções somadas às percepções anteriores, as intuitivas. Muitas vezes essa diferença é sutil, mas muito significativa nos anos iniciais, por expressar o desenvolvimento de uma maneira de sentir e experimentar o que foi proposto.

Assim, trabalhar a escuta significa exercer a disponibilidade, a observação e a sensibilidade para perceber formas de comunicação do estudante, seja oral, escrita, visual, corporal ou outras formas não verbais. É importante reconhecer que cada estudante se expressa considerando suas próprias vivências, portanto, essa comunicação pode acontecer de diferentes maneiras. A oralidade, em suas diversas manifestações, é um bem cultural que caracteriza o pensamento e auxilia na sua organização. Nessa perspectiva, a oralidade tem um papel estruturante nas práticas sociais e educativas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

REPERTÓRIO: A BASE DA FORMAÇÃO

Em que consiste um repertório? Como ele se constrói?

Podemos falar de repertório como o conjunto de peças (teatrais, musicais, coreográficas etc.) que um grupo artístico ensaia e prepara para executar ou a bagagem cultural que cada ser humano constrói ao longo da vida.

O repertório cultural pessoal inicia-se com os conhecimentos adquiridos no âmbito familiar: são os hábitos e costumes, transmitidos e potencializados de geração a geração, que formam uma rede de saberes ligando as pessoas a seus pais, avós e demais ancestrais. Muitos desses saberes fazem conexão com os de outras famílias e tornam-se vivências na comunidade.

A educadora Cibele Racy destaca que:

> **Compreendemos hoje que a escola não pode ser um território apartado de seu contexto histórico e social e, dessa forma, não poderia estar distante das mais diversas formas de expressão cultural, sendo por si só uma delas. Não se trata apenas de reproduzi-las no contexto escolar, mas inseri-las como objeto de estudo e trabalho no currículo da unidade.**
>
> (Racy; Almeida; Landau, 2017, p. [1])

O repertório do estudante é formado pela soma da formação cultural familiar e pelo meio que ele vivencia em seu cotidiano, a sua comunidade. Dar oportunidade aos estudantes de conhecer os conteúdos da arte potencializa e amplia a possibilidade de percepção das múltiplas maneiras de expressão.

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E O HIBRIDISMO EM ARTE

Existem muitas formas de manifestações culturais. Ao participar de uma manifestação popular, como um folguedo, uma dança de roda, um cortejo, por exemplo, o estudante convive com elementos da música, da dança, das artes visuais e do teatro. Cada um desses elementos representa uma parte do todo, complementando-se entre si. Em tal situação, a expressividade decorrente da manifestação não incentiva a busca por diferenciar o quanto cada uma das linguagens da arte contribuiu para aquela realização. Dessa forma, uma atividade híbrida em artes foi vivenciada.

A definição no dicionário Houaiss do termo **híbrido** traz, na acepção da formação de vocábulos, "palavra formada por elementos tomados de línguas diferentes". O hibridismo na arte extrapola fronteiras, propõe a inter-relação entre as linguagens artísticas, principalmente na arte contemporânea. Ressaltamos que a BNCC acompanha essas proposições ao trazer como objeto de conhecimento do componente curricular Arte a **materialidade**,

em substituição ao termo **material**, o qual reportava apenas a elementos e suportes tradicionais em arte. Assim, o conceito amplia-se para uma gama maior de possibilidades nas obras presenciais e digitais. Nesse sentido, a tecnologia se faz presente viabilizando de forma mais intensa uma maneira híbrida do fazer artístico, em diferentes meios expressivos.

AS TRÊS CULTURAS: A BASE CULTURAL BRASILEIRA

A diversidade cultural brasileira se mescla com a história da formação brasileira, mas por um caminho particular. Essa mescla é reforçada com a chegada dos europeus e africanos em nosso território, já habitado por indígenas, mas precisa ser olhada da perspectiva dos dias atuais, com o que herdamos e como herdamos no desenrolar da história.

Os africanos, ao serem forçados a vir para o Brasil, trouxeram consigo crenças religiosas e os costumes desenvolvidos em seus países de origem. O mesmo ocorreu com os europeus, que trouxeram diversos aspectos de suas culturas. Ambos trouxeram em sua bagagem a cultura "erudita" de seus países. Os povos indígenas, por sua vez, expressam em suas ações cotidianas suas crenças, saberes e costumes. Nenhuma dessas culturas pode ser reduzida apenas à dimensão histórica, ou seja, algo que pertence ao passado. Ao contrário, todas seguem vivas e em constante diálogo com o mundo contemporâneo e devem ser valorizadas de forma igualitária por sua contribuição à formação da cultura brasileira.

O pesquisador e dançarino Antônio Nóbrega, em participação [illegible] da TV Cultura, em 2012, defendeu a necessidade de perceber e valorizar as reais contribuições culturais nas manifestações culturais populares e esclareceu pontos da formação da nossa história cultural:

> O Brasil, durante mais de quatro séculos, gestou uma determinada cultura à deriva da cultura dominante, cujos contributos para a formação dessa cultura foram heranças culturais africanas, diversíssimas, heranças culturais índias, presentes aqui, e heranças ibéricas populares. [...] Dois terços desse universo cultural foram transplantados para cá. Em nenhum desses universos havia o que se chama de cultura popular. A cultura dos negros que vieram para cá, não era cultura popular. Era a cultura deles, as festas rituais, as festas religiosas. Os índios também não têm a cultura popular, eles têm a cultura deles. No entanto, quando começou a haver a miscigenação cultural de todas elas, isso ficou à deriva de uma outra cultura de extração europeia, que era a cultura dominante. [...] Criou-se ritmos, criou-se uma música maravilhosa, danças maravilhosas [que] não é folclore. [...] Uma cultura viva. [...] Há uma dinâmica contínua dentro dessa cultura. E tudo que o Brasil construiu de mais importante, de maior representatividade, mesmo fora dele, tem uma ligação com essa cultura. O que seria a obra de Villa Lobos [músico, compositor] se não fosse esse universo cultural? O que seria de Guimarães Rosa [escritor]? As expressões da música brasileira como choro, como samba, como frevo? A gente tem de olhar para essa cultura com um olhar muito diferente.
>
> NÓBREGA, A. Entrevista cedida a Antônio Abujamra. PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – Bloco 01. São Paulo: TV Cultura, [2012]. 1 vídeo (10 min). Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html. Acesso em: 14 maio 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

AS LINGUAGENS DA ARTE E OS ANOS INICIAIS

Nesta coleção, as quatro linguagens artísticas são trabalhadas em constante diálogo entre si e trazem conteúdos que, entrelaçados nas diversas unidades, constroem caminhos possíveis para o desenvolvimento integral do estudante. Dentro de cada especificidade, porém, são trabalhadas as questões pertinentes de cada linguagem, com seus códigos e conteúdos.

ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS

Ao longo da coleção, os estudantes são convidados a experimentar procedimentos e processos por meio das materialidades das artes visuais. O contato com diversas obras também propõe reflexões e amplia o repertório dos estudantes, que experimentam seus próprios processos de criação. A liberdade da experimentação e o aprendizado pela experiência são os principais instrumentos de aproximação da arte da vida do estudante e, em vários momentos, são oferecidas propostas de exploração das artes visuais que reforçam essa metodologia. Ao longo do processo e por meio do repertório de temas e obras apresentadas, os estudantes são convidados a refletir sobre valores essenciais como convivência, diversidade, identidades, entre outros, sempre pela perspectiva da percepção, da escuta, da reflexão e do respeito às diferenças.

DANÇA

A dança na escola aborda o corpo e o movimento de forma lúdica. As atividades propostas ampliam a consciência corporal e as noções de tempo e espaço, fornecendo as bases para o entendimento dos elementos da linguagem da dança tanto por vias cognitivas quanto físicas e emocionais. A criança é estimulada a construir referenciais significativos de percepção interna e externa pela própria experiência. Por isso, não propomos o desenvolvimento de habilidades dentro de um estilo específico de dança, mas a vivência, leitura e sensibilização do movimento como algo inerente à vida.

MÚSICA

Música é uma das linguagens expressivas do ser humano, que utiliza sons e silêncios para se expressar e comunicar, e deve fazer parte da educação das crianças ao longo da vida escolar. Por meio de propostas de apreciação, criação e improvisação, os estudantes irão explorar a produção e as qualidades dos sons e entrarão em contato com elementos da linguagem musical, para desenvolvimento pessoal como indivíduos inseridos em uma rica tradição cultural, bem como para sensibilizá-los para o fenômeno sonoro, desenvolvendo a escuta ativa e criando oportunidades para que se expressem por meio dos sons.

TEATRO

Em toda a coleção, o teatro é trabalhado com ênfase em seu aspecto coletivo e de encontro com o outro, o que possibilita inúmeras descobertas do estudante sobre si mesmo, sobre as diferenças e semelhanças em relação aos demais e sobre a compreensão das relações. Essas descobertas tornam-se recursos para o desenvolvimento pessoal e, de modo semelhante, para que a compreensão do outro se transfigure na busca por uma evolução humana. Por meio de jogos de improvisação, criação de histórias, cenas e construção de personagens, os estudantes são estimulados a desenvolver a imaginação e criação, o pensamento crítico e reflexivo, a consciência corporal, concentração, a cooperação e a empatia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

O estudante, desde sua infância, ao ter oportunidade de se aproximar de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, o faz "despido" de racionalização. Ele se aproxima de uma brincadeira, de um elemento da natureza de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que está experimentando naquele momento e da capacidade de, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O professor e crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que algo problemático na apreciação artística é que as "[...] pessoas adultas usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra".

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentirem e experimentarem, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10): "O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas".

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que esta coleção oferece aos estudantes a possibilidade de estudar arte de modo que não fiquem restritos apenas a conteúdos específicos, mas impulsiona a criança a desenvolver sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar, experimentar, buscar a própria voz. A coleção envolve também o desenvolvimento de questões subjetivas, criativas e expressivas.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem artística por meio de investigações e pesquisas, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Tem-se, desse modo, um processo de experimentação contínuo!

Esse processo leva o professor a mediar os novos conhecimentos por meio dessas experiências e dos saberes que o estudante já tem de suas vivências na Educação Infantil.

ESTA COLEÇÃO E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO BÁSICO

Diferentemente da maioria dos componentes curriculares de outras disciplinas, a BNCC específica de Arte não traz uma divisão anual de conteúdos; assim, cada comunidade escolar define a própria progressão.

Essa abertura para o trabalho possibilitou aos autores proporem uma coleção fundamentada em três eixos significativos, conforme apresentado adiante, e uma reflexão sobre a melhor forma de organização dos planejamentos de cada ano, seguindo a proposta curricular de cada estado do país. Veja a seguir.

EIXOS DIDÁTICOS



Acervo da editora

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CONTEÚDO PROCEDIMENTAL E ATITUDINAL

Para o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental, a coleção é composta de dois livros, um para o 1º ano e outro para o 2º ano escolar. As atividades práticas propostas nesta coleção buscam propiciar ao estudante oportunidades de se conhecer, de conhecer as pessoas e os objetos ao seu redor, além de estimular a análise e a valorização das especificidades de sua comunidade, de sua região, e das manifestações populares brasileiras. Ao mesmo tempo, promovem uma interação crítica com as transformações impulsionadas pela tecnologia.

Esta coleção trabalha correlacionando os conteúdos **atitudinal**, **procedimental** e **conceitual**, procurando apoiar o estudante na construção de sua autonomia e na formação de seu conhecimento.

Sendo, em Arte, os dois primeiros anos a continuidade da criatividade desenvolvida nos aprendizados na Educação Infantil, esta coleção dá atenção, nos pressupostos teórico-pedagógicos, a essa passagem, fazendo dela um ritual mais cuidadoso com o estudante.

Nos dois primeiros anos do Ciclo Básico de escolarização, o ensino de Arte deve considerar as abordagens pedagógicas desenvolvidas na etapa da Educação Infantil. Por isso, esta coleção propõe uma exploração que articula retomadas e avanços graduais, fundamentada nos pressupostos teórico-pedagógicos tanto da fase anterior quanto da atual. Essa proposta visa garantir ao estudante uma trajetória escolar atenta às suas necessidades, ao mesmo tempo que é cuidadosa e evolutiva.

Atitudinal

O conteúdo situacional apresentado como recurso pedagógico leva em consideração o contexto em que o estudante está inserido, bem como o potencial de aprendizagem relacionado às especificidades da comunidade onde está inserida a escola. A diversidade cultural brasileira, aliada às características dos diferentes biomas e territórios, contribui para enriquecer os processos de criação de cada estudante, permitindo que suas produções reflitam sua vivência e identidade. Essa contextualização pode ser ampliada por meio da convivência com o sistema de arte local e da presença de artistas da própria comunidade.

Ao aproximar a aprendizagem do cotidiano do estudante, a experiência torna-se mais significativa.

Nesta coleção, as atividades práticas possibilitam ao professor uma compreensão da proposta pedagógica, estimulando sua adaptação ao contexto escolar e comunitário específico em que atua, reconhecendo e respeitando as particularidades de cada realidade.

Procedimental

O conteúdo procedimental refere-se ao desenvolvimento de habilidades durante o processo educativo que envolve ação, prática e experimentação. No ensino de Arte, no trabalho com o processo criativo, isso se concretiza em atividades que envolvem o fazer artístico. As pesquisadoras e arte-educadoras Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha T. Guerra, no livro *Teoria e prática do ensino da arte*, expressam:

> Todo fazedor de arte se forma trabalhando em processos de criação, com as informações, deformações e formações que os atos de criação propõem

durante a procura incansável de uma poética pessoal de tal forma que, enquanto a obra se faz, se inventa o seu próprio modo de fazer (Martins; Picosque; Guerra, 2009, p. 192).

Propiciar vários experimentos, isto é, práticas nos processos de criação, possibilita ao estudante, a cada fazer e refazer, caminhar na descoberta do processo de criação autoral. A diversidade de suportes – indo além dos formais –, o uso de materiais inusitados e a valorização do processo como descobertas ampliam as possibilidades e o desenvolvimento da singularidade.

Esta coleção busca apoiar o estudante em inúmeros fazeres e refazeres, experimentando diferentes possibilidades técnicas.

Conceitual

A abordagem conceitual refere-se aos múltiplos conhecimentos teóricos que possibilitam a compreensão de como compositores, artistas, coreógrafos e dramaturgos chegaram à realização de obras, do contexto em que foram criadas e das contribuições que possibilitam a reflexão e a criação. Esse conhecimento não está presente apenas nos relatos da história da arte, principalmente se olhados de forma recortada e estagnada apenas a alguns conceitos, transformando a teoria em absoluta, mas na observação dos processos de criação e das soluções encontradas, ampliando o repertório do estudante.

Uma ação que contribui de forma significativa é estimular o estudante a observar e refletir criticamente. Por meio de perguntas, informações contextuais, análises atentas e diálogos, é oferecida à criança a possibilidade de ampliar sua capacidade de observação, além de fomentar estratégias de interpretação, articulação de ideias e, consequentemente, de motivar o senso crítico dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

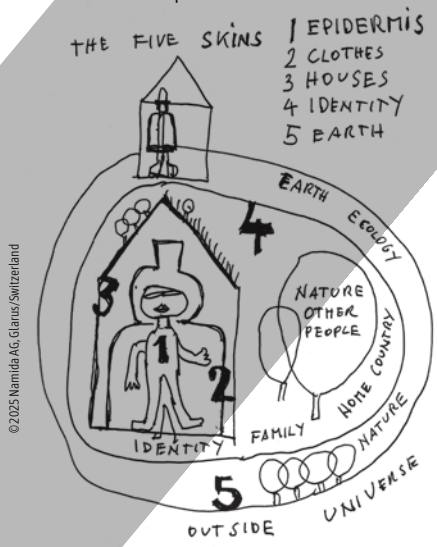
A pesquisadora Cecília Almeida Salles, em *Gesto inacabado*, complementa esta colocação ao dizer:

> O percurso de criação mostra-se um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas aparentes redundâncias que se pode estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização. Não seriam modelos rígidos e fixos que, normalmente, mais funcionam como fôrmas teóricas que rejeitam aquilo que nelas não cabem. São, na verdade, instrumentos que permitem a ativação da complexidade do processo. Não guardam verdades absolutas, pretende, porém, ampliar as possibilidades de discussões sobre o processo criativo (Salles, 2011, p. 21).

AS "CINCO PELES" E AS LINGUAGENS DA ARTE

Com esse cenário de possibilidades do ensino da arte e tendo em perspectiva o perfil geral dos estudantes dos anos iniciais, sedentos por descobertas, convidamos você para observar o desenho a seguir.

É um desenho livre, mas traz muitas informações e conteúdos intrínsecos em cada camada, que o autor chamou de "pele".



F. Hundertwasser. *Men's Five Skins*, 1997. Tinta sobre papel, 29,6 cm × 21 cm. Tradução: *As cinco peles*. 1. Epiderme. 2. Roupa. 3. Casa. 4. Identidade. 5. Terra. No círculo interno: identidade, família, país de origem. No balão, dentro da ilustração: natureza, outras pessoas. No círculo externo: natureza, terra, ecologia. Fora do círculo: universo exterior.

A obra *As cinco peles do ser humano* (*Men's Five Skins*, 1997)[1], do artista austríaco Friedensreich Hundertwasser, também arquiteto e naturalista, provoca várias percepções. Quais são as suas?

Você já pensou que todos fazemos parte do Universo e somos coletivamente responsáveis por ele? Já pensou que, para se sentir pertencente a este Universo, você precisa primeiro se conhecer?

Hundertwasser traz esses questionamentos por meio de um desenho. Essa é uma obra que nos faz pensar em como somos constituídos. O que tem significado quando olhamos o entorno e pensamos: Com o que contribuímos? De que forma contribuímos? Quem somos? Como somos? Como queremos construir a convivência com o outro? Como e onde vivemos?

1 A tradução literal do nome da obra é *As cinco peles do homem*. Consideramos, porém, que, apesar de a palavra homem como sinônimo de "ser humano" ser amplamente utilizada desde os tempos mais antigos, atualmente faz-se necessário o uso de palavras e expressões que abarquem toda a diversidade humana.

O estudante dos anos iniciais vivencia espontaneamente a busca dessas respostas, mesmo sem o domínio de uma reflexão aprofundada, que ele só vai encontrar nas experiências e vivências que lhe forem propiciadas. Essa é a fase de o estudante se perceber e perceber o seu entorno.

Ao propor a obra *As cinco peles do ser humano* (a partir daqui referida apenas como *As cinco peles*) como imagem impulsionadora para os anos iniciais, a coleção traça uma linha na progressão do conhecimento. Essa progressão torna-se, assim, acessível a todos os professores do ciclo, o que possibilita a percepção e o alinhamento dos caminhos já percorridos e dos que ainda serão trilhados pelos estudantes em suas descobertas em relação à sua identidade e ao meio em que vivem. Voltando ao desenho, convidamos você a observá-lo mais cuidadosamente, com um olhar investigador. Observe sua forma e cada detalhe.

O artista expressa nesse desenho a relação da pessoa com o Universo que a cerca e mostra uma maneira de se perceber, sua identidade, a relação que estabelece com os que a cercam e com o ambiente próximo e mais longínquo. Ao colocar o "eu" no centro da imagem, propõe a todos os observadores olharem seu papel no Universo.

Hundertwasser começa a desenhar pela epiderme, trazendo o "eu" como centro, expresso pelo **corpo**.

O CORPO FALA!

No trabalho desenvolvido nos livros do 1º e 2º ano, o estudante é conduzido a fazer explorações e descobertas que o levam dos movimentos da dança à sonorização, [illegible] visuais em diferentes suportes, e sente a expressividade cênica nas expressões faciais e corporais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os estudantes desse ciclo de aprendizagem expressam livremente suas percepções e conhecimentos, que incluem a imaterialidade cultural à qual cada família/comunidade pertence. As diferentes formas de expressar ideias, narrativas e experiências vivenciadas ajudam a compreender as dimensões de cada estudante e planejar propostas que abarquem a totalidade física, cognitiva e cultural da turma. Esses dois livros abordam temas e práticas para o estudante e o que ele pode extrair da diversidade em seu entorno, o que é explicitado nas propostas das quatro unidades de cada volume.

As linguagens da Arte possibilitam a qualquer ser humano viver com intensidade todas as formas de manifestações estéticas, comunicativas e emocionais, expressando o que lhe é significativo em cada momento. Independentemente do que se deseja transmitir, isso ocorre pelo principal elemento de comunicação, percepção e vivências: o corpo, ou seja, **a primeira pele**.

Esse é o tema central trabalhado no 1º ano e que se amplia no 2º ano, quando o estudante percebe o **outro**.

EU, O OUTRO, O MEU ENTORNO

A **segunda pele** seria a roupa do artista: a primeira expressão externa desse "eu". A roupa, mesmo sendo um elemento material, carrega a cultura imaterial de cada família e revela traços dos nossos gostos, das nossas crenças e tradições. Para compreendermos esta colocação, a roupa, mesmo sendo um elemento material, também revela a cultura imaterial de cada família. Essa coleção busca trazer o outro, em propostas relacionadas à família, aos colegas, como em diversas atividades e aos amigos.

E mais, como relata Vanessa Mazzocchi Koppe:

> [...] a roupa não mais se limita a esconder, mas, sim, revela a subjetividade do ser humano para o universo exterior, ao mesmo tempo [...] que favorece a interiorização do sujeito que dela faz uso. Ela tem uma função política, social, sociológica ao apresentar a identidade individual ao mundo externo (Koppe, 2019, p. 22).

Se percebermos o vestuário como algo que permite mostrar e ao mesmo tempo proteger, entendemos que o núcleo que acolhe e protege a criança é similar a uma roupa, e assim encontramos a família, os professores, os amigos – nessa "segunda pele" social da criança, as primeiras percepções da **diversidade**. E a diversidade é uma porta de entrada para a percepção de que somos um dentro de um todo e nossa trajetória constrói nosso repertório cultural imaterial (ligado à formação familiar e comunitária) e uma diversidade de relações com as quais convivemos.

AS OUTRAS PELES

A **terceira pele** trata de um olhar para o lugar onde vivemos, o lugar próximo, que é parte do cotidiano. Essa pele aborda as territorialidades presentes, formadas pela diversidade cultural, que faz parte de todas as comunidades, e estimula, ao mesmo tempo, a identificação das singularidades da região, fruto da formação cultural e histórica, o espaço como contexto socio-geográfico mais próximo do

estudante. É o lugar onde ele faz suas primeiras descobertas e investigações relacionadas ao urbano e à natureza e identifica a localização das edificações significativas, como a escola e sua casa, além das características do percurso percorrido todos os dias.

A **quarta pele** representa as relações mais amplas. A coleção propõe um olhar para a cultura do país. A diversidade cultural brasileira é resultado de sua formação inicial e de todas as demais contribuições que recebeu dos imigrantes ao longo da história – voluntários e forçados – e da característica da formação geográfica em sua extensão.

A **quinta pele** proposta pelo artista abarca o planeta em que vivemos. A proposta dessas camadas que compõem cada pessoa é mostrar que cada um é guardião de tudo que compõe nosso Universo: as pessoas, os animais e todos os demais seres vivos constituintes da natureza.

A forma concêntrica do desenho *As cinco peles* traz o "eu" de cada habitante do planeta como centro da responsabilidade por todas as camadas de seu entorno. Ela reforça que cada pele se soma à anterior e à posterior, o que, em nossa perspectiva didática, torna-se uma referência ao modo como a sucessão das experiências constrói o desenvolvimento do estudante.

III. CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR

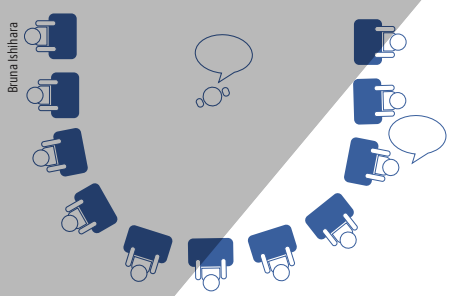
Como funciona, na prática, ser um articulador de redes e conhecimentos? De que modo podemos trabalhar conhecimentos novos, relacioná-los com os saberes trazidos pela história de cada um e construir com os jovens segundo essa perspectiva? O professor mediador pode transformar o processo de construção e aprendizagem. Mediar a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho são demandas presentes em muitas ações desenvolvidas no cotidiano escolar. A forma como a turma e o espaço da sala de aula são organizados, por exemplo, constitui um fator determinante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando se valoriza a inclusão, a diversidade e a adoção de metodologias ativas. Nesse sentido, você pode propor romper com a configuração habitual da sala de aula, favorecendo a comunicação e o relacionamento interpessoal entre os estudantes e o próprio professor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

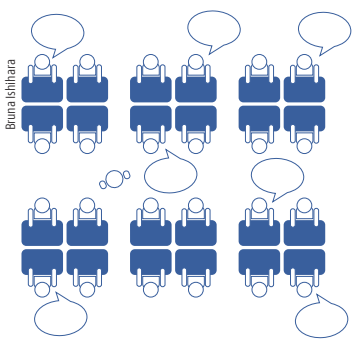
DIFERENTES FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS

A disposição dos estudantes pode reforçar práticas de exclusão, daí a necessidade de adequar o espaço aos diferentes perfis de estudantes e aos objetivos das atividades propostas.

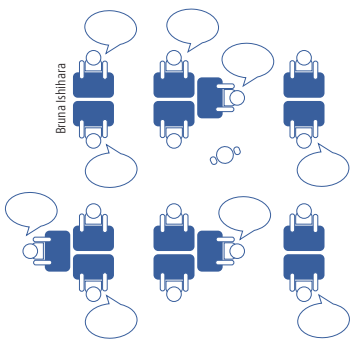
Uma disposição em duplas, trios ou em pequenos grupos, por exemplo, favorece a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento de habilidades sociais. A disposição em "U" ou em semicírculos estimula o debate e a participação ativa, pois todos podem ver uns aos outros. As configurações em "U", semicírculos ou grupos pequenos promovem interações que favorecem a escuta, o diálogo e o trabalho em equipe, pilares das metodologias ativas. A formação em fileiras pode ser mais eficiente para manter o foco na explicação. É importante que você, professor, seja flexível e adapte a organização, buscando sempre um ambiente confortável e produtivo.



Formação em "U" ou semicírculo.



Formação em pequenos grupos.



Formação em duplas ou trios.

IV. A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Muitos são os documentos que embasam e norteiam a Política de Educação Inclusiva no Brasil. Entre eles, destacam-se a Constituição da República Federativa Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

É necessário, antes de tudo, que se reconheça o direito de todos os estudantes à aprendizagem e ao pleno desenvolvimento de seu potencial. Também é fundamental que você se debruce sobre o estudo da inclusão escolar, para que possa planejar e realizar o trabalho didático-pedagógico em uma perspectiva inclusiva.

A coleção propõe abordagens que valorizam a singularidade e, com isso, a diversidade como potência criativa. É possível, entre as linguagens da Arte, perceber possibilidades. Nas artes visuais, por exemplo, há o destaque ao contato tátil na manipulação de materiais, nas obras tridimensionais, mesmo em estudantes com deficiência visual ou motora. No teatro, os jogos dramáticos e a improvisação podem ser trabalhados com os estudantes que possuem deficiência intelectual, autismo ou deficiências de linguagem por meio de expressões corporal, gestual ou visual. A dança permite ao estudante trabalhar o seu corpo como instrumento de expressão. Por meio de movimentos espontâneos, o estudante [illegible] repertório, percebendo a singularidade de seu corpo dentro de sua deficiência. O estudante em cadeira de rodas ou com deficiência motora pode se expressar com braços, expressões faciais, respiração, oralidade, interagindo com os colegas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A inclusão escolar refere-se à garantia de participação ativa, pertencimento e aprendizagem significativa para todos os estudantes, independentemente de suas características, condições ou necessidades (Mantoan, 2003).

Nessa perspectiva, o professor deve oferecer aos estudantes condições equitativas de aprendizagem por meio da realização de adaptações e flexibilizações curriculares e da utilização de estratégias pedagógicas inclusivas.

A adaptação curricular compreende um conjunto de práticas e estratégias pedagógicas voltadas a garantir o acesso de todos os estudantes ao currículo, mediante ajustes e modificações que considerem suas particularidades.

A seguir, alguns exemplos de adaptação.

- Nas atividades: apresentação de textos mais curtos, uso de imagens, materiais concretos, jogos, vídeos, tecnologias digitais e assistivas.
- Nas avaliações: uso de portfólios, autoavaliações, apresentações orais, dramatizações e registros por diferentes meios que não apenas o escrito. No caso de provas escritas, deve-se usar fontes não serifadas, em tamanho maior que o habitual; reduzir a quantidade de questões, mantendo o foco nas habilidades essenciais; usar comandos claros e objetivos; conceder tempo adicional para a realização da prova; possibilitar que a prova seja realizada em sala separada; oferecer apoio de um profissional para leitura de textos e consignas (ledor) e/ou transcrição de respostas (escriba).

Estratégias pedagógicas inclusivas consistem em ações intencionais que adaptam o ambiente, os métodos e os recursos educativos, a fim de garantir que todos os estudantes possam participar das atividades propostas e aprender juntos (Sassaki, 2006).

A seguir, algumas sugestões:

- atividades em duplas e em pequenos grupos, a fim de estimular a interação, o diálogo e a colaboração entre os estudantes;
- jogos e atividades lúdicas que favoreçam o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, com as adaptações necessárias para torná-los acessíveis aos estudantes com diferentes tipos de deficiência;
- linguagens e recursos variados, como música, dança, desenho, pintura, escultura, teatro, vídeos, mapas mentais, entre outros, para estimular o desenvolvimento de diferentes habilidades e formas de expressão;
- rodas de conversa, a fim de estimular a interação, o diálogo, a expressão de pensamentos e sentimentos, valorizar as experiências dos estudantes e promover o senso de pertencimento.

V. AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO: REVISITAR O QUE FOI EXPERIMENTADO

Os processos avaliativos fazem parte da vida pedagógica do professor e não podem ser compreendidos apenas como resultado de um produto finalizado, principalmente em Arte, em que é importante assegurarmos ao estudante que ele pode criar seus próprios processos sem avaliação que defina certo ou errado ou bonito ou feio.

Se não avaliamos o resultado, o que avaliamos em Arte? Avaliamos percursos investigativos trilhados. Experiências realizadas para chegar a experimentações significativas. O fazer e refazer, o investigar e pesquisar, o experimentar diferentes materialidades e diferentes processos de criação, de forma similar ao processo de realização de artistas visuais, atores, dançarinos e músicos que experimentam muitas vezes a mesma atividade para encontrar uma forma singular de executá-la.

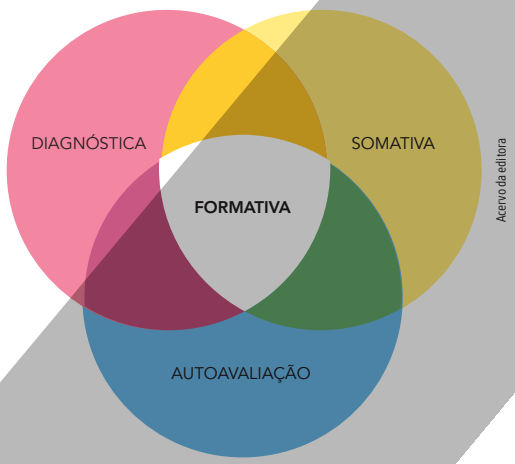
Ao consultar o significado da palavra **percurso**, vemos que, entre vários sentidos, ela indica a trajetória percorrida por um corpo em movimento. Ao transportar essa perspectiva para o estudo de Arte, esse corpo em movimento é o do estudante em seu processo criativo, com os elementos e as materialidades [illegible] próprio contexto, e o movimento do professor, observando por vários lados e reunindo diferentes "informações" entre a diversidade dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Não estamos falando, portanto, de uma investigação avaliativa, classificatória e comparativa entre os estudantes, uma vez que cada um tem origem e trajetória distintas, além de características individuais e maneiras singulares de se expressar. O importante é ter como ponto de partida o conhecimento prévio do estudante, que é um dos princípios básicos comprometidos com a aprendizagem ativa.

Em complemento, deve haver trabalho constante com a avaliação formativa, reforçando-se que essa proposta avaliativa é *para a aprendizagem*, e *não da aprendizagem*.

ABORDAGENS AVALIATIVAS



Acervo da editora

Esquema de abordagens avaliativas. A avaliação diagnóstica se soma à avaliação somativa e à autoavaliação para fazerem parte da avaliação formativa. Nessa perspectiva, não há o uso da avaliação para apontar mérito ou demérito, mas como recurso para organizar estratégias para a formação completa do estudante.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Em cada Livro do Estudante, há uma dupla de páginas logo na abertura das unidades que oferece a possibilidade de análise de imagens por meio de atividades propostas, cuja finalidade é que seja o início da prática de diagnosticar conhecimentos prévios. O objetivo é propiciar aos estudantes a oportunidade para expressarem seus aprendizados dos anos anteriores. Porém, mais do que propiciar a realização das atividades, é importante escutar o estudante, conversar sobre a prática desenvolvida, reservando tempo para que cada um se posicione sobre o que fez e o significado que teve para si.

Isso significa romper com a proposta de trabalhar conteúdos predeterminados. É preciso, ao contrário, construir e adequar os conteúdos e temas conforme os interesses e as necessidades. A escuta dos estudantes está diretamente associada à concepção de educação que valoriza o protagonismo deles, como solicita a BNCC, e relacionada à descoberta coletiva do grupo, expressa nos exercícios, nas investigações, nas produções e na criação do conhecimento.

Essa avaliação diagnóstica não deve ficar restrita ao começo do ano ou de uma unidade, mas ser contínua ao longo do ano, ao lado dos demais recursos avaliativos, de modo que você seja levado a refletir sobre o próprio fazer pedagógico, observando as conquistas e os avanços dos estudantes; e, para estes, constitui uma revisão do que foi realizado, consolidando o que foi aprendido.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

As avaliações formativas, também conhecidas como avaliações de processo, necessitam ser compreendidas não como um recorte isolado dentro de um conjunto de atividades, mas como um olhar amplo, capaz de perceber que uma ação tem um antes e um depois na mesma experimentação ou em mais de uma experimentação na construção de um percurso criativo.

É uma ação que leva à reflexão, à formação de pensamento próprio acerca de aspectos significativos da atividade desenvolvida. O estudante exerce, assim, o papel de coautor no desenvolvimento de sua aprendizagem, um dos principais focos da avaliação formativa.

As avaliações de processo ocorrem inúmeras vezes ao longo do ano letivo. Variá-las permite ao docente ter múltiplas percepções da aprendizagem do estudante e do desenvolvimento de suas competências. Outra possibilidade é proporcionar momentos de apresentação do trabalho realizado, estabelecendo um tempo para cada estudante apresentar e contar como foi seu processo investigativo. A soma das apresentações permitirá ao professor avaliar se os objetivos da proposta foram alcançados.

A devolutiva da avaliação em cada etapa tem o objetivo de direcionar o estudante em seu desenvolvimento e avaliar sua atuação ao experienciar os códigos das linguagens em seus trabalhos, sozinho ou em grupo.

AUTOAVALIAÇÃO

São múltiplas as possibilidades de avaliações ao longo do processo. A autoavaliação é um exemplo de avaliação formativa e pode partir de uma pergunta provocativa, acompanhada de "por quê", propiciando ao estudante ampliar sua reflexão e organizar seu pensamento, formar opinião e argumentar na resposta. A autoavaliação pode estar incluída na etapa diagnóstica, no processo ou no resultado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

AVALIAÇÃO SOMATIVA

No trabalho com o componente curricular de Arte, é necessário entender a avaliação somativa, também conhecida como avaliação de resultado, não como um instrumento para medir o que o estudante aprendeu com a prática, no sentido linear, mas o quanto ele percorreu, investigou, pesquisou e construiu em um processo criativo. O protagonismo do estudante está também relacionado com o quanto ele se propõe a fazer investigações criativas, de acordo com seu perfil.

A avaliação de resultados desta coleção consiste em propostas que partem dos objetivos de aprendizagem estabelecidos e das reflexões que você fizer sobre desempenho ao longo do ano, as quais necessitam ser consideradas como recursos para mapear o que foi significativo para os estudantes.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

O psicólogo Lev Vygotsky (2001), na obra *A construção do pensamento e da linguagem*, identificou que não é possível conceber o processo de aprendizagem humano sem vincular a história de vida de cada indivíduo, bem como o seu contexto social, histórico e cultural.

A perspectiva de Vygotsky destaca a importância de conhecer as ideias prévias dos estudantes como ponto de partida para a construção de novos conceitos em sala de aula. Dessa forma, adotar estratégias para identificar esses conhecimentos se torna essencial para o planejamento das aprendizagens.

A seguir, apresentamos algumas possibilidades para a Arte.

- Proposição de situações-problema que desafiem os estudantes a mobilizar seus conhecimentos para resolver a proposta.
- Observar como os estudantes constroem sentidos por meio da oralidade, de textos verbais e visuais; propondo situações para expressarem seus pensamentos, sentimentos e valores.
- Propor atividades de exploração e a manipulação de materiais das linguagens da arte, com o objetivo de observar como os estudantes os utilizam e se expressam por meio deles.
- Apresentar diferentes imagens, estáticas e em movimento, das diversas linguagens da arte, com o objetivo de observar a percepção, as interpretações e as reações dos estudantes. Organizar situações em grupo para observar a interação e as atitudes dos estudantes nesses momentos.
- Incentivar a criação de portifólios, registros no caderno de artista, seminários, saraus, debates orais, entre outras formas de expressão que permitam acompanhar as etapas do processo de aprendizagem e compreender as experiências, reflexões e escolhas dos estudantes.

VI. MATRIZ DE PLANEJAMENTO DE ROTINA E DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A Sequência Didática (SD) é uma ferramenta didático-pedagógica que apresenta um conjunto de atividades organizadas para que a aprendizagem aconteça de forma progressiva, com base em objetivos educacionais definidos pelo professor, de acordo com o planejamento pedagógico e currículo em cada unidade escolar.

Estruturar o planejamento pedagógico utilizando a SD por meio de uma matriz pré-estabelecida é uma maneira de otimizar o tempo docente, traçar um percurso para o acompanhamento das aprendizagens, identificar oportunidades para intervenção e efetivar as aprendizagens essenciais. Para o planejamento e elaboração de uma SD, é importante:

- delimitar as competências gerais, específicas, habilidades da disciplina e socioemocionais que serão foco na SD;
- esboçar os temas da SD e definir a quantidade de aulas necessária para desenvolvê-los.
- levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema e analisar o nível de desenvolvimento deles em relação às competências e habilidades em foco, como ponto de partida a fim de promover uma aprendizagem significativa;
- descrever os objetivos de aprendizagem considerando a progressão de complexidade apresentada na BNCC, priorizando um ou dois objetivos por aula;
- organizar e propor estratégias didáticas que favoreçam o desenvolvimento das habilidades e competências previstas. Se houver tempo, pesquise metodologias práticas e dialogue com docentes de outros componentes curriculares para estabelecer conexões e apoio mútuo no planejamento;
- planejar cada aula da SD com um passo a passo, incluindo tempo estimado, materiais, recursos necessários e momentos de avaliação, tanto formativa, ao longo do processo, quanto somativa, ao final;
- rever ou adequar o que for necessário, após o primeiro esboço completo da SD e após cada aula, incorporando retomadas com base nas avaliações realizadas, a fim de consolidar as aprendizagens esperadas.

Todas essas ações precisam ser registradas, organizadas e acompanhadas ao longo de cada ciclo do calendário escolar. Para apoiar esse processo, segue um **exemplo de matriz de SD:**

Componente curricular e ano: Arte – 1º ano
Número da SD: 1

Objetivos da SD: (numerados e contemplando habilidades e competências específicas e socioemocionais)

Número de aulas (tempo estimado):

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Aula	Objetivos	Passo a passo	Estratégia avaliativa	Materiais e recursos
1 D/M/A	1 e 4	• (10 min.) Verificar conhecimentos prévios usando cartas com perguntas: (elenca as perguntas) • (5 min.) Passar o vídeo... • (10 min.) Roda de conversa sobre o tema do filme. • (15 min.) Produção em grupo... • (5 min.) Fechamento da aula.	Observação da participação e engajamento	• Impressão das cartas. • Equipamentos para projeção audiovisual. • Folhas de papel sulfite.

Destacamos o trabalho da equipe escolar quando existe um documento estruturado para o registro da rotina diária e semanal do docente regente e sua turma. Trata-se da matriz de planejamento de rotina, na qual o docente organiza o fluxo das atividades de acordo com as demandas escolares e as necessidades dos estudantes, estabelecendo uma sequência que otimiza o tempo e, por isso, favorece a aprendizagem a cada dia e ao longo da semana.

Na matriz de planejamento de rotina não é necessário detalhar cada atividade, visto que essa é a função do planejamento da SD. A matriz de sugestão de rotina é um documento que pode ser atualizado continuamente e favorece o fluxo de informações entre o docente e a coordenação pedagógica, colaborando para o alinhamento institucional.

VII. ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO

A PROPOSTA PEDAGÓGICA E A ESTRUTURA DA COLEÇÃO

SEÇÕES E BOXES DA COLEÇÃO

Acompanhe, a seguir, o descritivo das seções e boxes que compõem a coleção.

Seções temáticas

São partes especiais do livro com a função de aprofundar a matéria estudada e buscam oferecer assuntos interessantes que, muitas vezes, trabalham os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), a interdisciplinaridade ou, no caso das atividades, a sistematização do conteúdo abordado.

Abertura da unidade

A abertura de unidade propõe uma reflexão sobre temas contemporâneos, por meio da observação das imagens e da oralidade, oferecendo um momento inicial de compartilhamento de informações em que a arte se faz presente. Tem como função também colher os conhecimentos prévios dos estudantes, [illegible] recurso de avaliação diagnóstica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sentir e experimentar

Trata-se da seção que inicia a exploração do conteúdo que será trabalhado nas unidades de cada livro. A escolha das expressões "sentir" e "experimentar" tem profundo significado por serem estes os verbos norteadores da proposta pedagógica da coleção. Quando falamos em **sentir**, estamos nos referindo a dar visibilidade à sensação e à percepção sensível do estudante por meio dos sentidos. Quando falamos em **experimentar**, nos referimos ao sentido que o pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía dá à palavra "experiência", reiterada nos verbos cognitivos das habilidades na BNCC de Arte – em que cada verbo busca sinalizar uma ação.

Larrosa afirma que "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Bondía, 2002, p. 21).

O autor enfatiza que experiências são aquelas vivências que nos "atravessam" e sensibilizam, tornam-se significativas, no sentido de ser algo que toca e transforma. Se afirmarmos que todo aprendizado traz conhecimentos novos, e, portanto, transformações, dizemos que aprender significa ver com novos olhos ou um novo jeito de sentir e entender o que nos cerca. De acordo com essa afirmação, compreendemos que são as experiências significativas que geram aprendizados e que elas são o caminho a ser percorrido em sala de aula.

Nesse sentido, entendemos que o estudante dos primeiros anos está dando continuidade a seus conhecimentos, porém agregando novos aprendizados e estes necessitam ser tão significativos como as descobertas transformadoras dos anos anteriores.

Giramundo

Seção em que há destaque às abordagens interdisciplinares. Sempre que afirmamos que a Arte é composta de quatro linguagens artísticas específicas – artes visuais, dança, música e teatro –, fica implícito que ela também é a expressão de suas combinações interdisciplinares. É o conceito atual de hibridismo nas artes que amplia a compreensão da interdisciplinaridade com múltiplos elementos expressivos que se relacionam entre si.

Para Ivani Catarina Arantes Fazenda (2008, p. 94), estudiosa de interdisciplinaridade, cada componente curricular deve ser analisado por meio dos saberes que abarca e não do lugar que ocupa na grade curricular. Assim, as propostas apresentadas ocorrem sem a descaracterização do que é próprio de cada uma, mas um diálogo que amplia uma nova forma de aprender e ensinar.

Essa proposta possibilita, desde os Anos Iniciais, reunir saberes (conjunto de conhecimentos) e conectá-los ampliando a formação do estudante.

Construir um mundo melhor

Seção que busca dar continuidade aos aprendizados de valores presentes desde a Educação Infantil, como o respeito, a solidariedade e a empatia. Abordar a igualdade e o respeito às diferenças, a contribuição de cada indivíduo e a sustentabilidade da comunidade são pontos fundamentais.

Geralmente, o trabalho com esse conteúdo é finalizado com atividades práticas relacionadas às artes e visa ampliar a sensibilização e percepção dos estudantes para a defesa da diversidade e dos direitos humanos.

Revendo o que aprendi

Seção ao final de cada unidade. Retoma conteúdos estudados, por meio de atividades variadas, com destaque para práticas que consolidem os assuntos abordados. Aproveite esse momento para verificar as aprendizagens dos estudantes e retomar o que for necessário, antes de avançar com os estudos seguintes.

Para saber mais

Traz informações e curiosidades extras sobre o conteúdo trabalhado ou sobre o tema da unidade. Busca aprofundar o assunto em estudo de modo a ampliar conhecimentos.

Conhec

Apresen imento artístico ou a manifestação estudada. Pode ser tanto dados biográficos, percurso artístico ou informação relevante sobre um projeto artístico específico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Periscópio

Momento em que há indicação de recurso textual, audiovisual ou que possa ser visitado e, assim, ampliar os conhecimentos a respeito do conteúdo que está sendo estudado.

Glossário

Traz explicação de termo para auxiliar o estudante na compreensão do conteúdo e enriquecer seu vocabulário.

ÍCONES

Atividades

Em todos os volumes da coleção há ícones que indicam e sugerem o modo de organização e abordagem dos estudantes para a realização das atividades.



Temas Contemporâneos Transversais



Objetos digitais

Indicam a oportunidade de trabalho com objetos digitais.



CHEGANDO AO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao longo deste percurso, você irá conhecer a maneira de ser e se expressar dos seus estudantes. Aproveite este momento inicial para estimular a curiosidade deles a respeito do que será trabalhado nesses anos. O espaço escolar, como apontado anteriormente, é um bom começo.

A escola é um território de descobertas, e é importante que os estudantes possam conhecê-la como parte do seu próprio corpo no mundo. Como professor de Arte, você tem a possibilidade de transformar esse primeiro contato em um gesto poético de acolhida, escuta e expressão.

Incentive a curiosidade dos estudantes oferecendo os materiais disponíveis em sala de aula, como instrumentos musicais ou materiais de desenho, pintura, modelagem, e deixe que os estudantes os explorem com liberdade. Um som do corpo, uma careta, um traço espontâneo ou uma dança improvisada são formas legítimas de se expressar e de se conhecer. Esses pequenos gestos se conectam aos temas que você vai trabalhar ao longo desses dois anos.

O livro do **1º ano** propõe uma abordagem sensível, inclusiva e lúdica, centrada no corpo, na expressão e na imaginação dos estudantes. Ao longo das quatro unidades, os conteúdos convidam os estudantes a observarem a si mesmos, reconhecerem suas características, explorarem sons e movimentos com liberdade e criatividade e se expressarem de diferentes formas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 1 – OLHAR PARA NÓS MESMOS

A primeira unidade convida os estudantes a iniciarem um processo de descoberta de si mesmos por meio da Arte. As cores, as linhas, por meio da experimentação observada em diferentes contextos artísticos, são pontos de partida para pensar o corpo como suporte de criação: desenhar, imaginar formas diferentes para o corpo e explorar os movimentos corporais. Também se valoriza a diversidade cultural, com destaque para os povos indígenas do Brasil, suas expressões, saberes e modos de viver.

UNIDADE 2 – DESCOBRIR PELO CORPO

Aqui, o foco se amplia para a observação do próprio corpo. A proposta de atividade prática com um boneco produzido com folhas de alumínio permite perceber as formas, os movimentos e as linhas corporais presentes na dança. Outra maneira de perceber e reconhecer os movimentos corporais está na proposta de observação de coreografias. A unidade também propõe práticas inclusivas, valorizando diferentes modos de ver e ser visto, com destaque para a escuta e o respeito às diferenças.

UNIDADE 3 – MEU CORPO – MUITAS FORMAS DE SE EXPRESSAR

Nesta etapa, o corpo é reconhecido como instrumento expressivo: expressões faciais, gestos, sons e emoções são explorados dentro da linguagem artística. Os estudantes são convidados a dar voz aos sentimentos e acolher as emoções utilizando o corpo como meio de comunicação. Essa unidade reforça a importância da escuta ativa e da empatia como elementos fundamentais para a convivência e a expressão artística.

UNIDADE 4 – DESCOBRINDO OS SONS DO CORPO

A última unidade é dedicada à descoberta dos sons que o corpo pode produzir: palmas, estalos, a voz, a boca, os pés. A percussão corporal, os jogos sonoros e a dança são explorados por meio de brincadeiras que misturam movimento, ritmo e criação. Os estudantes refletem sobre a diversidade sonora e experimentam expressar-se de forma coletiva.

O livro do **2º ano** propõe a valorização da expressão individual e coletiva. Partindo de vivências culturais, os estudantes são convidados a investigar e experimentar as artes visuais, a dança, a música e o teatro no contexto da manifestação Bumba Meu Boi. Ao longo das unidades, a Arte é apresentada como forma de expressão e identidade, fortalecendo a convivência em grupo e promovendo o respeito à diversidade e o reconhecimento da cultura brasileira.

UNIDADE 1 – TUDO PODE SER SOM

A unidade propõe aos estudantes uma exploração do universo dos sons. Através da escuta e da experimentação, eles descobrem as qualidades do som e conhecem a família de diferentes instrumentos de percussão. Ao final, criam um painel sonoro, integrando os conhecimentos desenvolvidos ao longo da unidade, reconhecendo diferentes fontes sonoras e diversas formas de produção de som.

UNIDADE 2 – ARTE NO DIA A DIA

Na segunda unidade, a Arte é observada e percebida na diversidade presente no cotidiano. Ao investigar práticas de criação, os estudantes exploram composições bidimensionais e tridimensionais e as possibilidades de combinação entre elas. Experimentam transformar as funções dos objetos do cotidiano, atribuindo a eles novos significados, e observam como a Arte pode surgir com os mais diversos materiais.

UNIDADE 3 – MEU CORPO NO NOSSO GRUPO

A terceira unidade tem como foco o corpo em movimento. Nesta unidade, os estudantes relembram movimentos simples relacionados a danças que envolvem o corpo todo, com o objetivo de direcionar a atenção às partes do corpo. Eles também são convidados a perceber a presença dos colegas com quem compartilham o ambiente escolar e a conhecer traços da cultura local na qual estão inseridos. [illegible] elementos dançantes e formas de [illegible] fortalecendo a ideia do coletivo e de pertencimento, tão presentes nas diversas manifestações culturais brasileiras, além de promover o respeito às tradições culturais e familiares.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 4 – BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR

A última unidade celebra a Arte por meio da encenação, da dança e da música. Os estudantes são estimulados a se aproximarem de elementos da linguagem visual e os explorarem. Percebem e criam expressões na representação de personagens. Exercitam a criação de histórias coletivas, percebendo a diversidade da cultura brasileira.

A diversidade e as linguagens da arte

O estudante, ao não separar racionalmente as linguagens expressivas, como propõe a arte contemporânea, mantém a integridade em suas investigações – o que reduz o risco da estagnação na dicotomia corpo/mente. No trabalho desenvolvido nesta coleção, ele faz explorações e descobertas que o levam dos movimentos da dança à sonorização em diferentes suportes, e sente a expressividade cênica nas expressões faciais, nos trajes e nos cenários. Os estudantes expressam livremente suas percepções e conhecimentos, que incluem a imaterialidade cultural a que cada família/comunidade pertence.

As diferentes formas de expressar ideias, narrativas e experiências vivenciadas ajudam a compreender as dimensões de cada estudante e planejar propostas que abarquem a totalidade física, cognitiva e cultural da turma. Esta coleção aborda o entorno do estudante e sua diversidade, o que é explicitado nas propostas das unidades dos livros que a compõem.

VIII. PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos da coleção no decorrer do ano letivo. Ela foi elaborada com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que preconiza a carga horária mínima anual de 800 horas para o Ensino Fundamental, distribuídas por um mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar (Brasil, [1996], p. [1]).

Assim, o plano de desenvolvimento anual considera o mínimo de 40 semanas letivas para o desenvolvimento de todo o conteúdo proposto, porém valoriza também a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

QUADRO DE CONTEÚDOS

1º ANO		
Unidade	Conteúdos	BNCC E TCTs
1º BIMESTRE		
1 Olhar para nós mesmos	• Criação de autorretratos e personagens imaginários, combinando elementos humanos, animais e vegetais. • Observação e análise de obras de artistas indígenas e lendas brasileiras. • Exploração de linhas, formas e cores para expressar sentimentos e narrar histórias visuais. • Experimentação com o corpo como suporte artístico, incluindo pintura corporal e formação de personagens imaginários em grupo. • Investigação e produção de tintas utilizando materiais naturais como flores, folhas, terra, café e colorau. • Leitura e interpretação de texto sobre identidade, respeito e convivência com diferentes culturas.	**Competências gerais**: 1, 3, 6 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 8, e 9 **Habilidades**: EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR24 e EF15AR25 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão **TCT**: Multiculturalismo
2º BIMESTRE		
2 Descobrir pelo corpo	• Exploração do corpo como forma de expressão, percepção e descoberta do espaço. • Criação de bonecos com papel-alumínio e experimentação de movimentos inspirados neles. • Reconhecimento de formas e texturas por meio do tato, incluindo atividades com olhos vendados. • Observação e interpretação de obras de arte, como pinturas e ações performáticas. • Construção coletiva de retratos e personagens a partir de partes do corpo desenhadas pelos colegas. • Criação de sequências de movimentos e danças inspiradas em formas geométricas e objetos do cotidiano. • Exploração da consciência corporal, promovendo a reflexão sobre o espaço físico e digital. • Leitura de texto sobre inclusão, exercitando a criatividade por meio da audiodescrição, imitação corporal e expressão gráfica.	**Competências gerais**: 1, 3, 6 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3, 4, e 8 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 3, 4, 5 e 8 **Habilidades**: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão **TCTs**: Ciência e Tecnologia e Cidadania e Civismo
3º BIMESTRE		
3 Meu corpo – muitas formas de se expressar	• Exploração das expressões faciais e corporais para reconhecer e representar diferentes sentimentos e emoções. • Criação e imitação de caretas, posturas e movimentos para entender como o corpo comunica sensações. • Exploração de [illegible] com expressões variadas. • Reconhecimento de sons, palavras e músicas como formas de expressão de sentimentos no cotidiano. • Práticas de mímica, jogos corporais e experimentação com "língua inventada". • Reflexão sobre acolher as próprias emoções e compreender os sentimentos dos outros, promovendo empatia e respeito.	**Competências gerais**: 3, 4, 8, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 4 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 4 e 8 **Habilidades**: EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão
4º BIMESTRE		
4 Descobrindo os sons do corpo	• Exploração dos sons produzidos pelo corpo, tanto involuntários quanto intencionais. • Experiências com a voz e a boca, criando sons variados, imitações e experimentos de timbres e intensidades. • Prática de percussão corporal e jogos sonoros coletivos. • Brincadeiras tradicionais e musicais não só com mãos e pés, mas com o corpo todo, integrando movimentos e sons. • Reflexão sobre o uso da voz e do grito, percebendo situações em que diferentes volumes são adequados ou não. • Criação de objetos sonoros e sonorização de histórias, combinando sons do corpo com expressão cênica e musical.	**Competências gerais**: 2, 3, 4, 8, e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 2 e 3 **Competências específicas de Arte**: 1, 2, 4 e 8 **Habilidades**: EF15AR11, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17 e EF15AR23 **Dimensões da Arte**: Fruição, Expressão, Estesia, Criação, Reflexão

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2º ANO		
Unidade	**Conteúdos**	**BNCC E TCTs**
1º BIMESTRE		
1 **Tudo pode ser som**	• Conceito de som como vibração e reconhecimento das qualidades do som (duração, altura, intensidade e timbre). • Exploração e produção de sons com objetos do cotidiano e materiais naturais em atividades dentro e fora da sala de aula. • Investigação dos instrumentos de percussão, suas origens culturais e formas de execução. • Experiência com instalações sonoras e esculturas sonoras, incluindo a criação de obras coletivas e individuais. • Leitura, interpretação e produção de poemas com rimas relacionados a sons e instrumentos musicais. • Reutilização de materiais descartados para criar instrumentos e painéis sonoros, com foco em sustentabilidade e expressão artística.	**Competências gerais**: 3, 4, 5, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3, 4, e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4, e 5 **Habilidades**: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17 **Dimensões da Arte**: Criação, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Multiculturalismo e Meio ambiente
2º BIMESTRE		
2 **Arte no dia a dia**	• Reflexão sobre a arte no cotidiano, com observação de intervenções urbanas e reconhecimento da diversidade cultural. • Criação de autorretratos e retratos colaborativos para explorar a percepção de si e do outro. • Produção artística utilizando objetos do dia a dia, inspirada em obras que ressignificam materiais comuns. • Atividades de improvisação teatral e construção de cenários com elementos disponíveis no ambiente escolar. • Exploração da diversidade e pertencimento por meio de práticas artísticas que valorizam identidades individuais e coletivas. • Criação de jogos de rimas e instalações no espaço escolar.	**Competências gerais**: 3, 4, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4 e 5 **Habilidades**: EF15AR01, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22 **Dimensões da Arte**: Criação, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Cidadania e Civismo e Multiculturalismo
3º BIMESTRE		
3 **Meu corpo no nosso grupo**	• Exploração do conceito de ubuntu. • Experimentação de movimentos e práticas corporais em rodas e danças coletivas. • Ciranda, marabaixo, congada e maracatu. • Reconhecimento de formas geométricas nos corpos e nos espaços, aplicadas em formações de dança. • Construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis para acompanhar toadas e brincadeiras sonoras. • [illegible] ões, com entrevistas e apresentações para valorizar identidades culturais. • [illegible] ção de voz, movimento e percussão corporal para reforçar a relação entre som, corpo e cultura.	**Competências gerais**: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 7, 8 e 9 **Habilidades**: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17, EF15AR24, EF15AR25 **Dimensões da Arte**: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Saúde, Meio ambiente, Multiculturalismo e Cidadania e Civismo
4º BIMESTRE		
4 **Brincar, representar, dançar e tocar**	• Bumba Meu Boi como manifestação cultural popular que integra teatro, música, dança e artes visuais. • Exploração dos personagens, narrativas e alegorias presentes nos folguedos brasileiros. • Criação coletiva de histórias, personagens e cenários inspirados em festejos populares. • Confecção de alegorias, máscaras e fantoches com materiais diversos para representação teatral. • Vivência de danças, músicas e movimentos típicos de festas que têm o boi como figura principal. • Reflexão sobre o trabalho coletivo e a cooperação em situações de grupo. • Organização e apresentação de uma peça teatral com figurinos, cenário e convite para o público.	**Competências gerais**: 1, 3, 4, 6, 9 e 10 **Competências específicas de Linguagens**: 1, 2, 3 e 5 **Competências específicas de Arte**: 1, 3, 4, 6, 8 e 9 **Habilidades**: EF15AR03, EF15AR06, EF15AR07, EF15AR11, EF15AR18, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25. **Dimensões da Arte**: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão **TCTs**: Multiculturalismo e Economia

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Cronograma bimestral

1º bimestre – 1º ano	Unidade 1	Semanas 1 a 10
2º bimestre – 1º ano	Unidade 2	Semanas 11 a 20
3º bimestre – 1º ano	Unidade 3	Semanas 21 a 30
4º bimestre – 1º ano	Unidade 4	Semanas 31 a 40
1º bimestre – 2º ano	Unidade 1	Semanas 1 a 10
2º bimestre – 2º ano	Unidade 2	Semanas 11 a 20
3º bimestre – 2º ano	Unidade 3	Semanas 21 a 30
4º bimestre – 2º ano	Unidade 4	Semanas 31 a 40

Cronograma trimestral

1º trimestre – 1º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 13
2º trimestre – 1º ano	Unidades 2 (continuação) e 3	Semanas 14 a 27
3º trimestre – 1º ano	Unidades 3 (continuação) e 4	Semanas 28 a 40
1º trimestre – 2º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 13
2º trimestre – 2º ano	Unidades 2 (continuação) e 3	Semanas 14 a 27
3º trimestre – 2º ano	Unidades 3 (continuação) e 4	Semanas 28 a 40

Cronograma semestral

1º semestre – 1º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 20
2º semestre – 1º ano	Unidades 3 e 4	Semanas 21 a 40
1º semestre – 2º ano	Unidades 1 e 2	Semanas 1 a 20
2º semestre – 2º ano	Unidades 3 e 4	Semanas 21 a 40

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. de; GODOY, K. M. A. de. *Dança com crianças*: propostas, ensino e possibilidades. Curitiba: Appris, 2018.
As autoras oferecem instrumentos ao professor para atuar com práticas pedagógicas na dança.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 19, p. 20-169, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.
O autor reflete sobre a educação e a importância de vivências significativas na sociedade.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 abr. 2025.
Lei que definiu princípios e fins da Educação no Brasil, além de direitos e deveres de cidadãos e Estado.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.
A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Métodos de diagnóstico inicial e processos de avaliação diversificados. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, [201-?]. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/194-metodos-de-diagnostico-inicial-e-processos-de-avaliacao-diversificados. Acesso em: 14 abr. 2025.
O documento enfatiza a importância de verificar o que os estudantes sabem para escolher estratégias e estimular novos saberes.

BRITO, T. A. *Um jogo chamado música*: escuta, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.
A autora aponta que a música amplia a escuta, desperta sensações e valoriza a natureza musical infantil.

BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
O autor aborda a função social e o significado do brinquedo e investiga como a criança se utiliza dos objetos para brincar.

COCCHIARALE, F. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2006.
O livro aborda, de forma acessível, a arte contemporânea e os desafios de sua compreensão.

CORNELL, J. C. *Vivências com a natureza*: guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Instituto Romã, 2021.
O livro reúne jogos e brincadeiras que conectam corpo e natureza, incentivando valores como respeito e amizade com os seres vivos.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.
O livro traz uma abordagem teórica e prática da interdisciplinaridade no currículo e na formação docente.

GODOY, K. M. A. de (org.). *Estudos e abordagens sobre metodologias de pesquisa e ensino*: Dança, Arte e Educação. Curitiba: Appris, 2020.
Metodologias voltadas para o ensino e práticas pedagógicas desenvolvidas por vários pesquisadores nas áreas de Dança, Arte e Educação.

KARÓLY, O. *Introdução à música*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
Um livro destinado ao leitor leigo em teoria musical que proporciona compreensão básica para o entendimento da linguagem.

KOPPE, V. M. Slow fashion e *a teoria das cinco peles de Hundertwasser no desenvolvimento de uma plataforma virtual de tendências*. 2019. Dissertação (Mestrado em *Design* de Vestuário e Moda) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
Inspirado na obra *As cinco peles*, de Hundertwasser, a autora defende o consumo consciente para futuras gerações.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.
No livro, o famoso dançarino e coreógrafo explica o movimento corporal alinhado ao tempo e ao espaço.

LOEWENSTEIN, G. The psychology of curiosity: a review and reinterpretation. *Psychological bulletin*, [*s. l.*], v. 116, n. 1, p. 75-98, 1994.
O autor aborda a importância da curiosidade no desenvolvimento da criança.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
A obra traz reflexões e orientações práticas para efetivar a inclusão escolar no cotidiano docente.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. *Teoria e prática do ensino de arte*: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.
O livro aborda o ensino da arte como linguagem vital, unindo teoria e práticas que estimulam expressão e pensamento crítico.

MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho*: a educação do educador. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
A autora explora o desenho sob a ótica de educador e estudante, ligando escola à formação do ser poético.

NÓBREGA, A. Entrevista cedida a Antônio Abujamra. PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – Bloco 01. São Paulo: TV Cultura, [2012]. 1 vídeo (ca. 10 min). Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html. Acesso em: 27 abr. 2025.
Entrevista com Antônio Nóbrega sobre cultura popular, folclore, arte, tecnologia e cultura de massa.

PILLAR, A. D. *Fazendo artes na alfabetização*: artes plásticas e alfabetização. São Paulo: Geempa; Porto Alegre: Kuarup, 1993.
A autora destaca que a fruição e expressão das artes visuais ampliam a compreensão infantil das vivências.

RACY, C.; ALMEIDA, R.; LANDAU, T. F. Cultura brasileira na educação infantil: como fazer essa conexão? Entrevista cedida a ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. *Tempo de Creche*, São Paulo, 9 abr. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/7865-2/. Acesso em: 4 maio 2025.
O artigo propõe maneiras de integrar a cultura brasileira ao cotidiano da Educação Infantil.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Ciclo da curiosidade e da aprendizagem... na prática! *Tempo de Creche*, [São Paulo], 29 jan. 2017. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/ciclo-da-curiosidade-e-da-aprendizagem-na-pratica-2/. Acesso em: 14 abr. 2025.
As autoras constroem o percurso da aprendizagem infantil gerado pela curiosidade da criança.

ROSSET, J. M.; WEBSTER, M. H.; RIZZI, M. A. Curiosidade e investigação: caminhos para planejar um ano de descobertas. *Tempo de Creche*, [São Paulo], 7 dez. 2016. Disponível em: https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/curiosidade-e-pedagogia-da-investigacao-caminhos-para-2017/. Acesso em: 7 maio 2025.
Com base na pesquisa de Gisela Wajskop, o artigo posiciona a relação entre a curiosidade da criança e o seu desenvolvimento.

SALLES, C. A. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Intermeiros, 2011.
O livro investiga o processo criativo nas artes, valorizando o percurso mais que o produto final.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
A obra propõe uma reflexão crítica sobre currículo integrado, globalização e ensino interdisciplinar.

SANTOS, V. L. B. *Brincadeira e conhecimento*: do faz de conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.
A autora aborda a representação infantil iniciando pela brincadeira e fazendo relações com o teatro.

SASSAKI, R. K. *Inclusão*: construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
A obra apresenta diretrizes e ações para tornar a sociedade inclusiva.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
A autora apresenta jogos de improvisação teatral úteis à formação de atores, crianças e jovens.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
O autor analisa as relações entre linguagem e pensamento no desenvolvimento humano.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução: Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
O autor mostra que a imaginação infantil é vital ao desenvolvimento e ligada às vivências e ao meio sociocultural.

ZABALA, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo*: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.
Essa obra apresenta reflexões sobre organização curricular a partir de métodos globalizadores e do pensamento complexo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL